



O PODER DA MENTE HUMANA

EDIÇÕES LOYOLA **são paulo**

Entre os fenômenos parapsicológicos do conhecimento destacam-se pela sua importância a telepatia e a precognição. Nestas manifestações de nosso psiquismo, agora pela primeira vez estudadas com rigor científico, se encontra a explicação natural de tantos fatos "misteriosos" que foram interpretados erroneamente através dos séculos: adivinhações, "aparições" de mortos, comunicações do "além", apatúgio hoje quase que exclusivo do ocultismo, espíritoismo...

O autor estuda neste tratado as diversas formas de telepatia, algumas pouco conhecidas como a telepatia sobre o inconsciente excitado e a sugestão telepática em suas formas espontâneas e experimentais. Nos capítulos dedicados à precognição analisa cientificamente o grave problema do conhecimento natural do futuro.

CONTRÔLE CEREBRAL
E EMOCIONAL _____ 1

PSICANÁLISES DE
ONTEM _____ 2

PSICANÁLISES DE
HOJE _____ 3

A FACE OCULTA DA
MENTE (TOMO 1) _____ 4

A FACE OCULTA DA
MENTE (TOMO 2) _____ 5

OS GRANDES MÉDIUNS 6

FUNDAMENTO DO
HATHA YOGA _____ 7

PRÁTICA DO HATHA
YOGA _____ 8

O DOMÍNIO DE SI... 9

OSCAR G. QUEVEDO

Professor de Parapsicologia, diretor do Laboratório de Parapsicologia e Decano do Departamento de Educação nas Faculdades Anchieta de São Paulo. É também membro de honra do "Instituto de Investigações Parapsicológicas" de Córdoba, Argentina; Diretor do Departamento de Experimentação e Pesquisa do "Instituto Brasileiro de Parapsicologia" do Rio de Janeiro, membro efetivo do "Instituto Paulista de Parapsicologia" de São Paulo.

**A FACE
OCULTA
DA MENTE-II**

5

Direitos Reservados

EDIÇÕES LOYOLA

Rua Vergueiro, 165 — C. Postal 12.958 — Tel.: 278-0304 — São Paulo

Impresso no Brasil

Continuação do
quarto volume



Pseudo-precognições - I

CAUSAS "NORMAIS" DAS PRECOGNIÇÕES APARENTES

Como se averigua o sexo da criança que vai nascer. — É possível profetizar "sim" e "não" ao mesmo tempo e errar ambas as coisas. — Suicídios e crimes devindo a falsos adivinhos.

NA literatura mais ou menos especializada, o fenômeno paranormal de conhecimento do futuro recebe vários nomes ⁽¹⁾. Preferimos os nomes "prognosis" ou "precognição"

(1) Alguns destes nomes são pouco felizes. Falar, por exemplo, em *adivinhação* e *profecia* é pressupor antes de provado que *todos* esses fenômenos são devidos a Deus ou deuses (adivinhação = a divinis, proveniente dos deuses) ou quaisquer outras entidades reveladoras do futuro (um dos significados etimológicos do termo "profecia" é: falar em nome de outro). O mesmo podemos dizer de *premonição* (pre = antes; monitio = aviso) que sugere alguém que avise. *Telestesia temporal*, ao contrário, sugere que a explicação do fenômeno seja uma excitação dos sentidos (tele = longe; estesia = sensação), hipótese que de nenhum modo pode admitir-se hoje para os fenômenos paranormais em geral e menos ainda para o conhecimento paranormal do futuro. O termo *pressentimento*, no conceito vulgar, sugere que se trataria de um fenômeno normal ou extraordinário-normal, não propriamente paranormal do futuro.

("gnósis" em grego e "cognitio" em latim = conhecimento; "pró" e "pre" = antes) que simplesmente denotam o fato do conhecimento antecipado de um acontecimento futuro.

O PROBLEMA — Tanto mais rigorosamente deve ser provada uma tese quanto mais inverossímil parece. E poucas coisas, em épocas de materialismo (quando ruía a Metapsíquica e nascia a Parapsicologia), pareciam tão inverossímeis com a precognição.

São muitos os fatores que podem explicar o conhecimento do futuro sem que tal conhecimento seja verdadeira precognição.

TRUQUES — A fraude (consciente ou inconsciente) deve ser sempre a primeira hipótese.

Um "mago" pode anunciar que sucederá o que êle, em seguida, se encarregará de fazer. Ou pode apresentar como profecia aquilo que se planeja realizar e de que êle se inteirou antes da notícia se espalhar.

Um notável exemplo de truque para garantir uma "profecia" foi dado por NOSTRADAMUS, o Jovem, filho do famosíssimo metagnomo Miguel de NOSTRADAMUS.

Tinha NOSTRADAMUS, o Jovem, anunciado, no exercício de sua "profissão" de astrólogo, que a cidade de Pouzin seria pasto das chamas. Mas não previu que êle mesmo seria morto naquela ocasião. Aconteceu que SAINT-LUC, chefe das forças que cercavam a cidade, o surpreendeu em flagrante, pondo fogo a Pouzin para garantir sua profecia. Loucos ocultos e irresponsáveis...

ESPERTEZA — É clássico o sistema de predizer o sexo da criança que vai nascer. Não falha nunca.

Os pais consultam, confiados, êstes "magos". O "mago" começa por intear-se astutamente do que os pais querem: menino? Prognostica então, com tóda segurança, "menino", mas no seu livro de registros escreve "menina". Nascida a criança, se é de fato menino, os pais convertem-se logo em propagandistas do "mago". Se, pelo contrário, é menina e vão reclamar, o "mago" lhes apresenta o livro onde consta "menina". Os pais, ante a segurança e fama do esperto "mago" e a

contundência da prova, lamentam o engano que padeceram e convertem-se em propagandistas não menos incondicionais.

Os grandes adivinhos recorrem (consciente ou inconscientemente) ao artifício de prognosticar com grande espartezza de estilo ambos os extremos contrários. Mas pode suceder, por inesperado que pareça, que resultem falsos ambos os prognósticos contrários.

Miguel de NOSTRADAMUS fêz a Catarina de MEDICIS o horóscopo de cada um dos seus 11 filhos.

De CARLOS IX prognosticou que seu reinado se veria envolto em grandes guerras. Não era preciso ser vidente para prever, a curto prazo, guerras, pois os acontecimentos que se iam desenvolvendo anunciavam as guerras de religião a qualquer pessoa medianamente avisada. Mas NOSTRADAMUS fêz também o prognóstico contrário, influenciado talvez pelo ambiente de simpatia que despertou o gentil e jovem rei que cingiu a coroa aos dez anos de idade. Sem negar o pessimista horóscopo anterior, prognosticou em seguida que CARLOS IX seria um grande e afortunado rei até chegar à grandeza do seu homônimo CARLOS MAGNO, sem nada dever-lhe em grandes fortunas e qualidades (2).

NOSTRADAMUS se equivocou em ambos os prognósticos: o reinado de CARLOS IX não teve tempo de ver-se cheio de espantosas guerras, embora tenha havido revoluções. E não emulou a CARLOS MAGNO. . . : CARLOS IX morreu aos vinte anos de idade, sem ter realizado nada de notável. Teria sido afortunado ao menos psiquicamente? O jovem rei morreu de asco, horror e remorso, como resultado duma espantosa experiência de adivinhação:

A pedido de sua mãe, a supersticiosa Catarina de MEDICIS, o rei permitiu que um adivinho, monge apóstata, degolasse um menino e pusesse sobre a sagrada mesa do altar a cabeça ensangüentada para realizar a adivinhação. Assegura-se que as últimas palavras de CARLOS IX foram: "Tirai essa cabeça, tirai essa cabeça".

(2) BRANTÔME, "Oeuvres Complètes", Paris, Ed. Societé d'Histoire de France, tomo V, págs. 240-287.

Um prognóstico afirmando os dois extremos contrários e os dois falhos. De nada serviu a esperteza.

Golpes de astúcia como os citados são freqüentíssimos. Os “adivinhos” profissionais fazem longos “estudos” para especializar-se nêles.

IMPRECISÃO DE ESTILO — Na confecção das profecias, misturam-se freqüentemente generalidades que nada dizem, com dados mais ou menos concretos e pouco comprometedores, que dêem ao conjunto a aparência de prognósticos bem definidos.

Mestra na confecção e famosa na especialidade foi a Sra. de THÉBES. O seu estilo é sempre imitado pelos modernos cultivadores de “vaticínios para o ano entrante”.

Lê-se, por exemplo, num dos almanaques da Sra. THÉBES: “Durante a primeira parte de 1905 os soberanos farão falar de si mais do que de costume e pode ser que as soberanas não os imitem. Temo que no começo de 1905 nos vejamos açoitados por uma terrível guerra. Será um ano vermelho, seguindo o ano cinzento. A Inglaterra terá a sua parte de angústias. A Alemanha também terá tristezas. 1905 nos oferecerá a compensação de uma nova vitória no campo da ciência”.

Como se vê, fora do anúncio vago de uma possível guerra que podia ser plenamente previsível (contra a Bélgica), nada de concreto foi dito: difícil será um ano em que essas generalidades não se cumpram perfeitamente.

Para prestigiar seu vaticínio, a vidente apresenta, mas sem se comprometer, dados mais ou menos concretos daquilo que ela deduz (talvez inconscientemente) da observação da situação:

Na segunda parte do ano, haverá perturbações intensas na Bélgica, o porvir é sombrio. Este pequeno país porá mais fogo na Europa do que os famosos Balcãs.

Todo o mundo já “previa” isto antes que a senhora THÉBES o anunciasse. Ela, astutamente, nos deixa definitivamente sem saber se a guerra na Bélgica seria na primeira

ou na segunda parte do ano, ou se de fato haveria guerra ou somente temor de guerra em situação perturbada.

Mas, de fato, sucedeu o que menos se esperava: não houve guerra com a Bélgica nem grandes perturbações, nem a Bélgica “pôs mais fogo na Europa do que os famosos Balcãs”.

Noutros casos, a lógica se realiza mais ou menos, e então todo o vaticínio é considerado como um acêrto empolgante e inegável. O vidente é considerado como possuidor de poderes extraordinários.

CASUALIDADES — São tantos os vaticínios que se fazem, que seria impossível errarem sempre. Não se consideram nunca os inumeráveis fracassos e só se pensa nos êxitos, sem pensar que, muitos dêles, são mera casualidade.

Que alguma vez a “revelação” coincida com a realidade, nada tem de estranho. O estranho seria se nunca coincidissem nem por casualidade. Mas para o “aprendiz de adivinho” o assunto não tem dúvida: esquece as “revelações” que não se realizaram e apresenta satisfeitíssimos as que coincidiram com a realidade ⁽³⁾.

Grande sensação de angústia experimentou uma espôsa em Montpellier, prognosticando a morte trágica e próxima de seu marido, soldado. O prognóstico se realizou com efeito poucos dias depois, na fronteira leste da França.

Magnífico, mas ninguém fala das horas de angústia anteriores e durante as quais a senhora teve o pressentimento da morte próxima do seu marido sem que se realizasse.

Mais ainda, essa mesma senhora teve também o pressentimento de que não veria mais seu filho. Este acabava de partir para uma ausência bastante longa. Apesar de ser a senhora de avançada idade, o pressentimento não se realizou.

(3) Claro está que a casualidade não deve ser invocada quando a “precognição” é *bem* detalhada e se cumpre em todos seus detalhes *especificantes*, como perfeitamente tem esclarecido BERGSON, H.: “L’énergie spirituelle”, Paris, 1924, pág. 74.

Na família (a família do Dr. GRASSET) conta-se o pressentimento que a senhora teve da morte do espôso. Só o Dr. GRASSET contou os pressentimentos falhos dessa senhora e, especialmente, o de que não veria mais seu filho ⁽⁴⁾.

PARAMNÉSIA — Os mesmos casos que se contam, de êxito na precognição, muitas vezes nem foram êxitos, se considerarmos bem os detalhes.

Poderíamos definir a paramnésia aplicando-a ao nosso assunto como lembrança das coincidências mínimas e esquecimento das divergências mais importantes.

A monsenhor LANGENIEUX, quando tinha sete anos de idade disse uma mulher: "Menino, você será bispo e sagrará o rei".

Analisemos o prognóstico: prever que certos meninos serão padres não tem importância nenhuma. Se um dêsse meninos é notadamente inteligente, etc., não é muito difícil prognosticar com alguma probabilidade que chegará a ser bispo. O risco correr-se-ia anunciando que seria bispo de Tarbes, concretamente, ou ao menos que chegaria a arcebispo, pois o foi de Reims. Mas a adivinha não deu nenhum destes dados concretos.

Um detalhe arriscado há no vaticínio: "Você sagrará o rei". Se, por casualidade se tivesse cumprido, o vaticínio seria apresentado como empolgante. Mas Mons. LANGENIEUX não sagrou nenhum rei. . .

Apesar de tudo, o vaticínio é considerado como importante ⁽⁵⁾. Na realidade só é importante como prova da paramnésia: acreditou-se que se realizou o vaticínio porque se realizou o detalhe menos importante dêle, esquecendo-se os outros detalhes, presentes ou ausentes, que realmente seriam os característicos.

(4) GRASSET, J.: "L'Occultisme hier et aujourd'hui. Le Merveilleux préscientifique", 2.^a ed., Montpellier Coulet, 1908 (1.^a ed., Paris, Masson, 1907), págs. 335 e 338.

(5) "Echo de Merveilleux", 1904, pág. 451.

Lendo-se muitos casos dos que se apresentam como “precognições”, logo se percebe um fato típico, geral: as “precognições” escritas “post factum” parecem empolgantes; escritas, porém “ante factum”, é necessária uma dose enorme de boa vontade, para ver nelas algum êxito, mesmo que tais “precognições” sejam depois contadas por pessoas fidedignas. Aplica-se, simplesmente, aqui uma lei de psicologia humana da que não é nada fácil livrar-se.

“É necessário examinar os relatos até o extremo. É importante suspeitar das paramnésias, que fazem acreditar, com toda boa fé, que não se trata de um acontecimento diferente... Às vezes, a alteração da memória é tão intensa que afirma haver tido uma premonição não havendo nada disso” (6).

INIBIÇÃO — Deu-se grande importância ao caso do senhor JUTTET.

Ele tinha dito: “Tenho medo dos automóveis. Tenho o pressentimento de que morrerei num acidente de automóvel”. E assim foi (7).

Ora, para julgar o valor dêste fato, seria necessário, em primeiro lugar, pô-lo em confronto com o número imenso de pessoas que tiveram semelhantes pressentimentos com respeito ao automóvel, trem ou avião e que nunca se realizaram. Em segundo lugar devemos ter em conta o papel da inibição.

A uma consulente minha, “um espírito” (?) anunciara, entre outras coisas, que morreria a começos de 1964 em acidente automobilístico. A consulente, uma senhorita de 22 anos, A. M., de S. Paulo, ficava materialmente rígida, imóvel, cada vez que cruzava por diante de um automóvel.

Felizmente consegui liberá-la de outros sintomas patológicos (achava-se “possuída pelos espíritos” (!?), falava línguas estrangeiras desconhecidas para ela, padecia fortes

(6) RICHET, Charles: “Traité de Métapsychique”, 2.^a ed., Paris, Alcan, 1923, pág. 456.

(7) “Echo de Merveilleux”, 1905. 377.

crises de angústia...), e assim consegui também que os sobrepusesse à inibição que quase fez "conseguir" que a profecia se cumprisse. Já estamos a fins de 1964, novembro, com o que o mêdo desapareceu por completo da jovem, aliás, agora gozando de perfeita saúde.

SUGESTÃO OU AUTO-SUGESTÃO — Uma velha lenda islândica explica-nos perfeitamente o caso das aparentes pre-cognições que na realidade são sòmente sugestão para o futuro.

Havia uma grande festa em honra de INGIMUND. Numa espécie de trono elevado e ricamente adornado estava uma adivinha para predizer o futuro dos homens presentes que quisessem aproximar-se dela para êste passatempo. De todos os homens presentes só INGIMUND e seu amigo INGJALD, precisamente por serem talvez os mais sugestionáveis e temerosos da adivinhação, conservaram-se afastados da adivinha.

A adivinha perguntou porque INGIMUND não indagava seu futuro, sendo precisamente êle o homenageado naquela festa. Respondeu INGIMUND que não tinha empenho em saber seu futuro e que também não queria saber se as profecias dela dariam ou não certo. Mas a adivinha, talvez ressentida, prognosticou sem ser perguntado: "INGIMUND cultivará as abandonadas terras da Islândia, tornar-se-á célebre, morrerá velho. Os seus descendentes também serão famosos na Islândia".

INGIMUND quase riu da loucura anunciada pela adivinha: iria êle abandonar suas produtivas e extensas terras para ir cultivar outras terras abandonadas e distantes? Houve uma acalorada discussão entre INGIMUND e a adivinha, não terminando em tragédia porque INGIMUND decidiu dominar-se, em atenção ao dono da casa.

No ano seguinte INGIMUND começava a dar mostras de uma psiconeurose obsessivo-convulsiva, como resultado das palavras da adivinha. Após o seu casamento disse perante o rei: "estou muito contente com a minha sorte e é grande honra merecer a simpatia de Vossa Majestade. Mas não consigo tirar da cabeça uma profecia que me fizeram de que devo mudar de terra. Gostaria que essa profecia nunca se realizasse, pois não quero abandonar a minha pátria.

Algum tempo depois, INGIMUND já não mais podia resistir. Sem motivo nenhum plausível estava convencido de que não poderia deixar de ir à Islândia para cumprir a profecia. Deu um grande banquete de

despedida, explicando que partiria "não por vontade própria, mas pela dura e desagradável força do destino. Dava liberdade a todos os seus súditos para segui-lo ou não. Muitos o seguiram com suas famílias. A todos eles deve a Islândia a origem da sua agricultura.

A lenda encerra uma grande parte da realidade histórica. Em todo caso, na lenda se reflete bem como muitas profecias não são verdadeiramente conhecimento direto do futuro mas uma sugestão que chega a ser obsessão e depois convulsão obrigando a realizar o que não deveria ter-se realizado, se a profecia tivesse sido feita a uma pessoa menos impressionável, ou se vivesse em outro ambiente onde não se teria deixado arrastar pela crença generalizada na força do destino.

Muitas adivinhações, horóscopos, destinos lidos na linhas da mão, ou nos astros, ou nas cartas, realizam-se não porque os adivinhos prognosticassem realmente, o futuro, mas porque os consulentes (quase diríamos "as" consulentes) tolamente se deixaram arrastar a cumprir eles mesmos o prognosticado.

SUICÍDIOS POR AUTO-SUGESTÃO.

Denize BLANC era uma jovem de dezoito anos e de boa saúde. Insistia em que tirassem uma fotografia dela, pois morreria logo. Precogição?

Estando ela um dia no seu aposento, fora se dá o sinal de alarme: "fogo! fogo!" Ao lado da casa, separado por um pequeno pátio, havia uma oficina de cestaria. E lá onde pegou o fogo, mas o extinguem logo e não causa danos sérios. O pânico, porém, de Denize é tão grande que se sente impressionada, perturbada. Tem que ficar de cama. Aos poucos vai se debilitando, prêsa de uma enfermidade mal definida atribuída ao "terrível" susto de um incêndio insignificante... Após dois meses morre.

Não temos necessidade nenhuma de ver aqui um caso de precogição. O grito de alarme que ouvira foi a escusa que procurara o inconsciente para realizar o seu prognóstico. Nenhum detalhe significativo foi previsto. Aliás um alarme

semelhante não causa tão grande pânico nem à mulher mais assustadiça, mas só a quem, inconscientemente, está a espera de qualquer escusa para ocasionar uma cena. Não houvesse incêndio, o mesmo teria acontecido a um menino que gritasse, por uma voz ouvida na rua, por um prato que caísse ao chão, por qualquer coisa...

CRIME POR HETERO-SUGESTÃO — Desgraçadamente, os quiromantes, astrólogos, adivinhos, cartomantes, etc., possuem um nível intelectual muitas vezes não suficientemente elevado para dar-se conta das conseqüências que podem ter os seus prognósticos; não sabem, nem suspeitam, que duma simples sugestão pode depender a felicidade e até a vida dum ser humano. Com tanta ignorância como, às vezes, boa fé, chegam até a predizer ano, mês e dia da morte do consulente. A uma pessoa perfeitamente sadia anunciam também até da doença que morrerá. Resultado: por sugestão, o inconsciente, se é de pessoa sensitiva, pode ficar suficientemente inteirado e impressionado para provocar a doença anunciada e a morte no momento assinalado. Não é precognição, é crime, embora realizado às vezes com absoluta boa intenção. El isto é pior, pois não é fácil castigar e corrigir. Os casos são muitos.

É notável como o inconsciente do "mago" se esforça, às vezes, por vencer a resistência que a realidade lhe oferece à realização do crime irresponsável.

A secretária do médium espírita W. STEAD era de saúde delicada, e de humor desagradável ao menos para STEAD.

Um dia o médium, pela escrita automática recebe uma mensagem "assinada por Júlia, seu espírito guia" (!?): "Tenha paciência, ela virá fazer-nos companhia no fim do ano". Isto era escrito em janeiro. Davam, pois à secretária quase um ano de vida. A predição foi repetida várias vezes, sempre assinalando como data da morte da secretária o fim do ano. Em dezembro concretiza-se mais: "ela não virá para nós de uma maneira natural, mas será certamente no fim do ano. Júlia". Passou-se, porém, o mês de dezembro sem que apesar da sua delicada saúde, morresse a secretária.

No dia dez de janeiro, fora já do prazo, a secretária teve que guardar o leito mais uma vez. O médium escreve então automaticamente: "Eu (Júlia) posso equivocar-me por alguns dias, mas tudo que tenho dito é verdade: dize-lhe adeus". O médium vai, com efeito, despedir-se. No ato, para explicar porque o faz, lê à sua secretária todas as mensagens: "Ela não virá para nós de uma maneira natural... Posso equivocar-me por alguns dias, mas tudo o que disse é verdade..." Dois dias depois a doente se joga pela janela, matando-se (8).

Precogição? O caso tem explicação natural muito lógica e fácil. Nada tem de estranho que o médium manifeste sua antipatia para com a secretária, escrevendo automaticamente um vaticínio anunciando a morte. Todos os dias, nos consultórios psiquiátricos, encontram-se em muitos pacientes dramatizações semelhantes em sonhos, por exemplo. É plenamente explicável também, psicologicamente, que STEAD vendo que passavam os meses sem que o vaticínio se cumprisse, dramatizasse o desejo inconsciente e irresponsável de provocar a morte: morrerá "não de uma maneira natural". Como por pura telepatia não se obteve êxito, o inconsciente de STEAD recorre em última instância ao expediente de ler para a doente as "mensagens recebidas do espírito de Júlia" (!?). Compreende-se que o psiquismo da doente, que aliás acreditava sinceramente no espiritismo, ficasse impressionado. "Não de uma maneira natural... Tudo é verdade..." E a doente se suicidou...

A êste e outros casos de morte devem-se acrescentar casos de menores, mas graves conseqüências, como doenças, acidentes, matrimônios infelizes, noivados frustrados, desesperos de almas, etc. Isso acontece, principalmente com gente crédula e sugestionável, muito numerosa, aliás, como demonstram as repetidas e assíduas consultas a adivinhos de qualquer espécie. O "vidente" não se perturba com isso. Ele, ignorante dos danos que pode acarretar, continua suas "triun-

(8) STEAD: "My experience in automatic writing", Borderland, 1894, tomo II, págs. 43 ss.

fantes" viagens de cidade em cidade, explorando e enriquecendo-se à custa dos infelizes e atormentados que a êle acodem.

Estes irresponsáveis tiveram até o atrevimento de pôr-se contra a ciência, aconselhando doentes a não consultar médicos nem psicólogos, etc., e abandonar os tratamentos.

Há muitas causas "normais" de aparentes precognições.

Citamos algumas, talvez as principais entre as causas "normais": fraude, astúcia, imprecisão do estilo, casualidade, paramnésia, inibição, auto-sugestão e hetero-sugestão.

Neste capítulo prescindimos das causas extraordinário-normais e paranormais.

Pseudo-precognições - II

CAUSAS PARAPSICOLÓGICAS DAS PRECOGNIÇÕES APARENTES

A hiperestesia salva muitas vidas. — Os que vêem sua própria morte. — As pseudo-profecias de SÓCRATES. — PSI-GAMMA e a política. — Psicanálise das pseudo-precognições.

N O capítulo anterior vimos algumas explicações “normais” das aparentes precognições. Tais causas “normais” são evidentemente as mais freqüentes. Há, porém, muitos casos que não se explicam por essas causas “normais”. São realmente precognições ou conhecimento direto do futuro? Devemos também ter presentes os fenômenos parapsicológicos extraordinário-normais e inclusive paranormais, que poderiam explicar muitas aparentes precognições.

HIPERESTESIA.

O senhor Vicente SASSAROLI, diretor dum grupo de músicos na cidadezinha de Sartano, anunciou um dia que o local dos ensaios iria ruir. Era a casa do cônego BACHERINI. SASSAROLI, completamente convencido do que anunciara, insistiu para que um arquiteto competente examinasse a casa. Não se encontrou nada de anormal,

e foi ridicularizada a estupidez e covardia de SASSAROLI. Um dia, SASSAROLI repetiu sua predição com certa solenidade. Riram-se dele, taxando-o de visionário. Mas logo que os músicos saíram à rua, depois do ensaio, a casa desmoronou. Há uma relação abundante e detalhada de testemunhos do fato (1).

SASSAROLI não podia determinar o ponto fraco da casa, nem sequer sabia que estava fraca em alguma parte. Simplesmente o inconsciente captava vibrações esquisitas, barulhinhos mínimos, os sintomas do próximo desmoronamento da casa, surgindo apenas no consciente uma idéia vaga da ameaça de desabamento, sem se concretizar o dia.

Para se entender êste e outros casos semelhantes, bastará lembrar que, por exemplo, cavalos salvaram a vida de seus donos porque se punham nervosíssimos até ter o dono que tirá-los do estábulo. Pouco depois afundava-se tôda a casa.

Tudo induz a crer que, em certos casos, vários animais tinham pressentido o terremoto que se avizinhava.

Muitos insetos e outros animais são tão sensíveis a mutações elétricas ou de qualquer gênero, que isso lhes permite tomar atitudes pelas quais os homens podem deduzir que se aproximam tais ou tais outros acidentes meteorológicos.

Há pessoas que sentem com bastante antecedência vir a chuva, mudança de tempo, etc.

Há muitas pessoas especialmente sensitivas. Casos de sensações inconscientes, de estímulos mínimos, são muito frequentes, como indicamos ao falarmos da hiperestesia.

Compreende-se perfeitamente que, pelo simples fato de serem inconscientes as sensações que possibilitam o prognóstico, seja fácil atribuir êstes casos a faculdade paranormais ou ao influxo do sobrenatural...

AUTOSCOPIA — Certos indivíduos hipnotizados, anormais, etc., ou mais em geral certos sensitivos, têm a noção visual

(1) FLAMMARION, C.: "La mort en son mystère", 3 vol., Paris, E. Flammarion, 1920-1921, pág. 536.

dos seus próprios órgãos internos. Uma sensação inconsciente e hiperestésica com alucinação visual. Fenômeno a que se chamou "autopsia", visão de si mesmo (de scopeo = ver; autós = a si mesmo).

Mesmo os indivíduos normais sentem, ao menos inconscientemente, os menores sintomas dos seus órgãos. Nada de estranho, pois, que sob o fundamento da autoscopia propriamente dita (com alucinação visual) ou imprópriamente dita (só sensação inconsciente dos sintomas internos) possam alguns sensitivos prognosticar sua futura doença, que imperceptivelmente já começa, ou a morte, da mesma forma que um médico poderia prognosticá-la se pudesse conhecer esses mínimos dados que só o inconsciente capta hiperesteticamente... Tais supostas precognições podem às vezes ser empolgantes pelos detalhes.

O grande pintor Giovanni SEGANTINI, por exemplo, sentia mas só inconscientemente, os sintomas mórbidos da doença que começava, impossível ainda de ser percebida pelo médico. Isto lhe inspirou um quadro alegórico: Desenhou um alegre "chalet" num planalto admirável, para simbolizar a alegria, a saúde aparente. Mas diante do "chalet" o pintor desenhou um ataúde: a morte era a realidade que ocultava aquela aparência...

Um dia, sonhou o pintor que ele próprio estava no ataúde, o mesmo ataúde, o mesmo "chalet", o mesmo planalto. O inconsciente intensificava seus avisos, que lamentavelmente não foram compreendidos.

Com efeito, poucos dias depois, se declara uma peritonite aguda, que ocultamente vinha minando o pintor. Não houve remédio, era já demasiado tarde. Treze dias após o sonho, Giovanni SEGANTINI morria.

EAUTOSCOPIA — A visão alucinatória do próprio interior projetado no exterior chama-se "eautoscopia" (scopeo = ver; eautós = a mim mesmo).

O seguinte caso de eautoscopia é muito parecido ao que citamos de autoscopia.

O Sr. HURTINGTON, uma noite, apesar de sua boa saúde, vê em sonho seu próprio esqueleto, que de fora do seu corpo olha para ele

fixamente, depois levanta o cobertor e se deita no seu próprio lugar, isto é, dentro de seu corpo. . . O Conde HURTINGTON sente que aquilo é anúncio do que se sucederá em breve, mas ri com a sua esposa: Segundo o sonho, ela havia dormido essa noite ou dormiria após algum tempo com um esqueleto. Quinze dias depois o Conde HURTINGTON era enterrado. Ninguém poderia suspeitar isto no dia do sonho, dada a magnífica saúde aparente de que desfrutava o Conde, mas a esposa nunca pôde tirar da cabeça o sonho do seu marido.

Para explicar o caso basta uma dramatização inconsciente dos sintomas de doença grave captados também inconscientemente. Não nos vemos obrigados a admitir por esses casos a precognição autêntica.

HETEROSCOPIA — É evidente que além da autoscopia e eautoscopia, devemos considerar também a heteroscopia como causa de muitas aparentes precognições. A heteroscopia é a visão alucinatória dos órgãos internos de outra pessoa (scopeo = ver; hetero = outro).

Os sintomas externos duma doença ainda normalmente imperceptíveis, mínimos, podem ser captados hiperesteticamente por outra pessoa.

Há um fato curioso nos anais da Medicina que dá uma pequena idéia do que são essas aparentes precognições baseadas na hiperestesia. Tem-se podido, com efeito, alguma vez, descobrir por meio de ampliações em fotografias coloridas, pequenas erupções vermelhas no rosto de pessoas ligeiramente febris. A visão normal não descobriria absolutamente nada. Pouco depois se declaravam nessas pessoas as erupções da varíola ou do sarampo.

Com mais razão e acuidade do que a fotografia pode o inconsciente captar por heteroscopia (ou só por seu fundamento, a hiperestesia) sintomas da doença de outra pessoa, originando o que pode, erradamente, ser tomado por precognição paranormal.

Mais ainda: sabemos que toda idéia, inclusive inconsciente, que ocupa o nosso cérebro se reflete em sinal externo. . . Assim, quando o nosso inconsciente capta os primeiros

sintomas ou primeiros pródromos de uma doença, ou chega já, a partir daí, a deduzir êle mesmo a manifestação de uma doença futura, essa idéia inconsciente tem seu reflexo fisiológico externo. Por hiperestesia indireta do pensamento, outra pessoa pode captar em nós os sintomas ou idéias da futura doença... Portanto, a partir da heteroscopia, real (com alucinação visual do órgão interno de outra pessoa) ou só em fundamento (hiperestesia, direta ou indireta, sem alucinação), pode-se chegar a uma precognição aparente.

Tornou-se famoso um caso determinado, por ter sucedido a um médico de absoluta seriedade científica e que, "ante factum", tomou as providências necessárias para garantir o caso.

Era êste médico o Dr. de SEMYN, que viu, em sonho, que seu filhinho, de quatro anos, caía no fogão e morria carbonizado. Acordou horrorizado e, sem poder evitá-lo, correu ao quarto do filho. "Graças a Deus" — exclamou ao encontrar o filho dormindo plácidamente —, "não é mais do que um sonho".

O menino passou a noite e a manhã seguinte perfeitamente mas, ao meio-dia, foi tomado de febre altíssima. O pai, médico, horrorizou-se, compreendendo que seu nítido e estranho sonho fôra uma dramatização inconsciente, prognosticando a febre que agora padecia seu filho. Compreendeu que seu filho estava perdido, apesar de um colega chamado assegurar que a doença não era grave. O pai estava convencido do desenlace fatal. Com efeito, a doença se agravou cada vez mais e o menino morreu de bronco-pneumonia generalizada (2).

Certos sintomas captados hiperestêticamente pelo inconsciente do pai médico permitiram o prognóstico, seja captando diretamente os sintomas, ou captando os sinais refletidos pelo inconsciente do próprio menino.

Os casos poderiam multiplicar-se. São numerosíssimos os recolhidos nas coleções e centros especializados.

(2) Citado por RICHET, Charles: "Traité de Métapsychique", 2.^a ed., Paris, Alcan, 1923, pág. 465.

HIPERESTESIA INDIRETA DO PENSAMENTO — Eis um caso concreto, clínico, embora não se dêem os nomes reais para guardar o segredo profissional.

"A" se entrevista com "B" para discutir uma futura associação comercial. Fica muito favoravelmente impressionado e decide tomar a "B" como sócio. Aquela noite tem o seguinte sonho: "Vejo "B" no escritório, repassando os livros e examinando os números para ocultar um desfalque que tinha dado, como desvio de grande quantia". Acorda, e como está acostumado a prestar atenção aos sonhos especiais, fica um pouco intrigado. Depois pensa que muitos sonhos são a expressão de nossos desejos irracionais segundo algumas teorias. O sonho, pensa, só indica o seu próprio caráter propenso à concorrência com matizes de hostilidade. Tenta convencer-se de que isso e nada mais é que o levou a pensar mal de seu sócio. E rejeita o seu sonho irracional.

Noutras ocasiões, em sonhos e acordado, sente suspeitas semelhantes. Rejeita-os de novo como irracionais; seu sócio, tudo o demonstra, é um modelo de probidade. Assim, com repetidos sonhos e suspeitas de desfalque e de emenda nos livros, vão passando os anos. Até que, por fim, um dia descobre que "B" tinha desviado realmente enormes quantidades de dinheiro e que tinha ocultado a malversação com falsos assentos nos livros de contas.

A análise clínica dos sonhos e associações do inconsciente de "A" demonstrou que o inconsciente tinha percebido, já no primeiro encontro, facêtas suspeitas no caráter de "B", mas no consciente não só desaparecia esta impressão desfavorável, mas aparecia totalmente o contrário. No decorrer dos anos, no convívio contínuo com o sócio, manifestou-se em freqüentes avisos a hiperestesia indireta do pensamento ⁽³⁾.

Compreende-se que a hiperestesia indireta do pensamento, ao menos uma hiperestesia inconsciente, pode ser uma das mais importantes causas de aparentes precognições.

(3) FROMM, E.: "The forgotten language". Usamos a tradução espanhola de CALÉS, Mario: "El lenguaje olvidado. Interpretación de los sueños, mitos y cuentos de hadas", Buenos Aires, Hachette, 1957, pág. 45.

O TALENTO DO INCONSCIENTE — É evidente que poderíamos também falar em “talento do consciente” mas neste caso ninguém cairia no erro de pensar que se trata de precognição autêntica.

Sabemos já (em alguns dos exemplos recentemente citados temos uma confirmação), que o inconsciente dramatiza com freqüência suas mensagens e que tem uma grande capacidade de dedução, um grande talento. Isto nos leva a uma das mais interessantes explicações da aparente precognição.

Em muitos casos, “predizer” significa só inferir inconscientemente o acontecimento futuro baseando-se no conhecimento do presente. “Predizer” é expor a consequência dum raciocínio inconsciente mais ou menos complicado.

É por isso que nos livros de hipnotismo, por exemplo, se previne freqüentemente o experimentador contra o que pode parecer precognição autêntica sem sê-lo ⁽⁴⁾.

As precognições aparentes mais propícias a superstições ou falsas interpretações são as que se referem aos efeitos que chamamos fortuitos. Prever uma morte como resultado de uma doença oculta admite-se com mais facilidade como fenômeno meramente natural; mas prever um acidente de automóvel, por exemplo, resulta mais inexplicável, por acreditar-se que o inconsciente não pode ter dados para suspeitar o que é casual, inesperado, repentino. Mas na realidade nem tudo o que chamamos fortuito é completamente fortuito.

LAPLACE afirmou no seu “Essai analytique sur les probabilités”: “se houvesse uma inteligência que pudesse conhecer tôdas as forças de que a natureza está animada e a situação respectiva dos seres que a compõem, se por outra parte essa inteligência fôsse suficientemente capaz para submeter todos êstes dados a análise..., nada haveria

(4) Cfr., por ex., JAGOT, Paul Clément: “Méthode moderne scientifique de Magnétisme, Hipnotisme, Sugestion”, Paris, Editions Dangles, s. d. Tradução espanhola: “Magnetismo, Hipnotismo, Sugestión”, Barcelona, Iberia, s. d. Nós citamos da tradução portuguesa: “Magnetismo, Hipnotismo, Sugestão”, São Paulo, Mestre Jou, s. d., pág. 45.

de incerto para ela, o porvir como o passado estariam abertos ao seu olhar”.

Prescindindo do evidente exagero desta afirmação, o certo é que as causas inteiramente livres e sucessos inteiramente imprevisíveis são em muito menor número do que suspeitamos. Por conseguinte, quem conhecesse todos os matizes dos caracteres, inclinações, hábitos, quem conhecesse perfeitamente tôda a Física, a Mecânica, etc., até o último detalhe, saberia quase com certeza como procederia em determinadas circunstâncias cada causa livre ou determinaria a possibilidade de cada acontecimento casual.

Mas, para que haja precognições aparentes, não se precisa conhecer tudo. O inconsciente, porém, conhece muito, pois não esquece nada do que consciente ou inconscientemente, normal, extraordinária ou paranormalmente penetrou no seu “fichário”.

Em determinadas circunstâncias pode o inconsciente manejar inumeráveis dados dêsse “fichário”, combiná-los, analisá-los e dar-nos uma dedução “insuspeitada” em forma de empolgante mas só aparente precognição.

Na história vemos prestigiosos casos de intuição, de precognições que são apenas deduções inconscientes.

Conta CÍCERO (5) que, depois da batalha de Delos, SÓCRATES e LAQUES fugiram através dos campos com alguns soldados. Chegando a uma encruzilhada, SÓCRATES disse de repente: “Não devemos continuar pelo caminho dêste lado; meu Gênio familiar me anuncia que por aí padeceremos alguma desgraça”. LAQUES e alguns outros seguiram o conselho do “Gênio” que SÓCRATES acreditava frequentemente ouvir. Os que seguiram pelo caminho oposto foram logo massacrados pela cavalaria inimiga.

Noutra ocasião, estava SÓCRATES jantando num banquete com TIMARCO. Ora, TIMARCO, de acôrdo com FILEMON, pensava em assassinar aquela mesma noite um inimigo seu. O jantar prolongou-se bastante: chegou a hora marcada. TIMARCO levantou-se, rogando aos

(5) CÍCERO, Marco Tulio: “Opera omnia”, tomo XIII: (De divinatione) (dividido em dois livros ou partes), Edic. Taur., 1831.

convivas que o desculpassem pois tinha que ausentar-se. SÓCRATES se interpôs, alegando que seu "Gênio" anunciava uma desgraça. Pouco depois TIMARCO tentou de novo sair. De novo SÓCRATES o impediu. Por fim TIMARCO burlou a vigilância de SÓCRATES, saindo sem ser percebido. Desta vez, o "Gênio" não avisou SÓCRATES da saída de TIMARCO...

Presos antes de realizar o crime, tanto TIMARCO como FILEMON foram condenados à morte por cicuta. TIMARCO, antes de bebê-la, lamentava não ter obedecido ao "Gênio" de SÓCRATES...

Existia de fato tal Gênio, que avisava a SÓCRATES do que aconteceria? Evidentemente que não. SÓCRATES, dados os escassos conhecimentos da época, não sabendo a que atribuir os resultados das rápidas elucubrações do seu inconsciente, acreditou que eram revelações dum Gênio, duma divindade...

No caso de TIMARCO, não era especialmente difícil compreender o processo: era a primeira vez que TIMARCO tentava cometer um crime. Em consequência, pouco dono de si mesmo, indicava com a agitação exterior a turbção do seu coração. SÓCRATES passava por um esperto fisionomista, estava acostumado a observar profundamente os acontecimentos e os homens. Um conviva que se levanta da mesa contra tôdas as normas de cortesia e com a agitação refletida no rosto, não podia passar despercebido a SÓCRATES.

Apesar da facilidade com que PLUTARCO aceita tudo o que é maravilhoso, não pode deixar de reconhecer, no livro que escreveu sobre o Gênio familiar de SÓCRATES ⁽⁶⁾, que não havia no caso mais do que uma clara penetração, profundo conhecimento dos homens, inteligência absolutamente extraordinária. XENOFONTE ⁽⁷⁾ e mesmo o discípulo predileto de SÓCRATES, PLATÃO ⁽⁸⁾, estão de acôrdo. É curioso

(6) PLUTARCO: "Vida de grandes homens", XX: (Sobre o Gênio de Sócrates).

(7) XENOFONTE: "Apologia de Sócrates".

(8) PLATÃO: "Theageto".

constatar como descrevem o inconsciente, tantos séculos antes de FREUD, embora não empregassem, claro está, a palavra "inconsciente".

Não é fácil que uma mesma pessoa tenha, com tanta frequência como SÓCRATES, aparentes precognições e especialmente tão empolgantes e difíceis ao ponto de induzi-la a pensar que está sendo assistido por um Gênio (!).

Talentos como o de SÓCRATES só uma vez em vários séculos aparecem no mundo.

Não obstante, aparentes precognições isoladas, menos "inexplicáveis", podem ser relativamente frequentes em determinadas pessoas. Uma ou duas dar-se-ão facilmente em quase todas as pessoas...

É evidente que no caso de SÓCRATES não podemos excluir esporadicamente algumas precognições devidas não só ao talento do inconsciente mas também à hiperestesia, etc., e inclusive a algum fenômeno paranormal isolado...

POSSIBILIDADES DE OUTRAS CAUSAS — Está dito tudo a respeito das precognições aparentes? Para muitos metapsíquicos, sim. Escreve, por exemplo, o Dr. GRASSET: "não pode haver pressentimentos superiores aos baseados nos raciocínios inconscientes mais ou menos complicados. Nenhum caso publicado sob o nome de adivinhação ou profecia ⁽⁹⁾ me parece capaz de contradizer este asserto" ⁽¹⁰⁾.

Nos tempos de GRASSET ainda não tinha avançado suficientemente a investigação psíquica... Hoje, a Parapsicologia tem demonstrado a existência de PG, faculdade que nos tempos de GRASSET, ele e muitos outros ainda não admitiam. A faculdade PSI-GAMMA não poderá explicar casos "superiores aos baseados nos raciocínios inconscientes"?

(9) Sem nos referirmos às profecias bíblicas e semelhantes que são manifestamente de outra ordem. Expressamente GRASSET faz esta ressalva.

(10) GRASSET, J. o. c., pág. 331.

SIMULCOGNIÇÃO PARANORMAL.

O jovem GALLET, estudante de Medicina em Lião, preparava no seu quarto os exames de doutorado. Eram onze da manhã. De repente, sentiu-se obcecado por um pensamento que lhe impedia estudar.

Era dia de eleições no Parlamento francês. GALLET quis rejeitar o pensamento que o assaltou e continuar estudando. Impossível. Surpreendido pela insistência e força do pensamento que o perturbava, escreveu no seu caderno de notas de Anatomia: "O Sr. CASIMIR-PERIER é eleito Presidente da República por 451 votos". Mostrou, intrigado, o escrito ao colega, VARAY, que estudava no mesmo apartamento. Depois do almoço, foi à aula da Universidade. No caminho encontrou dois colegas, BOUCHET e DELORME, que se riram: a candidatura de CASIMIR-PERIER não tinha esperanças. Todos os prognósticos da França se dividiam entre os deputados BRISSON e DUPUY. Depois das aulas os quatro estudantes brincando com as pretensões de profeta de GALLET entraram no café para esperar o resultado das eleições. Qual não foi a surpresa quando chegou a notícia! De 485 deputados votantes, 451 (número exato anunciado por GALLET) tinham votado no Sr. CASIMIR-PERIER contra todas as esperanças.

RICHET vê nestes casos uma verdadeira precognição da publicação da notícia "incontestavelmente um dos mais belos casos que possuímos" ⁽¹¹⁾.

Mas, GALLET tinha sido possuído pela idéia do triunfo do deputado CASIMIR-PERIER com o número exato de votos às 11 da manhã do dia 27 de junho de 1894. Nesse momento já estavam os partidos decididos na escolha, devendo-se reunir o Congresso ao meio-dia. Portanto, é permitido diagnosticar o caso como de simulcognição.

O caso de GALLET se realizou durante a vigília, o que o faz muito mais notável. Durante o sonho, ou qualquer outro estado de maior inconsciência, os casos são mais frequentes e podem alcançar detalhes mais importantes.

Eis outro exemplo, tradicionalmente catalogado como precognição autêntica (a nosso ver erradamente) e que se tornou muito célebre, pelas personagens que nele intervieram.

(11) RICHET, Charles, o. c., págs. 495 s.

O Exmo. Sr. Joseph de LENYI, Bispo de Grossvarden, sonha uma manhã que vê sobre a mesa de trabalho uma carta com bordas pretas em sinal de luto, com o timbre do Arquiduque ALBERTO, de quem o senhor Bispo tinha sido professor de húngaro. No sonho o Bispo crê abrir a carta e ver desenhada uma rua, da qual parte um pequeno desvio. Vê ainda o Arquiduque, sentado com a espôsa num automóvel. Um general os acompanha, e na frente, junto com o chofer, um oficial. Ao redor do automóvel, uma multidão enorme.

De repente saem dentre a multidão dois jovens que disparam sobre as altezas imperiais.

O Bispo não vê mais o episódio, mas sonha que a carta está redigida nos seguintes termos: "Eminência, querido Sr. LENYI: Comunico-vos que acabo de ser vítima com minha espôsa dum crime político em Sarajevo. Encomendamo-nos às vossas orações. Sarajevo, 2 de junho de 1914, às quatro horas da manhã". Neste momento acor-de impressionado o senhor Bispo. Ainda não eram quatro e meia.

Tomou ele, então, a louvável precaução, em proveito da ciência, de escrever todos os dados e detalhes do seu sonho, reproduzindo até, o melhor possível, a forma das letras que lhe haviam aparecido na carta que sonhou como recebida do Arquiduque.

Quando, às seis da manhã, chega o empregado, encontra o senhor Bispo tremendo e rezando o têrço. O Bispo manda chamar sua mãe e um hóspede e conta-lhes o estranho sonho. Durante o dia recebe um telegrama referindo o atentado.

Todos êstes detalhes foram escritos pelo próprio Bispo numa carta que escreveu a seu irmão, o padre jesuíta Eduar-do LENYI, que os publicou.

O Dr. GRABINSKI investigou todos os detalhes apon-tados confirmando-os todos ⁽¹²⁾. Monsenhor LENYI sonhou que dois jovens disparavam contra os arquiduques. Na reali-dade foram lançadas duas bombas de pequena potência. Mes-mo assim, o caso é admirável e perfeitamente autenticado. Como se sabe, êste frustrado atentado e outro fatal acon-tecido pouco depois, deram origem à Primeira Guerra Mundial.

(12) "Psychische Studien", 1918, XLIV, págs. 324 e 465.

Precognição da carta que haveria de receber como é tradicionalmente interpretado? Penso que esta interpretação é arriscada demais. Os detalhes todos garantem com evidência que se trata duma simulcognição telepática: Monsenhor LE-NYI capta todo o pensamento do arquiduque quando êste escrevia a carta, inclusive a angústia ou lembrança da cena do atentado e não só o breve comunicado, até o dado de dois jovens disparando simultaneamente, que era provavelmente êrro do mesmo arquiduque que não percebera bem os fatos. O envelope de bordas pretas pode ser dramatização inconsciente por parte do arcebispo do perigo que houve de morte.

Esta explicação da precognição por meio da simulcognição é muito freqüente nos casos em que se deva exigir uma explicação paranormal.

A RETROCOGNIÇÃO — Consideramos a retrocognição como classificação prática. Mais ainda, englobamos neste item todo o conhecimento atual de “profecia” feita anteriormente. Além da retrocognição, incluímos, pois, também a pantomnésia ou lembrança arquivada do conhecimento anterior da “profecia” mesmo se esta “profecia foi conhecida apenas inconsciente ou paranormalmente.

As vêzes, o mecanismo psicológico não aparece claro à primeira vista, mas um estudo experimentado pode mostrá-lo com facilidade. Para expormos com mais clareza a possível influência da “retrocognição”, escolhemos de propósito um exemplo no qual o fundamento são precisamente certos acontecimentos anteriores, conservados por pantomnésia inconsciente.

Um jovem sonha que vê de certa altura numerosas cúpulas de uma cidade, tendo a sensação nítida de que é Kiev. Ao mesmo tempo tem a sensação de uma presença feminina atrás de si. Naquele tempo, êle não tinha a menor idéia de que poderia ir a Rússia.

Alguns anos mais tarde, um dos seus antigos colegas começa o estudo da língua russa para seguir a carreira diplomática e fala da

Rússia ao jovem de modo que ele logo se interessa por este país. Decidem ir lá juntos durante as férias. Lá, visitam diferentes cidades e chegam a Moscou. Em Moscou se desentendem e decidem continuar viagem separadamente. Enquanto um deles se dirige para Nijni-Novgorod, o outro desce para Kiev.

Há já alguns dias que o jovem está em Kiev quando, vindo de um lugar alto o panorama da cidade, tem a impressão de reconhecer seu sonho. Constata então que desde a sua chegada a Kiev se fez acompanhar por uma jovem, irmã de um colega de estudo, e que se encontrou sozinho no resto do tempo.

O sonho pareceria precognição, pareceria conhecimento direto de um futuro sem nenhuma ligação com o presente, dado que foi tido quando nem se pensava em viagem à Rússia e menos ainda em panoramas com numerosas características cúpulas de igrejas e ainda o caso da jovem que o acompanha e que agora está atrás dele.

Mas uma análise clínica foi feita do caso, aparecendo o seguinte: o jovem apaixonara-se na sua infância por um romance intitulado "As Aventuras Extraordinárias de um Sábio Russo", adornado com numerosos desenhos de cúpulas e de fotografias da heroína, uma jovem. Este romance foi a sua primeira leitura e lembrou-se dessa leitura com insistência durante vários anos. Averiguou-se também que o jovem, na sua infância, fôra colecionador de selos e que recebera uma dessas estampilhas de correio carimbada em Kiev como presente de uma jovem com a qual ele brincava algumas vezes e que era naquele momento sua melhor amiga. Todos estes fatos explicam porque ele tivera aquêlo sonho.

Assim se compreende como a representação mental de Kiev tinha para ele uma grande importância emotiva em conexão com uma figura feminina. Compreende-se também porque se deixou impressionar logo pela idéia de viajar à Rússia. Compreende-se porque preferiu separar-se de seu colega para ver Kiev que lhe interessava mais por impulso inconsciente do que Nijni-Novgorod. Compreende-se porque no

seu passeio pela cidade procurou um lugar alto donde pudesse ver o conjunto das cúpulas das igrejas. Um impulso inconsciente igualmente o levou a procurar a companhia da jovem cujo enderêgo conhecia e sem a qual poderia ter realizado seu turismo perfeitamente. Quanto ao reconhecimento dos lugares, o mesmo jovem assegurou depois destas comprovações que só era uma semelhança de conjunto ⁽¹³⁾.

A viagem, pois, procedera, como o sonho, das mesmas impressões arquivadas no inconsciente desde a infância.

É de máxima importância este fator, que explica muitas aparentes precognições; como se vê, será sempre muito difícil determinar se tal ou qual proceder de uma pessoa, proceder que tenha sido prognosticado, não foi na realidade resultado de uma retrocognição ou da lembrança, ao menos inconsciente, da “profecia” a respeito, mesmo que a “profecia” tivesse sido conhecida só paranormal e inconscientemente.

Prognosticou-se porque anos depois haveria de realizar-se, ou se realizou porque anos antes tinha-se prognosticado? Por essa razão a experimentação parapsicológica da precognição propriamente tal, deve insistir como veremos, em prognósticos de acontecimentos mecânicos, de seres inanimados que não poderiam inverter o processo.

Outro caminho seria experimentar com um tipo de acontecimento em que intervissem muitas pessoas... A complexidade e multidão independente evitaria a influência do prognóstico, mas este caminho, como se compreende, seria sumamente lento, difícil para a investigação, para o controle, etc.

EM CONCLUSÃO — Como se vê, as explicações “normais” e parapsicológicas que tornam a precognição apenas apa-

(13) ALLENDY, René: “Le problème de la destinée”, Paris, Gallimard, 1927, págs. 150 ss.

rente, são muitas. E estamos longe de haver enumerado todas as explicações possíveis. Os fenômenos parapsicológicos de efeitos mistos e físicos, de que não falamos neste livro, também poderiam ser aduzidos aqui como explicações de muitas pseudo-precognições.

Os melhores e mais equilibrados autores na época da Metapsíquica achavam que o homem só era capaz de pseudo-precognições, nunca de precognições autênticas. Em consequência, a Metapsíquica, à que se devem as melhores e mais abundantes coleções de "precognições", nunca, como veremos, tratou de experimentar a precognição verdadeira. Assim, o Dr. GRASSET, por exemplo, concluía: "Creio poder dizer que o dom da adivinhação ou profecia não tem sido cientificamente estabelecido em ninguém, deixando de lado o sobrenatural; e isto é verdade para todos os estados de transe, de hipnose, etc. Nem o hipnotismo, nem o sonambulismo, nem a mediunidade desenvolvem ou fazem nascer esta faculdade em ninguém" (14).

A enumeração de causas de aparente precognição não prova precisamente que seja impossível a precognição verdadeira, mas unicamente que, se não se demonstrar o contrário, os casos devem ser interpretados como pseudo-precognições.

Por conseguinte, a negação por parte de muitos até da possibilidade de existir a precognição verdadeira, natural, não deve impedir (e de fato não impediu) a investigação.

Temos afirmado que muitas precognições são só aparentes; não negamos que possa existir no homem a precognição verdadeira. O que de fato já se provou, ou não, a respeito da precognição verdadeira pertence aos próximos capítulos.

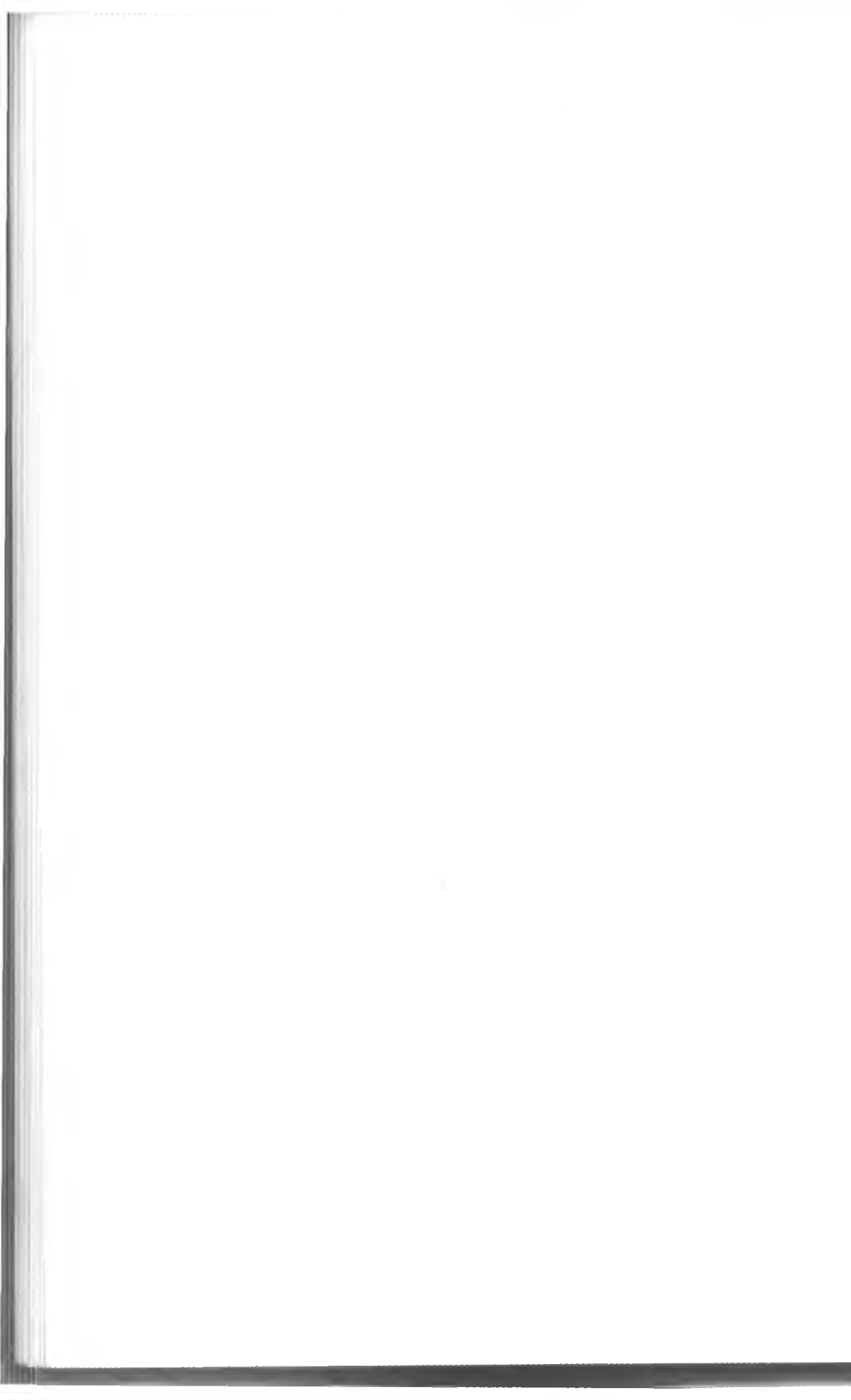
(14) GRASSET, J., o. c., pág. 333.

São muitas as explicações parapsicológicas de aparentes precognições.

Citamos algumas, talvez as principais: hiperestesia direta, autoscopia e heteroscopia, hiperestesia indireta do pensamento, talento do inconsciente, pantomnésia, simulcognição paranormal, retrocognição...

Tendo presentes também as causas "normais" vistas no capítulo anterior e possíveis causas de efeitos mistos e físicos, compreender-se-á que, excluir num caso concreto tôdas as causas de aparente precognição, é sumamente difícil.

Mas, com isso, não negamos a possibilidade da verdadeira precognição como faculdade humana, faculdade que, como vimos, seria em todo caso de manifestação muito rara.



Precognição

CONHECIMENTO DIRETO DO FUTURO

A tragédia do "Titanic" estava prognosticada. — Empolgantes profecias de NOSTRADAMUS. — Tocando numa cadeira, sabe-se quem se sentará nela. — Um sábio inglês demonstra irrefutavelmente o poder profético do homem. — Na Universidade realizam-se milhares de experiências e se comprova que o nosso inconsciente é profeta.

A DEFINIÇÃO de precognição formulada por RICHET em 1921 e geralmente repetida por parapsicólogos e metapsíquicos parece-nos suscetível de aperfeiçoamento. RICHET disse: "Precognição é a indicação, pelo sujeito, dum fato que ainda não se realizou e que nenhuma sagacidade, nenhuma perspicácia permitia prever" ⁽¹⁾.

Na definição tradicional não se excluem claramente muitos casos de precognição aparente. Por exemplo, quando o metagnomo prognostica o futuro apesar de não conhecê-

(1) RICHET, Charles, em "Revue Métapsychique", 192", I, pág. 20.

-lo direta e paranormalmente, e depois provoca o fato prognosticado, mesmo paranormal e inconscientemente.

Precognição, no sentido estrito, é o conhecimento direto do futuro.

A PRECOGNIÇÃO ESPONTÂNEA DE SUCESSOS EMOTIVOS —
Chamamos espontâneos àqueles casos de precognição realizados fora dos laboratórios de parapsicologia. Nos últimos anos têm-se reconhecido milhares de casos espontâneos de conhecimento paranormal do futuro ⁽²⁾.

Evidentemente, muitos destes casos não resistem a uma análise séria; como vimos no capítulo anterior, não são precognições estritas. Mas outros casos espontâneos parecem, quando menos, sugestivos em prol da precognição autêntica. E assim como sempre houve adversários da precognição, assim houve também sempre, em todos os povos e épocas, a crença na precognição.

TRAGÉDIA — As tragédias ou mortes coletivas, naturalmente são mais emotivas em geral do que as mortes parti-

(2) A principal coleção de casos espontâneos de precognição é formada pelos casos recolhidos e comprovados pela "Society for Psychical Research" (S.P.R.) de Londres e pela "sucursal" americana, embora nestas coleções não se recolham só casos de precognição, mas em geral de qualquer tipo de PSI-GAMMA. Veja-se GURNEY, MYERS e PODMORE: *Phantasms of the Living*", Londres, Trubner, 1891, dois volumes. Existe tradução francesa, mais divulgada, abreviada por MARILLIER: *"Les hallucinations télépathiques"*, Paris, Alcan, 1891.

Essa magnífica coleção da S.P.R., se completa continuamente nas publicações periódicas da Sociedade: *"PROCEEDINGS of the Society for Psychical Research"* e *"JOURNAL of the Society for Psychical Research"*, assim como nos correspondentes americanos: *"PROCEEDING of the American Society for Psychical Research"* e *"JOURNAL of the American Society for Psychical Research"*.

Há também coleções de grande riqueza de autores que têm recolhido exclusivamente casos de precognição:

SALTMARSH, H. F.: *"Foreknowledge"*, Londres, Bell, 1938.

ZORAB, G.: *"Proscopie Het Rassel der Tockmst"*, Haia, Leopold, 1853.

BOZZANO, Ernesto: *"Dei fenomeni premonitori"*, Roma, 1914
Trad. franc.: *"Des phénomènes prémonitoires"*, Paris, A.S.P. (Annales des Sciences Psychiques), 1914.

culares e, pelo mesmo motivo, desequilibram mais, facilitando a manifestação da precognição.

Como é sabido de todos, o famoso navio "Titanic" naufragou trágicamente, na noite de 14 para 15 de abril de 1912.

Pois bem, já desde o dia 23 do mês anterior, o Sr. J. O'CONNOR tinha reserva de passagem para si e família nesta viagem. Mas, uns dez dias antes da data assinalada para a saída do navio, O'CONNOR sonhou que "via o navio com a quilha ao ar e a bagagem e os passageiros flutuando ao redor".

Entretanto, O'CONNOR, para não assustar seus familiares e amigos, não contou nada aos mesmos. Ora, o sonho se repetiu na noite seguinte. Ainda assim, O'CONNOR ocultou-o. Tendo, então, recebido notícias da América de que poderia retardar sua viagem porque não era urgente, decidiu prestar ouvido ao sonho e mandou cancelar sua reserva no "Titanic". Sòmente então contou o sonho a seus amigos, como explicação do por que não viajava. Não queria correr riscos, uma vez que a viagem não era urgente (3).

O caso foi referido pelo próprio protagonista à S. P. R. de Londres. Além disso, enviaram à mesma sociedade seu testemunho em carta assinada, três dos amigos a quem O'CONNOR contou, uma semana antes da partida do navio, os sonhos que tivera. O'CONNOR apresentou, aliás, como comprovantes, os passaportes e a reserva de passagens.

TERREMOTO — Os notáveis casos de prognósticos de tremor de terra com freqüência poderão explicar-se por histeresia. Há alguns casos, porém, que "sugerem" a existência da precognição. É famoso e bem comprovado o caso do Sr. LUSTENEU, um cavalheiro francês.

Anunciou LUSTENEU a Lady Esther STANHOPE, em 1882, uma catástrofe sísmica em Alep e Antióquia. Pouco depois, em Alep, num banquete, o Sr. BARKER brincava com os senhores WOLFF, LESSEPS e MASEYK, cônsul da Dinamarca, a propósito de uma carta em que Lady STANHOPE pedia ao Sr. BARKER que não fôsse a Alep

(3) "Journal of Society for Psychical Research", 1912, XV, págs. 265-268.

porque estava próxima a destruição da cidade. Todos riram. Alguns dias depois, um terrível terremoto destruiu Alep e Antioquia, causando 60 000 mortes. O Sr. BARKER salvou a vida quase milagrosamente (4).

Uma dama da aristocracia romana, no dia 2 de dezembro de 1909 anunciou que viu em sonhos a cidade de Messina sacudida por um tremor de terra com invasão do mar, e que tinha sentido este cataclismo teria lugar no dia 8, 18 ou 28 do mesmo mês, sem que pudesse lembrar-se qual destas datas exatamente era a sonhada. Escreveu a esse respeito uma carta ao rei da Itália pedindo-lhe que tomasse providências. O Dr. SANTI, contemporâneo que refere o caso, afirma que tomou a precaução de corroborar o detalhe da carta escrita "ante eventum". Pois bem, Messina foi destruída por um terremoto no dia 28 de dezembro (5).

Concedemos que muitos casos de tremor de terra se têm prognosticado e não se realizaram... Mas os detalhes concretos de lugar e data não terão sido suficientemente significativos?

PRECOGNIÇÃO ESPONTÂNEA DE ACONTECIMENTOS INTRANSCENDENTES — Em primeiro lugar, damos ao termo "espontânea" todo o seu possível alcance. Corre entre o grande público a idéia de que é no espiritismo ou em sessões de adivinhação, quiromancia, etc., que se dão com mais freqüência e precisão as precognições (ao menos aparentes). Isto é falso.

Os casos mais empolgantes e freqüentes são espontâneos. E não só por serem de fora do laboratório neste sentido se toma a expressão "casos espontâneos" (em Parapsicologia), mas também por surgirem completamente de improviso. Não é o homem que vai à procura da precognição, é a precognição que encontra o homem e o surpreende.

O próprio RICHET, o pai da Metapsíquica, que tanto apreciava a experimentação com "sujeitos" em "transe espírita" (embora rejeitasse o espiritismo), afirmava: "As premonições na hipnose e no espiritismo são menos freqüen-

(4) HOWITT, William: "History of the supernatural", tomo II, pág. 26.

(5) BOZZANO, Ernesto, o. c., caso CCCXXXV.

tes que as premonições casuais" (6). E acrescenta em outro lugar: "As premonições acidentais são mais interessantes; são, em geral, mais notáveis e também mais numerosas do que as premonições experimentais... Chamo acidentais as premonições que se dão em sujeitos normais sem que haja tentativa nenhuma de experimentação" (7).

As precognições espontâneas costumam, porém, dar-se em circunstâncias especiais, como durante o sono natural, ou em delírios causados pela febre, etc.

Analisando as coleções de precognições espontâneas, constata-se também, de imediato, que a precognição é mais fácil (ou menos difícil) e mais freqüente (ou menos rara) com referência a acontecimentos fortemente emocionantes: terremotos, suicídios, duelos, mortes, acidentes, ou impressionantes em sentido inverso: coroações de reis, bodas faustosas, vitórias após duras guerras. Os sucessos menos emocionantes não conseguem desequilibrar a qualquer "adivinho" para permitir que se manifeste PSI-GAMMA precognitiva... Contudo, há prognósticos detalhados de sucessos indiferentes, de acontecimentos intranscendentes ou de pouca importância. E é precisamente a pouca importância do prognosticado o que dá enorme importância ao prognóstico.

Por exemplo, a senhora Z. sonha que está no parque Richmond com a irmã. Lá, sobre uma cadeira, encontram um medalhão de alfinete, de adorno, que depois a sra. Z. dá à sua camareira. Ao amanhecer ela conta a outrem seu sonho. Horas depois, esquecida já, vai ao parque Richmond. E encontra na cadeira em que vai sentar-se um grande medalhão de alfinete igual ao que sonhara (8).

Como se compreenderá, o mais significativo deste caso é precisamente a insignificância do que se prevê. Será simples simulcognição do medalhão já abandonado no banco?

(6) RICHET, Charles: "Traité de Métapsychique", 2.^a ed., Paris, Alcan, 1923, pág. 467.

(7) RICHET, Charles: "Traité...", o. c., pág. 481.

(8) RICHET, Charles: "Traité...", o. c. pág. 515.

A senhora Z. seria levada ao parque por um impulso inconsciente? Mas como explicar então que o inconsciente soubesse que ninguém encontraria antes do que ela o medalhão? Ao menos é um caso "sugestivo".

Também sonhando, a senhora JOHNSON vê-se saindo duma loja vazia com sensação de encontrar-se num país estrangeiro. Diante dela vê-se um enorme chapéu de palhaço... A senhora JOHNSON sabe que é especialmente "dotada", tendo o costume recomendável (do ponto de vista científico, mas em certos casos perigoso para a saúde) de anotar todos os seus sonhos, algo estranhos.

Pois bem, algum tempo depois a Sra. JOHNSON parte inopinadamente em viagem para a Riviera. Lá entra na loja de um florista. Fica surpreendida: aquela loja já lhe é conhecida, apesar de nunca ter estado lá. De repente entra um senhor — era carnaval — que se inclina diante dela em grotesca reverência: sobre a cabeça o chapéu vermelho de palhaço. Antes da entrada do bufão a loja estava vazia. Só então a Sra. JOHNSON lembrou o sonho que tinha anotado, cujos detalhes se tinham realizado todos (9).

Detalhes, como se vê, completamente intrascendentes. Poderíamos multiplicar os exemplos de semelhantes casos em sonhos. Precognição autêntica?

O VALOR DOS CASOS ESPONTÂNEOS — Evidentemente, contra todos os casos espontâneos pode-se objetar que entre a imensa quantidade de prognósticos é impossível que algum não se realize: é impossível errar sempre. Seria preciso demonstrar cientificamente que não cabem outras explicações...

Uma coisa, porém, é certa. Têm-se recolhido milhares de casos espontâneos. Muitos deles foram controlados, diríamos policialmente, por especialistas na observação do paranormal... Há casos que não "parece" possam explicar-se senão por uma faculdade estritamente precognitiva...

Sempre é necessária uma grande dose de desconfiança diante de qualquer suposta faculdade paranormal. Esta

(9) BOZZANO Ernesto, o. c., caso CXXI.

desconfiança, porém, deve diminuir algo, ou bastante, com respeito à precognição. Com efeito, a precognição não seria mais do que um aspecto de PSI-GAMMA que hoje está científica e absolutamente demonstrada.

PG prescinde dos obstáculos, mesmo das montanhas, que possam estar diante ou sobre o objeto; PG prescinde da distância, ao menos dentro do nosso planêta, mesmo tratando-se de milhares de quilômetros; para PG dois, três atos, são iguais a um só ato, i. é, são simples, sem partes; PG é extra-sensorial, etc. Numa palavra, PG é uma faculdade espiritual, segundo opinião unânime dos parapsicólogos de hoje (embora nós, neste livro, não nos tenhamos detido a demonstrar diretamente êste aspecto). O tempo, pelo contrário, é material... PG, por conseguinte, "deve" prescindir do tempo.

Claro está que são necessárias certas condições para que os casos espontâneos de precognição tenham alguma força científica. Assinalamos três condições principais: os casos devem ser analisados por especialistas, bem comprovados e suficientemente numerosos.

"Analisados por especialistas", para não se confundirem os casos que seriam de precognição psigâmica com casos de outras faculdades não propriamente precognitivas.

"Bem comprovados", isto é, referidos por pessoas dignas de crédito, registrados preferentemente por escrito e "ante eventum", referidos pelos mesmos protagonistas ou testemunhas, etc. Muitos casos dos que se referem nas coleções científicas foram, aliás, comprovados policialmente" especialmente por membros da "Society for Psychical Research".

[E, por fim, "suficientemente numerosos": em outras matérias poucos casos podem ser suficientes, não em Parapsicologia, onde são tantas e tão graves as dificuldades de observação e análise. Quando citamos um exemplo, é mesmo

um exemplo entre muitos que se poderiam citar. O valor principal não reside no exemplo concreto, mas no fato de representar outros muitos.

Só com essas condições têm força científica os casos espontâneos em prol de um aspecto (precognitivo) de uma faculdade já demonstrada cientificamente (PSI-GAMMA).

ADIVINHOS "PROFISSIONAIS" — Esta classe de adivinhação constitui uma classificação intermediária entre os casos espontâneos e a experimentação. Não são experimentações de laboratório e poderiam catalogar-se entre os casos espontâneos; mas tais adivinhos "profissionais" buscam provocar e controlar as precognições, o que seria um tipo de experimentação. Poderíamos citar milhões de casos... Como exemplo, bastará muito pouco.

NOSTRADAMUS e GUARICO ganharam ainda em vida reputação como adivinhos por acertos empolgantes, como, por exemplo, o prognóstico da morte de HENRIQUE II que ambos fizeram.

O célebre adivinho GUARICO "predisse-me — escrevia, incrédulo, o mesmo Rei — que eu morreria em duelo. Predisse que o Sr. de GUIA seria morto pelas costas e que um coice de cavalo esmagaria a cabeça de DESCARS. O Sr. de GUIA preocupou-se com aquela predição, como se lhe tivesse sido anunciado que era um covarde. DESCARS também não ficou satisfeito ao saber que teria de morrer de morte tão trágica... Não sei o que ocorrerá ao Sr. de GUIA e a DESCARS, mas não parece verdade que eu morra em duelo. Acabamos de fazer as pazes o Rei da Espanha e eu e embora não as tivéssemos feito, duvido muito que eu o mandasse chamar como o Rei, meu pai, mandou chamar a CARLOS V".

Além da carta do Rei, temos como testemunho a própria profecia de GUARICO, impressa "ante eventum", em 1552.

O prognóstico realizou-se plenamente, no que se refere a de GUIA e a DESCARS ⁽¹⁰⁾.

(10) GARÇON, Maurice, na revista "Histoire", Paris, Dezembro, 1953.

Quanto ao rei HENRIQUE II, quando em 1555 apareceram as Centúrias de NOSTRADAMUS, encontrou-se uma quadra que imediatamente foi tomada como confirmação do prognóstico de GUARICO:

"O jovem leão ao velho tem de vencer
no campo de honra em duelo singular,
em gaiola de ouro seus olhos cravará.
Duas classes: uma. Depois a morte, morte cruel."

("Le lyon jeune le vieux surmontera
en champ bellique par singulier duelle,
dans cage d'or les yeux lui crévera.
Deux classes: une. Puis mourir, mort cruelle.")

E, com efeito, houve um duelo singular: em consequência do tratado de Chateau-Cambresis, que pôs fim à guerra entre Espanha e França, organizaram-se grandes festas em Paris. Houve um grande torneio: uma classe de duelo.

"en champ bellique par singulier duelle.
Deux classes: une..."

No torneio, o Rei HENRIQUE II quis lutar contra o condestável MONTGOMERY. Segundo os comentaristas, tratava-se dos dois leões indicados por NOSTRADAMUS, o leão, signo astrológico de França e seu Rei, e o leão heráldico da Escócia sob cujo brasão combatia MONTGOMERY, então lugar-tenente da guarda escocesa na corte de França.

"Le lyon jeune le vieux surmontera".

No torneio, MONTGOMERY, o jovem leão, levado por seu ardor juvenil, golpeou com violência a couraça do Rei, o leão velho. A arma quebrou e um estilhaço de madeira penetrou pela viseira do elmo do Rei, que brilhava como ouro.

"dans cage d'or les yeux lui crévera".

Como consequência, morria pouco depois o rei HENRIQUE II.

"Puis mourir, mort cruelle".

São prognósticos detalhados, por escrito, "ante eventum", com sete anos de antecedência o de GUARICO e com cinco o de NOSTRADAMUS ⁽¹¹⁾.

(11) BRANTÔME: "Oeuvres complètes", Paris, "Société d'histoire de France", T.V., págs. 387 s.

NOSTRADAMUS fez também prognóstico empolgante, completando uma vez mais um de GUARICO.

GUARICO tinha anunciado a Catarina de MÉDICIS que seria rainha, quando nada podia dar esperanças a tal prognóstico, pois o delfim, D. FRANCISCO, gozava de excelente saúde. O prognóstico se cumpriu, sendo o espôso de Catarina de MÉDICIS, HENRIQUE II, filho de FRANCISCO I, que herdou o trono (12).

NOSTRADAMUS anunciou mais: que Catarina não só seria rainha, mas que, além disso, veria feitos reis todos os seus filhos, menos LUÍS, Duque de Orleans. E, com efeito, foram reis FRANCISCO II, CARLOS IX, HENRIQUE III e o senhor de Alençon, não propriamente rei, mas senhor absoluto dos Países Baixos. Além disso, foram rainhas as filhas: ISABEL, casada com FELIPE II da Espanha em 1559 e MARGARIDA, casada com HENRIQUE de NAVARRA, depois HENRIQUE IV da França. LUÍS, porém, segundo o prognóstico, nunca foi rei, morrendo muito jovem (13).

Há muitos casos semelhantes. Poderíamos supor que os adivinhos "obrigaram" os acontecimentos, tão detalhados e complicados? Não seria supor demais?

A crítica talvez só fôsse lógica com respeito à quadra de NOSTRADAMUS, que foi aplicada à morte de HENRIQUE II. Poderia ser "mérito" de interpretação, já que NOSTRADAMUS não disse que ela se referisse a HENRIQUE II e, de fato, o mais consciencioso e profundo intérprete moderno aplica esta quadra à Terceira Guerra Mundial que estaria prevista por NOSTRADAMUS (!?) (14).

A EXPERIMENTAÇÃO DE LABORATÓRIO — Apesar de estar já demonstrada PSI-GAMMA, a precognição pelo seu particular aspecto exigia uma experimentação específica.

A comissão que estudou e fez experiências com numerosos sujeitos "magnetizados" (hipnotizados), concluiu pela

(12) BRANTÔME: "Oeuvres...", o. c., T.V., págs. 291 ss.

(13) BRANTÔME: "Oeuvres...", o. c., T.V., págs. 294 ss.

(14) LIGEOIX de a COMBE, Cdt.: "La troisième guerre mondiale. D'après les prédictions de Nostradamus", Bordeaux, Imprimerie Samie, 1961-62, pág. 270. Inclina-mo-nos a não aceitar esta interpretação, como exporemos no capítulo 19.

existência da precognição. Mas a Academia de Medicina de Paris rejeitou, como sabemos, as conclusões e negou todo o valor às experiências da comissão!

Os metapsíquicos não experimentaram a precognição. Isto talvez se deva, como opina RHINE ⁽¹⁵⁾, ao fato de ser sempre considerado o problema da precognição como de âmbito religioso. Isto deteria os metapsíquicos, que faziam alarde da separação entre ciência e religião. No fundo, sem dúvida, porque a precognição seria um argumento poderosíssimo de que há alguma coisa espiritual no homem, espiritualidade que os materialistas “científicos oficiais” de fins do século passado e começos do presente, de nenhum modo queriam admitir...

Mas, fôsse qual fôsse a causa da omissão, o fato é que a experimentação científica da precognição é uma realidade contemporânea.

EXPERIÊNCIAS QUALITATIVAS — O Dr. W. H. C. TENHAEFF, professor de Parapsicologia na Universidade de Utrecht, fez experiências com o metagnomo Gerard CROISET.

O Sr. Gerard CROISET é um dos mais famosos metagnomos da atualidade. A sua fama nascera com fenômenos PSI-GAMMA de simulcognição pela técnica chamada criptestesia pragmática, psicometria parapsicológica, ou melhor, metagnomia tátil, isto é, tomando como ponto de inspiração objetos que tenham alguma relação com a pessoa sobre a qual versa a “adivinhação”. Em presença dos objetos, CROISET descreve com alguma frequência seus “donos” com detalhes particulares: tal pessoa é sensível a objetos de lã, perdeu tal dedo da mão esquerda, tomou recentemente um susto com um carro de bois, tocou recentemente uma sonata de BEETHOVEN num pia-

(15) RHINE, Joseph Banks, pref. e trad. de SUDRE, René: “La double puissance de l'esprit”, Paris, Payot, 1953, pág. 68.

no horivelmente desafinado... As comprovações confirmam as afirmações de CROISET com muito mais freqüência do que permite o acaso.

Pois bem, com êste famoso sujeito, o Dr. TENHAEFF realizou 150 experiências de precognição pelo método chamado "cadeira vazia". Os resultados foram sempre positivos. Eis um exemplo:

Era o dia 17 de janeiro de 1952. Numa sala de Rotterdam deveria realizar-se uma reunião no dia 20 (três dias depois). Havia 30 lugares. Por acaso se escolheu o número 18 e se perguntou ao Sr. CROISET quem haveria de sentar-se naquela cadeira. "Depois de alguns instantes, o Sr. CROISET me disse — escreve o mesmo Dr. TENHAEFF — que não recebia nenhuma impressão e pediu que indicasse outra cadeira. Foi o que fiz. Revelou-me então CROISET que nesse lugar se sentaria uma senhora com cicatrizes no rosto, conseqüência dum acidente automobilístico durante uma temporada na Itália. Com relação à senhora lembrou a "Sonata ao luar" ("sonata al chiaro di luna").

No dia 20 de janeiro, às 20,45 horas, verificou-se que dos 28 convidados à reunião só vieram 27 e que precisamente o assento 18 (no qual CROISET não tinha experimentado reação) ficou desocupado. No outro lugar pelo qual se perguntara a CROISET sentou-se a senhora dum médico: tinha cicatrizes na face, resultado dum acidente de automóvel durante as férias na Itália (cicatrizes que a afetavam muito). O marido afirmou que, de fato, a "sonata ao luar" incomodava muito à senhora porque se associava a uma questão íntima da vida dela (16).

(16) TENHAEFF, W. H. C., em "Tijdschft voor Parapsychologie", Haia, 1954.

Estas experiências do Dr. TENHAEFF, juntamente com outras idênticas (às quais em seguida aludiremos) dirigidas pelo Dr. BENDER, foram relatadas por êste último no Congresso de Utrecht: "Precognition in the qualitative experiment", relação n.º 38. Um resumo desta relação foi publicado por AMADOU, Robert: "La Science et le paranormal. Le I Colloque International de Parapsychologie (Utrecht, 1953). Les Entretiens de Saint-Paul-de-Vence (1954). Comptes rendus et rapports publiés et présentés par Robert Amadou", Paris, Instituto Met. Int., 1955, pág. 5.

Cfr. também a relação inglesa do Congresso: OSBORN, Edward, e ZORAB, George, Utrecht, edições da University Royal, 1954.

Também o Dr. Hans BENDER, professor do laboratório de Parapsicologia da Universidade de Friburgo (Suíça) fez experiências semelhantes até um total de 450 com o mesmo percipiente.

Com o Dr. BENDER, uma vez o Sr. CROISSET deu um formidável exemplo de precognição "em duas etapas":

Da senhora que se sentaria em determinada data futura numa cadeira, CROISSET afirmou: "A pessoa que se sentará nesta cadeira fraturou um braço recentemente, porque quando acompanhava um entérro dum amigo, caiu numa sepultura". As investigações demonstraram ser absolutamente falsos estes dados. Porém, o fracasso durou apenas 4 dias, porque, após esse tempo, a citada senhora foi realmente ao entérro dum amigo, caiu numa sepultura e quebrou o braço (17).

O Sr. CROISSET, pois, não só teria prognosticado quem se sentaria em determinada data futura numa cadeira, mas também teria preconhecido, como em segunda etapa, o que no futuro aconteceria com essa pessoa.

Experiências parecidas foram também realizadas pela "Sociedade Argentina de Parapsicologia" (18). As experiências dos parapsicólogos argentinos foram realizadas com o perceptivo Conrado CASTEGLIONE, na sala do Teatro Buenos Aires.

Numa experiência concreta, sobre 45 dados obtiveram-se 37 acertos. Os detalhes de identificação, em geral, não eram generalidades aplicáveis a vários.

Já antes, na época da Metapsíquica, o Dr. OSTY realizou duas experiências de "cadeira vazia" com o Sr. FORTUNY. O êxito foi notável (19).

(17) BENDER, H.: "Parapsychologie, ihre Ergebnisse und Probleme", Bremen, 1954, págs. 31 ss. Cfr. também a nota anterior.

(18) MUSSO, J. Ricardo: "En los límites de la Psicología. Desde el Espiritismo hasta la Parapsicología", Buenos Aires, Periplo, 1954, págs. 317-320.

(19) OSTY, Eugène: "Pascal Fortuny", Paris, Alcan, 1962, págs. 102 e 135.

Para observações anteriores, OSTY, Eugène: "La connaissance supranormale", Paris, Alcan, 2.^a ed. revisada, 1925.

Mas, nos primeiros casos referidos, poder-se-ia supor que CROISET não conheceu o futuro, senão o presente: as pessoas convidadas. Depois, ainda, cabe supor que, no dia 20, o inconsciente de CROISET fizesse que algum convidado (ou este sugestionado inconsciente e telepàticamente pela profecia feita), terminasse por deixar vazia a cadeira 18 e pelo mesmo motivo noutra cadeira prevista se sentasse a espôsa do médico. Esta inversão do processo é sempre objectável nas experiências que têm por objeto ações humanas.

Semelhantes explicações caberiam para os outros casos citados e outras experiências parecidas realizadas nos Estados Unidos e Inglaterra.

Estas experiências, mormente se reunidas tôdas, impressionam certamente, fazem pensar, mas não são totalmente incontestáveis.

EXPERIÊNCIAS QUANTITATIVAS — Havia, pois, que experimentar tomando como objeto seres inanimados nos quais não se pode supor que, “sugestionados”, invirtam o processo...

O Dr. S. G. SOAL realizou uma série de tentativas com 160 metagnomos a partir de 1934. Tratava-se, na mente de SOAL, de experiências de simulcognição paranormal sôbre objetos inanimados como “contrôle”.

O “sujeito” tratava de adivinhar para qual das cartas dum baralho especial estava olhando outra pessoa, em determinado momento, num quarto vizinho. Para garantir o acaso na escolha da carta que deveria olhar-se em cada momento, usou-se um método engenhoso: numa taça havia peças ou pedras de 5 côres diferentes. Cada cor indicava o lugar de onde se deveria pegar a carta a pensar.

Os resultados, porém, não superam o atribuível ao acaso segundo o cálculo de probabilidades.

É sumamente interessante e ilustrativa a excelente análise sôbre os fenômenos de FORTUNY, embora não se trate sempre de fenómeno precognitivo, realizada por MOUTIER, F., em “Revue Métapsychique”, 1935, fevereiro pág. 138 ss.

Mas essas experiências se tornaram significativas em prol da precognição. Com efeito: o Dr. SOAL comprovou que dos 160 sujeitos, dois, a Sra. STEWART e o Sr. Basil SHACKLETON, tinham acertado com muita frequência, não a carta que em determinado momento se olhava, mas a que deveria olhar-se no momento seguinte, carta que ainda não estava escolhida pela sorte. Aplicado o cálculo de probabilidades a êste curioso “efeito de deslocamento”, comprovou-se que os acertos superavam muito significativamente o que se esperava pelo acaso.

SOAL analisou o “deslocamento” por sugestão do Dr. CARINGTON que tinha observado nas próprias experiências o mesmo deslocamento precognitivo. Idêntico deslocamento obteve posteriormente o Dr. Charles E. STUART.

Mas nessas experiências de SOAL e semelhantes, poder-se-ia pensar em outras explicações sem necessidade completa de recorrer à precognição propriamente dita. Por exemplo, cabe supor que o experimentador, ao pegar a peça indicadora da carta que haveria de olhar, era guiado inconscientemente por simulcognição do prognóstico dado já pelo sujeito. Seria, de novo, inversão do processo apesar do “contrôle” inanimado.

Esta hipótese, como em casos semelhantes, oferece várias dificuldades, entre outras a de atribuir o mérito principal do conhecimento psigâmico ao experimentador (alhu- res reconhecido como mau metagnomo), tirando mérito do destacado metagnomo. Contudo, tôda hipótese não precognitiva deve ter-se em conta...

EXPERIÊNCIAS IRREFUTÁVEIS — Após êstes resultados “demonstrativos” obtidos sem pretendê-lo, o Dr. SOAL quis continuar experimentando diretamente a precognição. Procurou os dois metagnomos que tinham obtido êxito. Só poderia continuar experimentando o Sr. Basil SHACKLETON.

B. SHACKLETON, fotógrafo de profissão, não se tinha dado conta de seus "dotes" até a idade de 23 anos, quando acertou "de um modo raro" os ganhadores numa corrida de cavalos.

A manifestação especial da capacidade para o conhecimento paranormal de B. SHACKLETON deve-se, sem dúvida, ao menos em parte, a seu delicado estado de saúde. Na época das experiências o Sr. Basil SHACKLETON acabava de se aposentar por doença.

É notável, por outra parte, a total falta de entusiasmo pelas experiências parapsicológicas que demonstrou sempre este notável metagnomo. Qualificava as experiências de "monótonas, aborrecidas, e sem finalidade nenhuma". Isto, acreditamos, pode dar mais valor aos resultados obtidos, pois cabe esperar que com menos "inibição" teria obtido ainda melhores êxitos.

A partir de janeiro de 1941, SOAL inaugurou outra série de experiências importantíssimas com Basil SHACKLETON. Por sua excepcional importância deveremos deter-nos mais na exposição destas experiências.

Experimentou-se com um baralho todo especial: os símbolos tradicionais do baralho ZENER foram substituídos pelos desenhos de um leão, zêbra, girafa, elefante e pelicano, com a finalidade de dar mais interesse aos símbolos, de cuja insipidez se queixava o sujeito.

As cartas eram "baralhadas para cada experiência. O sistema de "baralhar" era bem original, procurando garantir o acaso plenamente. O Dr. SOAL escrevia numa ordem completamente aleatória (servindo-se de dados, por exemplo) os algarismos de 1 até 5 (tantos quantos símbolos diferentes tinha o baralho), formando uma lista de 50 números (tantos quantas tentativas se faziam em cada prova).

A lista se fixava diante da senhora GOLDNEY e se renovava para cada experiência. Além da lista de 50 números a senhora GOLDNEY tinha entre as mãos 5 cartões numerados de 1 até 5.

Por outra parte, diante do agente se colocavam as cartas viradas para baixo, de modo que não se podiam ver seus desenhos. Estas cartas estavam colocadas ao acaso em cinco repartições ou pequenos compartimentos. O agente e a senhora GOLDNEY sentavam-se frente

a frente, mas não podiam ver-se por estar entre eles, sobre a mesa, um painel separador. A Sra. GOLDNEY ignorava as cartas que havia em cada compartimento dos 5 que estavam diante do agente.

Durante a experiência, a Sra. GOLDNEY apresentava ao agente por uma abertura "ad hoc" do painel um cartão dos numerados de um até cinco. Não apresentava um cartão qualquer, mas o que correspondia para cada tentativa, segundo a ordem da lista de 50 algarismos.

O agente, pela sua parte, logo que via o número do cartão que se lhe apresentava, pegava uma carta da repartição correspondente ao número do cartão e durante alguns instantes ficava olhando aquela carta. Depois a recolocava no seu lugar. O percipiente, Sr. Basil SHACKLETON, estava numa outra sala, controlado pelo mesmo Dr. SOAL.

Pois bem, o Sr. SHACKLETON não devia "adivinhar" a carta que a cada momento olhava e pensava o agente, mas a carta que olharia e pensaria no *momento seguinte*.

O sistema de "baralhar" como se vê era tão original como complicado, mas garantia a casualidade na designação do desenho que deveria ser pensado pelo agente.

O êxito foi rotundo. Fizeram-se 3 789 tentativas. A precognição foi tão constante que a possibilidade de obter tais resultados pelo acaso deu uma razão crítica, segundo o cálculo de probabilidade, de 13,2, isto é, uma probabilidade de 1 sobre a unidade seguida de 35 zeros.

Acelerando o ritmo da experiência, em lugar de adivinhar a carta do momento seguinte, acertava a que deveria escolher-se duas tentativas mais adiante ⁽²⁰⁾.

CRÍTICAS E CONTRACRÍTICAS — Estas experiências de SOAL são consideradas como decisivas, demonstrando a pre-

(20) SOAL, S. G.: "The experimental situation in Psychical Research", Londres, S.P.R., 1947.

Para a relação detalhada das experiências:

SOAL, S. G., e GOLDNEY, D. M.: "Experiments in Precognitive Telepathy", em "Proceedings of the S.P.R.", XLV, págs. 165 ss. e XLVII, págs. 21 ss. Cfr. também a carta de SOAL-GOLDNEY publicada em "Journal of Parapsychology", Dezembro, 1944, pág. 318; assim como na pág. 321: "Comments on Soal and Goldney", e nas páginas 311-315: "A note on negative deviation".

cognição apoditicamente: tal é a opinião geral dos parapsicólogos e de quantos outros cientistas têm estudado o assunto.

Certamente, qualquer outra explicação diferente da precognição é sumamente improvável, até ridícula. Com efeito, o mecanismo que precisaria o metagnomo para deduzir, só por simulcognição, a carta que haveria de pensar-se no momento seguinte é complicado demais e ilógico. O metagnomo deveria conhecer por simulcognição o número seguinte na lista de 50, deveria também conhecer em que forma o cartão numerado correspondia com o compartimento em que se achava a carta e, por fim, saber que cartas havia em cada compartimento. Tudo isto seria por conhecimento da mesma realidade externa ⁽²¹⁾.

Não é lógica tal objeção neste caso, pois Basil SHACKLETON era telepático e não clarividente. Com efeito:

Numa série de experiências se suprimia o agente telepático, isto é, o agente Srta. R. E., não olhava a carta mas só a apontava com o dedo, sem virá-la.

Então B. SHACKLETON não obtinha resultado nem em simulcognição nem em precognição.

Noutra ocasião foi-se alternando aleatoriamente o sistema de olhar o agente a carta e o de só apontar com o dedo sem olhá-la.

Basil SHACKLETON obteve resultados significativos quando se olhava a carta, acertando precognitivamente, não a carta que se olhava em cada momento, mas a que deveria olhar-se no momento seguinte (ou dois momentos posteriores, acelerando o ritmo da experimentação); em compensação, não superou o acaso quando deveria acertar as cartas que só se apontavam com o dedo, sem conhecê-las o agente telepático.

(21) O conhecimento da realidade externa chama-se, em Parapsicologia, "clarividência"; o conhecimento paranormal dos pensamentos ou atos psíquicos alheios chama-se "telepatia", como estudaremos no capítulo 20.

Em março de 1941, substituíram-se as cartas que levavam o desenho dos 5 animais por cartas com só as iniciais dos mesmos; para o agente telepático era a mesma coisa, com as iniciais saberia em que animais deveria pensar. Basil SHACKLETON não foi advertido até depois de preenchidas 4 folhas de registro.

Os resultados não foram afetados. Basil SHACKLETON captava pois o *pensamento* futuro do agente, não as cartas mesmas, as iniciais neste caso.

Outra inovação foi que o agente pensasse nos animais dos quais só se lhe apresentava um símbolo: tromba (por elefante), juba (por leão), bico (por pelicano), listras (por zêbra), e pescoço (por girafa).

SHACKLETON nem se apercebeu; os resultados continuaram idênticos (exceto numa primeira série em que os resultados foram nulos, fato que evidentemente pode depender de outros fatores) ⁽²²⁾.

Uma outra conformação feita posteriormente: Denys PARSON utilizou uma máquina destinada a excluir toda a captação de *pensamento*; Basil SHACKLETON não obteve resultado sobre o acaso em 882 intentos ⁽²³⁾.

Evidentemente Basil SHACKLETON estava condicionado a captar *pensamentos* futuros (telepatia precognitiva), não a conhecer a *realidade externa* nem futura nem presente (clarividência). A crítica, pois, de que os resultados poder-se-iam explicar por simulação cognição clarividente vai contra os resultados experimentais.

(22) Além da bibliografia do próprio SOAL citada na nota 21, cfr. HUMPHREY, Betty: "Soal and Goldney precognitive telepathy experiments", em "Journal of the American S.P.R.", 1944, setembro págs. 139 ss., tradução francesa pelas Sra. CLARY e Srta. GALINIER: "Experiences de télépathie precognitive", em "La Métapsychique 1940-1946", Paris, P.U.F., s. d. (1947), págs. 133 ss.

RHINE, J. B. e HUMPHREY, B. H.: "Position effects in the cognitive telepathy. Experiments of Soal and Goldney", em "Journal of Parapsychology", VIII, 1944, setembro, págs. 187 ss.

(23) SOAL, S. G., e GOLDNEY, D. M., em "Journal of Parapsychology", VIII, 1944, junho.

Poder-se-ia contestar estas famosíssimas experiências sob o ponto de vista da telepatia? Basil SHACKLETON poderia captar no subconsciente da Sra. GOLDNEY o número seguinte da lista de 50 ou colocado dois lugares mais adiante nas experiências a ritmo mais rápido: A Sra. GOLDNEY, ao procurar um número na lista de 50 veria também, embora não reflexamente, o número seguinte ou ainda outro posterior e assim poderia, na Sra. GOLDNEY, conhecê-lo B. SHACKLETON. O Dr. SOAL, por sua parte, já que êle próprio tinha confeccionado a lista de 50 números, certamente que a conservaria no inconsciente por pantomnésia. Nêle também a poderia captar Basil SHACKLETON. Além disso deveria conhecer também na mente dos experimentados que os números da lista se relacionavam com os cartões, deveria captar a correspondência dos cartões numerados com os compartimentos e, no agente, teria que conhecer de antemão as cartas correspondentes a cada compartimento.

Apesar do complicado desta crítica, SOAL e GOLDNEY a enfrentaram, introduzindo uma importante modificação nas experiências.

Baseando-se no método das primeiras experiências realizadas pelo mesmo SOAL antes da Segunda Guerra Mundial, como já indicamos nestas novas experiências recorreram também ao arbítrio de substituir a lista de 50 números por um saco ou recipiente onde houvesse grande quantidade de pedras, discos ou fichinhas de 5 côres diferentes. Cada côr indicaria o número escolhido. As fichinhas eram bem misturadas e se tiravam uma a uma ao acaso.

Na maior parte destas experiências era a mesma Sra. GOLDNEY quem pegava e mostrava as pedras coloridas ao agente. Expressa-se assim: "Eu arranjava o saco, de tal sorte que os números fôssem facilmente acessíveis, depois colocava alternativamente cada mão e mostrava um número na abertura do painel com u'a mão, enquanto que a outra mão se *afundava* no saco para pegar o número seguinte. De tempo em tempo, eu parava para sacudir rapidamente o saco, durante bastante tempo e sempre pegava o número *de todos os cantos*, acima e em baixo, a fim de evitar a saída dos mesmos números...

Os resultados parecem indicar que Basil SHACKLETON conhecia qual seria a carta seguinte, mesmo *antes de que o algarismo* que a assinalaria tivesse sido pego."

Note-se que, por várias passagens das atas, inclusive no texto que citamos pelas frases que grifamos, a Sra. GOLDNEY não pegava o número seguinte (sòmente sacudia, removia as pedras), até passado o momento destinado ao intento anterior. Se u'a mão já tivesse pego a pedra "seguinte" enquanto a outra mostrava a pedra "anterior", não se teria evitado a clarividência simulcognitiva. Magníficos experimentadores, como SOAL e GOLDNEY, não iam cair nesta falha tão ingênua, precisamente em experiências feitas para destruir contra-hipóteses de simulcognição, apesar de que tôda a clarividência deveria desprezar-se em tais experiências com B. SHACKLETON, que era claramente um telepata.

Nestas mesmas experiências com números no saco, há também o fator importantíssimo da aceleração no ritmo. Este fator exclui tôda a possibilidade de simulcognição, e inclusive se exclui essa "ingênua" crítica de que talvez já estaria a Sra. GOLDNEY pegando o número seguinte...

Habitualmente, as experiências se produziam a um ritmo de dois segundos e meio para cada tentativa. Agora, durante quase três meses, se experimentou à máxima velocidade possível na complicada técnica: um segundo para cada intento (exatamente um segundo e um quarto de segundo). E SHACKLETON acertava não a carta que se pensaria no segundo seguinte, mas a carta que se pensaria dois segundos mais tarde (exatamente dois segundos e meio).

Aqui é manifestamente impossível que GOLDNEY já estivesse em contato com a pedra correspondente a dois intentos mais tarde, dado que ia alternando as mãos.

Os resultados de tôdas estas experiências foram idênticos aos obtidos quando se fazia a experiência com a lista dos

50 números. Evidentemente, pois, Basil SHACKLETON captava diretamente o futuro e não os mecanismos interpostos. Era precognição e não simulcognição.

Atribuir o êxito dêstes novos métodos de experimentação a um processo inverso, isto é, pensar que GOLDNEY seria guiada inconscientemente na escolha da pedra pelo conhecimento simulcognitivo ou retrocognitivo do prognóstico já feito por SHACKLETON, é uma hipótese ridícula: como, de repente, uma pessoa reconhecidamente não metagnoma, iria igualar, uma experiência tão difícil, um dos melhores metagnomos que já encontraram os parapsicólogos?

Idêntica a esta crítica seria a de supor que Basil SHACKLETON dirigiria GOLDNEY por um efeito psicocinético (PK) ou qualquer outro modo de influenciar a atuação da Sra. GOLDNEY. Devo dizer, em primeiro lugar, que esta contra-hipótese que, de fato, alguns parapsicólogos sugeriram a SOAL e GOLDNEY, vai contra tudo o que sabemos da influência noutras pessoas (sugestão telepática, subjugação telepsíquica, faculdade PK influenciando em seres animados...). Porque, na realidade, o processo dessa possível influência não parece que seja no sentido que a crítica supõe. Não é o metagnomo (feiticeiro, etc.) quem me sugere, subjuga, movimenta meus órgãos...; seria o meu mesmo inconsciente que captaria o pensamento, melhor diríamos o desejo ou o sentimento grandemente emotivo do "mago". Meu próprio inconsciente é o fator principal. Eu deveria ser metagnomo. Portanto, esta crítica se reduz a uma mera modificação verbal da crítica anterior e a resposta poderia ser a mesma: não se compreende como a Sra. GOLDNEY, reconhecidamente má metagnoma, poderia igualar, e menos ainda regularmente durante meses, os resultados magníficos de um dos melhores metagnomos do mundo.

SOAL e GOLDNEY fizeram também experiências dessas contra-hipóteses. Trataram intencionalmente de inventar o processo:

SHACKLETON se esforçaria por influenciar a Sra. GOLDNEY na escolha dos números, ou a Sra. GOLDNEY trataria de acomodar-se aos desejos de Basil SHACKLETON. Nestas experiências, todos os outros participantes permaneciam nos seus postos habituais. Algumas vezes, Basil SHACKLETON pensava numa cifra seguindo a ordem da lista de 50 números, outras vezes assinalava com o dedo, à livre escolha, uma pedra colorida. A Sra. GOLDNEY deveria escolher ou tirar do saco o mesmo número.

Pois bem, nunca obtiveram resultado positivo, nem na escolha do número em questão nem com deslocamentos ao algarismo seguinte. Tudo correu perfeitamente segundo as leis do acaso...

Como se vê, não se pode fugir à explicação por precog-nição nas experiências de SOAL-GOLDNEY com Basil SHACKLETON, nem procurar explicações complicadas...

Além disto, em Parapsicologia, tanto nos casos espontâneos como nos experimentais, parece claro que o alvo ou objeto da faculdade PSI ou melhor, o que pode se *manifestar*, nunca é tão complexo e complicado como as contra-hipóteses reclamariam.

A precoguição propriamente dita, é, pois, a única explicação admissível nestas experiências.

A PRECOGNIÇÃO DE DESENHOS — Fizemos alusão antes ao efeito de deslocamento precognitivo observado por outros experimentadores. Penso que neste sentido as experiências à base de desenhos realizadas pelo Dr. CARINGTON, são muito dignas de destaque.

O Dr. CARINGTON escolhia, ao acaso, um número duma tabela. Depois, abria um dicionário na página correspondente ao dito número e nela tomava a primeira palavra capaz de fornecer, razoavelmente, objeto para um desenho. Os "sujeitos" residentes a quilômetros de distância procuravam averiguar psigamicamente e reproduzir êsses desenhos. Originais e reproduções eram entregues a diversos árbitros especializados. Em vários sujeitos observou-se significativamente o deslocamen-

to precognitivo: desenhavam não o desenho já escolhido, mas o próximo, que não tinha ainda sido desenhado nem sequer escolhido (24).

Com o sistema usado pelo Dr. CARINGTON, qualquer outra explicação diferente da precognição se torna impossível.

No resultado do cálculo de probabilidades, qualquer influência de preferência na escolha dos desenhos no dicionário ou de severidade ou de indulgência por parte dos juízes, foi expressamente evitado por um método peculiar de cálculo de probabilidades cuja justificação matemática se deve ao especialista em estatística, Dr. STEVENS.

O Dr. SOAL fez uma crítica sumamente severa destas experiências. Deduz-se que o deslocamento precognitivo nas experiências de CARINGTON não chega a ser *segura e completamente* significativo, do ponto de vista estatístico. É possível. No entanto, como disse muito bem o Dr. J. WEST, os trabalhos de CARINGTON, se não são apodíticos, ao menos têm enorme força em prol da precognição (25).

DUKE COMEÇA AS PESQUISAS — Os primeiros passos no Laboratório de Parapsicologia da Universidade Duke em Durham (N. C., E.U.A.) foram lentos e difíceis. Só após grandes esforços de engenho e longas horas de medição, chegaram a encontrar o sistema perfeito de experimentação.

A investigação partiu dum erro. Depois de ter demonstrado que PSI-GAMMA prescinde da distância, o Dr. RHINE e alguns dos seus colaboradores pensaram que, em consequência, prescindia também do tempo. Porque — diziam eles —

(24) CARINGTON, Whately: "Telepathy, an outline of its facts, theory and implications", London, Methuen and Co., 1945. Nós utilizamos a tradução franc. de PLANIOL: "La télépathie, faits théories, implications", Paris. Payot, 1948, págs. 46 ss. Para a descrição detalhada das experiências: "Proceedings of the Society for Psychical Research", XLII, págs. 173 ss. e 227 ss. "Proceedings of the American Society for Psychical Research", XXIV, págs. 3 ss.

(25) WEST, J.: "Psychical Research Today", Londres, Duckworth, 1954, pág. 109.

EINSTEIN demonstrou que o tempo é uma quarta dimensão do espaço. Mas a doutrina do espaço-tempo na teoria da relatividade de EINSTEIN é um formalismo matemático, que pouco tem a ver com o espaço e tempo reais. Mas êste êrro de interpretação animou a RHINE e a seus colaboradores, que se lançaram com entusiasmo e constância admiráveis à confirmação experimental de que a precognição existia.

Outros colaboradores foram melhor encaminhados ao pensarem que, dado que PG é extra-sensorial, espiritual, *tem* que prescindir do tempo, já que o tempo é dependente da matéria.

BARALHANDO À MÃO.

A primeira série de experiências foi uma simples modificação das experiências de simulcognização psigâmica. Em vez de dizer a ordem em que estavam as cartas do baralho ZENER, o metagnomo tinha que prognosticar a ordem em que ficariam futuramente depois de serem baralhadas conscientemente.

Os resultados foram satisfatórios. A possibilidade de obtê-los por acaso era de contra 1 400 000.

Poder-se-ia perguntar até que ponto a percepção simulcognitiva por parte do experimentador dos prognósticos já formulados pelo metagnomo poderia influir no baralhamento das cartas. Mas, como já dissemos, não se compreende como um experimentador reconhecidamente mau metagnomo haveria de levar o principal mérito dos acertos, negando-o ao metagnomo destacado. Mais difícil de compreender é como êste conhecimento inconsciente poderia influir no modo de baralhar a fim de que as cartas se acomodassem à ordem preestabelecida pelo metagnomo. Como se vê, a objeção que a si mesmos se puseram os investigadores, era complicada demais. Contudo, fizeram a contraprova:

Instituíram uma série de experiências em que o sujeito deveria procurar baralhar as cartas com a intenção de que ficassem como

num outro baralho que ele não tinha visto e que, por percepção sim-
multocognitiva poderia conhecer.

Os resultados não superaram o acaso ⁽²⁶⁾. As primitivas experiências de precognição tinham, pois, valor.

Mas Duke queria afastar plenamente, se fôsse possível, até a possibilidade de crítica.

Era necessário abandonar o sistema de baralhar as cartas com a mão. A lógica exigia baralhar mecânicamente.

AS MÁQUINAS FORA DA DUKE — Um notável conjunto de experiências com a colaboração da máquina realizou-se fora do âmbito da Universidade Duke. Foram as realizadas na Inglaterra pelo Dr. TYRREL, presidente da "Society for Psychical Research" de Londres.

Para evitar qualquer outro tipo de PSI-GAMMA não puramente precognitiva, o Dr. TYRREL excogitou um método engenhosíssimo.

Numa máquina completamente automática havia um dispositivo de cinco caixinhas. Posta a máquina a funcionar, uma luz se acendia, após algum tempo, numa das cinco caixinhas. Ninguém por vias normais podia saber que caixinha seria iluminada, visto que um misturador automático ia modificando a ordem. Deve ter-se em conta que a máquina era posta em funcionamento apertando-se qualquer dos cinco botões diferentes. O Dr. TYRREL apertava ora um, ora outro dos cinco botões ao acaso. Segundo fôsse apertado um ou outro botão, variava a mistura causada pelo aparelho misturador. Numa palavra, as lâmpadas se acendiam numa "ordem" completamente desordenada, complicadíssima, imprevisível. Entre o momento em que a máquina começava a funcionar e o acender-se a lâmpada, havia tempo de sobra para que o sujeito levantasse a tampa da caixinha que ele julgasse seria iluminada. Um aparelho automático registrava os erros e fracassos, mas de maneira nenhuma a "ordem" em que as lâmpadas se acendiam.

(26) RHINE, J. B.: "Experiments bearing on the Precognition Hypothesis", em "Journal of Parapsychology", II, 1938, págs. 38 ss. e 119 ss.

Após algumas séries de experiências infrutíferas em procura de "metagnomo" ⁽²⁷⁾, a Srta. JOHNSON obteve êxito notabilíssimo num conjunto de 4 200 tentativas. O resultado deu uma proporção, com respeito ao acaso, de 1 sobre 100 000 000 000 ⁽²⁸⁾.

Que se poderia objetar? Será que estas experiências não garantem que o homem pode conhecer paranormal e diretamente o futuro?

É preciso reconhecer que as objeções que se fizeram a si mesmos os parapsicólogos estão muito perto do ridículo: o Dr. TYRREL, na escolha do botão a apertar, guiar-se-ia, apesar de não ser metagnomo, por simulcognição do prognóstico que já *estaria pensando* fazer a Srta. JOHNSON. Mas para poder apertar o botão certo teria que conhecer, êle, não metagnomo, todo o complicado movimento do aparelho modificador da "ordem" em que se deveriam acender as lâmpadas!

O aparelho modificador era complicadíssimo: como TYRREL ou a Srta. JOHNSON poderiam conhecê-lo por simulcognição, assim como seu complicado funcionamento? Estas objeções estão contra as características que se conhecem da faculdade PSI-GAMMA. PSI-GAMMA, como já indicamos, *manifesta* o conhecimento de coisas particulares, concretas, dados simples, não coisas complexas e desenvolvimentos complicados.

Parece, pois, necessário admitir que se averiguava por precognição diretamente a lâmpada que se acenderia; não parece possível que se manifestasse por simulcognição a série de conhecimentos complicados e entrelaçados entre si que supõem as objeções apresentadas.

(27) TYRREL, G. N. M., em "Journal of Society for Psychical Research, XX. págs. 294 ss.

(28) TYRREL, G. N. M., em "Journal of Parapsychology", II, 1938, Junho.

Para a relação detalhada das experiências: "Proceedings of the Society for Psychical Research", XLIV, 1937, parte 147, págs. 99 ss.

AS MÁQUINAS NA DUKE — Na Universidade Duke realizaram-se 4 séries independentes de experiências, também com o auxílio da mecânica. A primeira série de experiências foi dirigida por C. E. STUART; a segunda pela Srta. Lois HUTCHINSON; a terceira pelos Drs. J. C. PRATT e Betty M. MURPHY, e a quarta pelo mesmo RHINE com a ajuda de E. P. GIBSON.

Utilizou-se todo o baralho ZENER (25 cartas). Para cada prova as cartas eram baralhadas por “braços mecânicos” especialmente arquitetado para esta finalidade. Os metagnomos deveriam prognosticar por escrito, antes de começar a funcionar as máquinas, a ordem em que ficariam as cartas depois que os “braços mecânicos” as tivessem baralhado detidamente (29).

Pois bem, os resultados das experiências, de novo, indicaram sobre base bem firme a existência da precognição, cabe objeção alguma?

Este conjunto de milhares de experiências com máquinas na Inglaterra (TYRREL) e E.U.A. (RHINE e seus colaboradores), terminou em 1940. Era um fato demonstrado que a faculdade PSI-GAMMA prescinde do tempo; certos metagnomos podem conhecer o futuro paranormalmente, diretamente o futuro.

Já fazia tempo que os cientistas não parapsicólogos não faziam objeções com conhecimento de causa. Os parapsicólogos, porém, não se deram por contentes ainda. Que-

(29) RHINE, J. B.: “Experiments of the Precognition”, em “Journal of Parapsychology”, V, 1941, págs. 1 ss. Não sei com que fundamento Robert AMADOU (“La Parapsychologie”, o. c., pág. 227) afirma que estas experiências não foram estatisticamente significativas. O próprio RHINE, nos artigos antes citados afirma o contrário e expressamente o repete em “La double puissance de l'esprit”, o. c., pág. 73: “Toutes quatre (refere-se às quatro experiências de que falamos) donnèrent des résultats significatifs”. AMADOU acrescenta no lugar citado: “Et aucun succès n'a été de nouveau enregistré à Duke de précognition”. Como veremos imediatamente, posteriormente houve na Duke mais experiências de precognição e foram demonstrativas. Esta última afirmação, pois, sugere que a afirmação anterior foi talvez também uma falsa informação.

riam tirar todo possível ceticismo, ainda ridículo ou apaixonado. As objeções foram procuradas pelos próprios parapsicólogos com mais entusiasmo que o que tinham empregado na demonstração.

Contra as experiências com máquinas objetaram que talvez os metagnomos influíssem e dirigissem “com a força do seu pensamento” as máquinas mesmas ou os movimentos das cartas apesar do impulso da máquina. Tudo se deveria à chamada psicocinésia, telecinésia ou mais tecnicamente, PSI-KAPPA. Mas dirigir uma máquina ou as cartas em movimento com tanta precisão...!? Onde haveria base, experimental ou dos casos espontâneos, para supor tal precisão nas manifestações PK?

Havia, porém, que eliminar também este subterfúgio.

EXPERIMENTAÇÃO COM O CLIMA — Aquela nova objeção era difícil de solucionar. RHINE e seus colaboradores, após madura reflexão, adotaram em 1941 o sistema seguinte:

Escolhia-se, por exemplo com dados, uma data futura, suficientemente distante para evitar uma previsão normal a respeito dela. As temperaturas máxima e mínima daquela data futura, segundo fôssem indicadas pelos jornais, seriam as que determinariam em última instância a ordem das cartas. Para isso, primeiramente se misturariam as cartas mecânicamente e depois se dariam ao pacote cortes de acôrdo com as ditas temperaturas.

Para as experiências escolhiam-se sujeitos ingênuos: crianças e adolescentes. Mostravam-se-lhes os símbolos do baralho ZENER. Entregava-se-lhes uma fôlha com 25 espaços em coluna (tantos espaços como cartas compõem o baralho). Dizia-se-lhes que mais adiante seriam escritos símbolos à direita destas colunas. Eles deveriam escrever à esquerda os símbolos como pensassem que mais adiante seriam escritos à direita. Não se lhes dizia nada sobre o método que seria empregado para estabelecer a ordem nos símbolos que após 10, 12 ou mais dias seriam escritos à direita.

Escolhendo-se os sujeitos por razão da ingenuidade principalmente, e só em segundo têrmo por razão da capacidade psigâmica, tinha-se a vantagem de que eles não discutiriam

o método nem o considerariam absurdo. Assim se evitava que a inibição por preconceitos influísse nos resultados. Repetidas vezes se tinha comprovado a influência deletéria, inibitória, do preconceito. Mas esta vantagem vinha acompanhada duma desvantagem: não se dispunha de metagnomos excepcionais. RHINE, porém, e seus colaboradores consideravam esta desvantagem só relativa: se obtinham algum êxito, seria mais significativo por tratar-se de metagnomos pouco escolhidos. Aprofundando nesta consideração, fizeram questão de não procurar sujeitos notadamente de qualidades paranormais, bastando que fôsem ligeiramente "dotados".

Sobre estas bases fizeram duas séries de experiências dirigidas pelo mesmo Dr. RHINE a primeira, e a segunda pela Dra. HUMPHREY, então ainda estudante. Os resultados não foram empolgantes, tratando-se de sujeitos quase "normais". Mas a chamada "co-variação das taxas de emergência" demonstrou, em ambas as séries de experiência, a existência da precognição ⁽³⁰⁾. Segundo o cálculo de probabilidades o acaso estava determinado em cada uma das séries de experiências pela fração 1/500.

Contra esta confirmação da precognição, cabe algum ceticismo? Únicamente, talvez, que os resultados estatísticos não foram muito elevados, embora significativos. Em Biologia ou Química, uma possibilidade sobre 200 já é considerada como cientificamente não devida ao acaso...

CONTRA UMA OBJEÇÃO FANTÁSTICA — Mas os parapsicólogos da Universidade Duke, no contínuo anseio de encontrar métodos cada vez mais apodíticos de experimentação,

(30) RHINE, Joseph Banks: "Evidence of precognition in covariation of salience ratios", em "Journal of Parapsychology", VI, 1942, págs. 111 ss. HUMPHREY, B. M., e RHINE, J. B.: "A confirmatory study of salience in precognition tests", em "Journal of Parapsychology", VI, 1942, págs. 192 ss.

A medida empregada no cálculo de probabilidades neste caso, chamada "co-variação das taxas de emergência", descreve-se também nesses trabalhos.

fizeram-se a si mesmos uma objeção que parece até indigna da seriedade científica duma Universidade. Quiseram fazer frente à objeção fantástica de que os "ingênuos" sujeitos não escolhidos entre os melhores, ou talvez os experimentadores mesmos reconhecidamente não metagnomos, poderiam influir sôbre os aparelhos registradores de temperatura! ⁽³¹⁾.

De fato, o Dr. CHARI prefere em todos os casos a explicação por PK à precognição, e aduz em prol da sua tese vários outros autores ⁽³²⁾. Claro está que não nos convencem. Nem se vê como seria menos inverossímil a precognição do que uma faculdade PK tão notável e inteligente como teria que ser a PK defendida por CHARI e seus partidários. Não seria ruim uma demonstração tão fácil de um PK tão notável...! Como não compreendem êstes autores que se nunca se têm obtido experiências tão significativas quando se pretendia experimentar PK é porque, de fato, a manifestação de PSI-GAMMA precognitiva é ao menos mais freqüente do que a manifestação de PSI-KAPPA?

A objeção, em todo caso, de influir sôbre a temperatura e aliás tão inteligentemente, tão controladamente é, como se vê, absolutamente fantástica, poderíamos dizer absurda no mais completo sentido da palavra. Mas a Universidade Duke queria uma demonstração totalmente irrefutável até para os mais céticos e imaginativos adversários.

E fizeram frente a essa objeção.

Ao sistema de cortar o baralho (depois de ser misturado pelas máquinas), de acôrdo com as temperaturas duma distante data futura, ainda se agrega uma complicação enorme, uma espécie de intransponível barreira intelectual. As cifras das temperaturas, antes de serem aplicadas ao corte do maço de cartas, serviam de base para complicadas operações de altas matemáticas que deviam ser efetuadas por máquinas de calcular. A operação mesma, complicadíssima e

(31) RHINE, J. B.: "Precognition reconsidered", em "Journal of Parapsychology", IX, 1945, págs. 264 ss.

(32) CHARI, C.T.K.: "A note on precognition", em "Journal of Society for Psychical Research", 1952, págs. 46 ss.

longa, efetuava-se de acôrdo com regras fixas, de modo que o experimentador não era livre para escolher os cálculos que inconsciente e paranormalmente julgasse convirem em cada caso (!). Quando, finalmente, as máquinas de calcular davam os resultados das operações, tinha-se produzido entre a leitura da temperatura e os cortes no baralho uma barreira intelectual completamente sôbre-humana. Tôda possibilidade de PSI-KAPPA ou PSI-GAMMA diferente da precognição mesma ficava completamente excluída.

Com êste sistema começaram longas séries de experiências. Pois bem, “a proporção de acertos (precognitivos) não tem sido alterada pela agregação destas medidas de precaução” (33).

CONHECIMENTO DIRETO DO FUTURO — Notemos o especial significado das experiências de precognição: apesar das complicações interpostas e da intransponível barreira intelectual, os resultados são apreciavelmente idênticos sem se encontrar diferenças sistemáticas *atribuíveis a essas complicações*. Isto acontece porque PSI-GAMMA atinge diretamente o objeto (as cartas) que se lhe propõe para “adivinhar” e não as barreiras nem os passos intermédios. Quando os objetos são simples como as cartas do baralho ZENER, os êxitos são numerosos e precisos. À medida que o objeto se complica, por exemplo nas provas com desenhos do Dr. CARINGTON, o conhecimento psigâmico obtido vai diminuindo em número e precisão. Portanto, quando o objeto é sumamente complicado (como seria por exemplo o mecanismo e funcionamento das máquinas, inclusive do Dr. TYRREL, ou a “barreira” que acabamos de descrever) não se pode conhecer

(33) RHINE, J. B.: “New world of the mind”, New York, W. Sloane, 1957. Nós utilizamos a tradução de Dora Joninsky de KREIMAN: “El nuevo mundo de la mente”, Buenos Aires, Paidós, 1958, pág. 95. Em recente carta da Dra. Dorothy H. POPE, do laboratório de RHINE, tivemos confirmação dos êxitos recém-obtidos na continuação dessas experiências.

no seu conjunto ou êste conhecimento não se pode manifestar. Após esta consideração, podemos concluir sem temor de errar: PSI-GAMMA pode conhecer diretamente um objeto futuro: há precognição no estrito sentido da palavra.

A grande força, ou a máxima força da demonstração está no conjunto das experiências e casos espontâneos bem analisados. Às vezes supúnhamos críticas forçadas, às vezes quase absurdas. Depois da demonstração científica da precognição, não é lógico acudir a explicações forçadas, inverossímeis, complicadíssimas.

CONCLUSÃO — Hoje em dia a precognição é um fato indiscutível. Nenhum parapsicólogo, nem cientista algum com conhecimento de causa pode propor a menor objeção à precognição. No capítulo em que expúnhamos as observações parapsicológicas sobre PSI-GAMMA em geral, aduzíamos o testemunho da Ciência que se referia também à precognição.

Os sistemas empregados na experimentação, do ponto de vista estatístico, foram analisados por especialistas em estatística matemática, especialmente no Congresso Internacional de Indianópolis e no "Instituto Internacional de Estatística Matemática".

O aspecto parapsicológico mais diretamente experimental (condições, controle, legitimidade das conseqüências, etc.) foi estudado por destacadas personalidades de todos os ramos do saber no "I Colóquio Internacional" de Utrecht. Não precisamos repetir aqui os testemunhos.

Igualmente o aspecto filosófico foi estudado no Congresso de Saint-Paul-de-Vence (1954) numa comissão especial, "Filosofia e Parapsicologia" sob a presidência dos Drs. H. H. PRICE da Universidade de Oxford e do conhecido filósofo católico Gabriel MARCEL. Entre as destacadas personalidades de oito países estava também o excelente filósofo e teólogo Revdo. Pe. Aloys WIESINGER, cisterciense austríaco. Os filósofos ficaram todos de acordo em que não

se podia pôr objeção à realidade da demonstração da precognição verdadeira. A precognição verdadeira é um fato ⁽³⁴⁾.

Poucas verdades da Química, da Física ou de outras matérias estarão tão bem demonstradas como a verdade de que existe precognição parapsicológica.

Há casos espontâneos que não parece possível que se possam explicar senão por uma faculdade paranormal de conhecimento direto do futuro.

E, o que é mais importante, fizeram-se milhares de experiências de laboratório cientificamente arquitetadas que demonstram sem nenhum gênero de dúvida que de fato existe no homem esta faculdade.

A Ciência internacional examinou de todos os pontos de vista os resultados obtidos, manifestando em sucessivos Congressos que de fato está cientificamente demonstrada a existência, no homem, da faculdade paranormal de conhecimento direto do futuro.

(34) Um resumo dos trabalhos e conferências desta comissão de Filosofia poder-se-á encontrar em: AMADOU, Robert: "La science et le paranormal...", o. c., págs. 257-264.

O prazo existencial

OS LIMITES TEMPORAIS DO CONHECIMENTO EXTRA-SENSORIAL

As maravilhas do oráculo de Delfos. — Empolgante história dos livros sibilinos. — Os papas segundo a profecia de São MALAQUIAS. — O grande profeta NOSTRADAMUS. — A Terceira Guerra Mundial. — A data do fim do mundo.

DA retrocognição, se é que existe, como parece mais lógico, e da precognição que certamente existe, se deduz evidentemente que PSI-GAMMA vence a barreira do tempo. E de se compreender, no entanto, a curiosidade geral sôbre se a maior ou menor distância no tempo influi na atuação da faculdade psigâmica.

Para responder experimentalmente a esta pergunta, a precognição é caminho mais viável do que a retrocognição, como já sabemos.

RESULTADOS EM LABORATÓRIOS — A senhorita HUTCHINSON, doutora da Universidade Duke, fez experiências comparativas de precognição com antecipações desde um

até dez dias. Os resultados pareceram demonstrar que a diferença de tempo influía em PSI: os sujeitos obtiveram resultados melhores quando prognosticavam com poucos dias de antecipação e, à medida que o intervalo aumentava, os resultados diminuía. Mas o Dr. RHINE comprovou um erro no método da experimentação: a Dra. HUTCHINSON, para animar seus sujeitos, comunicava-lhes os resultados das experiências o mais cedo possível. Isto poderia ocasionar que os metagnomos tivessem mais interesse nas experiências com poucos dias de intervalo, e que perdessem toda a curiosidade se o intervalo entre o prognóstico e a constatação dos resultados se distanciava vários dias. A diferença de interesse podia explicar melhor os resultados que as diferenças de tempo.

Por conseguinte, o Dr. RHINE, com a colaboração da Dra. HUMPHREY começou outra dupla série de experiências, nas quais os resultados não se comunicavam aos sujeitos até terminar o prazo mais longo. Estabeleceu-se a comparação entre os prognósticos com dois dias de antecedência e os de dez dias. Desta vez os resultados foram sensivelmente semelhantes.

Numa segunda dupla série de metagnomos não sabiam que experiências pertenciam ao prazo mais curto e quais ao prazo mais longo. Os resultados de novo foram idênticos, mais ainda, até um pouquinho superiores os resultados dos prognósticos com dez dias de antecedência ⁽¹⁾.

As diferenças de tempo nas experiências citadas e em outras semelhantes não obtinham influências sistemáticas nos resultados.

(1) RHINE, Joseph Banks: "The reach of the mind", New York, W. Sloane, 1948 e Londres, L. Fabel, 1948. Nós citamos da tradução francesa por SUDRE, René: "La double puissance de l'esprit", Paris, Payot, 1953, págs. 75 ss. Conhecemos também a edição italiana com prefácio do excelente parapsicólogo SERVADIO, Emilio: "I poteri dello spirito", Roma, Astrolabio, 1949, e a edição espanhola: "El alcance de la mente", Buenos Aires, Paidós, 1956.

CASOS ESPONTÂNEOS — Analisaram-se também os casos espontâneos, com idêntica conclusão. Prescindindo dos casos que podem explicar-se por outras causas não especificamente precognitivas e levando também em conta as circunstâncias excitantes, diferença de interesse, etc., comprova-se, com efeito, que as precognições com dias ou meses de antecedência são tão numerosas quanto as feitas horas ou minutos antes da realização dos fatos. E umas e outras tendo em conta os fatores extrínsecos antes indicados, são igualmente detalhadas, nítidas, etc.

CONCLUSÃO PRECIPITADA? — Do fato mesmo da precognição, das experiências de laboratório e da análise dos casos espontâneos, deduziu a maioria dos parapsicólogos que “o tempo não influi na percepção extra-sensorial”, “PSI-GAMMA prescinde do tempo”, “a ESP não é influenciada pela maior ou menor distância no tempo do fato preconhecido”, ou fórmulas semelhantes.

Acho que, do exposto, se deduz que PSI-GAMMA pode conhecer o que sucederá amanhã, com a mesma “facilidade” com que pode conhecer o que sucederá depois de dois meses. Mas, será que pode conhecer com igual “facilidade”, ou mesmo será que pode conhecer o que sucederá por exemplo depois de cinco séculos?

Quando falávamos da distância na ESP esclarecíamos: “a faculdade PSI-GAMMA prescinde da distância (ao menos) *dentro dos limites do nosso planeta*”. Não teremos que fazer uma ressalva semelhante, falando do tempo. À primeira vista aparece uma clara distinção entre o que poderíamos chamar “prazo curto” ou “existencial” (mais ou menos dois séculos ou 5 gerações incluindo o que o metagomo conhece *diretamente* do passado e do futuro) e o “longo prazo” (claramente mais de dois séculos).

Começemos por analisar os casos espontâneos, o que aproveitaremos para ampliar a visão panorâmica da “adivinhação” na história.

NA ANTIGUIDADE REMOTA — Sabemos que, nas civilizações antigas se atribuía a certas pessoas o poder “sobrenatural” da “adivinhação”. Mas em todo o acervo de “adivinhações” da mais remota antiguidade, nada há que sugira uma possível faculdade *humana* de precognição a longo prazo. A quase totalidade dos dados que possuímos são gerais, sem relatórios concretos. Seguramente, inclusive, a maioria dessas “adivinhações” não se referiam ao futuro. As poucas relações que possuímos de precognições fora do contexto nitidamente religioso (profetas bíblicos), são a curto prazo como, por exemplo, os sonhos “premonitórios” do FARAÕ, de JOSÉ e dos colegas de cárcere, etc.

ÉPOCA CLÁSSICA — A mesma confiança foi depositada na “adivinhação”, durante a culta idade clássica greco-romana. Muitos escritores e testemunhos históricos nos falam dessa classe de fenômenos.

A fé nos “adivinhos” era tão profunda que, sem consultá-los, os poderes públicos não se atreviam a empreender uma guerra, uma colonização, qualquer ação importante. Organizavam-se esplêndidas embaixadas com suntuosos presentes a Dodona, a Delfos ou a qualquer dos famosos santuários onde os “deuses” falavam por meio dos oráculos ao povo. A adivinhação era mais apreciada que qualquer outra ciência. Os adivinhos guiavam os exércitos: foram famosos CALCAS, MELÂMPIOS, TIRÊSIAS, ARISTANDRO de Telmeses (“adivinho” nada menos que de ALEXANDRE Magno), etc. Os príncipes estrangeiros iam consultar os oráculos nacionais da Grécia.

A PITONISA DE DELFOS — O oráculo sem dúvida mais famoso foi o de Delfos, cidade da Grécia. Era dedicado a APOLO, o deus da “adivinhação”.

Na parte posterior do templo encontrava-se a boca dum abismo, da qual subia na primavera uma corrente de ar gelado e narcotizante; sôbre o abismo, na estreita abertura,

estava instalada uma trípode de ferro com um assento. Nêle sentava-se a sacerdotisa a quem chamavam Pítia.

Do nome Pítia proveio o nome pitonisa que depois se generalizou para designar tôda classe de "adivinhas".

A Pítia era cuidadosamente escolhida. No princípio só havia uma, mas quando as consultas aumentaram, acrescentara-se mais uma e até duas. Procuravam-se entre as famílias pobres e deviam ter vivido em plena ignorância. Além disso se escolhiam entre as mulheres que sofriam doenças nervosas, preferentemente histéricas ou neuróticas que com facilidade padecessem convulsões e proferissem gritos incontrolados e incoerentes.

A Pítia mascava fôlhas de loureiro e bebia água gelada na fonte de Castália que brotava ao pé do rochedo Nimpea, perto do templo. Coroada de louros era conduzida ao templo e colocada na trípode sôbre a abertura do abismo. Com a sua propensão doentia, influenciada pelas emanações de gás frio e embriagador, começava a agitar-se, revirava os olhos, lançava olhares como possuída pelo pânico. Um forte tremor percorria-lhe todo o corpo, lançava gritos estridentes, perdia totalmente os sentidos. E, entre as convulsões, proferia vozes ou sons incoerentes, que interpretados pelos sacerdotes do templo ("prophetes"), constituíam os oráculos ou vaticínios.

Após ter pronunciado suficiente número de palavras ou proferido sons ininteligíveis, a Pítia era retirada da trípode e conduzida a uma cela. Durante alguns dias procurava restabelecer-se do terrível acesso provocado pelas emanações. Segundo testemunha LUCANO, o resultado dêsse ministério costumava ser uma morte prematura.

Mais adiante, contra tôda esperança, deixou para sempre de brotar o vapor nefítico na primavera. O Conselho teve que treinar as Pítias para fingirem as antigas convulsões e espasmos.

Foi o comêço do fim. Por outra parte, os partidarios políticos, e os interêsses econômicos de Delfos motivaram com freqüência, desavenças e represálias.

Como o motivo das “guerras santas” os generais fócios FILOMENO, ONOMARCO e FALERO, saquearam o tesouro do templo. Mais tarde o rei FILIPE de Macedônia apoderou-se do patronato do oráculo, fazendo com que se ditassem os oráculos a seu gôsto. SILA e NERO levaram, pouco depois, os restos do que fôra riquíssimo tesouro. CONSTANTINO, o Grande, saqueou finalmente o já esgotado templo. Por fim, TEODÓSIO, o Grande, em fins do século IV, o declarou oficialmente extinto e fechado. Lá se levanta hoje a mísera aldeia de Castri ⁽²⁾. Eis a história da mais perfeita organização de “adivinhação”. Os modernos “magos” de- vem contentar-se em agir individualmente e às ocultas.

Os LIVROS SIBILINOS — As Sibilas ou a Sibila não são sêres reais. São a personificação dos deuses pagãos inspiradores dos oráculos, assim como as Musas ou a Musa são a personificação da inspiração artística.

A inspiração profética, o transe em que caíam as pitonisas, chamava-se “mania” que, etimologicamente, significa “furor”. Inclusive entre os cristãos, alcançou grande prestígio a “divina mântica” dos pagãos, especialmente os livros proféticos chamados livros sibilinos”.

Segundo a lenda, o rei TARQUINIO de Roma, por volta do ano 500 a. C., recebeu um dia a visita de uma misteriosa mulher. A mulher ofereceu ao rei 9 livros que continham o futuro de Roma, mas o preço era exorbitante e o rei os recusou. Pela segunda vez a mulher ofereceu, pelo mesmo preço, agora só seis dos nove livros, tendo quei-

(2) GÖTLE: “Das delphisch Orakel in seinem politisch-religiösen und sittlichen Einfluss auf die Alte Welt”, Leipzig, 1839. MOMMSEN, A.: “Delphika”, Leipzig, 1878. FOUCART, P.: “Mémoire sur les ruines et l’histoire de Delphes”, em “Missions scientifiques”, Paris, 1865. PONTOW: “Beitrag zur topographie von Delphi”, Berlin, 1889. HOMOLLE (com muitos colaboradores): “Fouilles de Delphes”, Paris, École française d’Athènes, 1892-1901.

mado os outros três. Recusou o rei de novo. A mulher queimou mais três livros, oferecendo só os três livros restantes pelo mesmo preço que no comêgo pedira pelos nove. O rei, impressionado pelo estranho proceder, comprou os três livros restantes pagando o enorme preço estabelecido.

De fato houve três livros sibilinos. Mas os três pereceram num incêndio no ano 83 antes de Cristo. Os romanos tentaram reconstruir os livros sibilinos. Enviaram mensageiros aos lugares de origem das pitonisas que tinham proferido aqueles oráculos. Foram recolhidos fragmentos ou trechos sem crítica, formando-se uma coleção de mil versos. No ano 73 a.C. depositou-se esta coleção no reconstruído templo Capitolino. Quinze intérpretes ("quindécimviri") foram nomeados oficialmente para interpretá-los em nome do Estado nas circunstâncias necessárias.

O imperador AUGUSTO mandou depois revisá-los, pois corria o rumor de que se tinham introduzido nêles interpolações "post factum", a fim de garantir as interpretações que se tinham dado. Os livros assim revisados, foram então depositados no templo de Apolo, no Palatino.

Entre o público, porém, circularam sempre as mais variadas coleções, com muitas emendas e interpretações. Por fim, no século VI da nossa era, sob o imperador JUSTINIANO, fêz-se uma ordenação definitiva. O investigador, desconhecido, recolheu 4 232 versos. O seu manuscrito foi publicado na imprensa em 1545 ⁽³⁾ e depois reproduzido em Paris no ano de 1566. Filólogos competentes dedicaram-se a fazer edições críticas ⁽⁴⁾.

(3) BETULEYO, Sixto, Basilea, 1545.

(4) As melhores são as de: S. GALLAEUS, Amsterdam, Gal-land, 1689 (8 livros que então se conheciam; os restantes livros, até 14, foram descobertos mais tarde na biblioteca de Milão pelo cardeal MAIA: "Sibyllae liber XIV cum libro VI et octavi parte", 1817, e "Collectio scriptorum veterum", 1825-1828: livros VII até XIII). ALEXANDRE, Paris, 1840. FRIEDLIEB, J. H., Leipzig, 1852. Também são boas as duas edições de DIDOT (1841 e 1846) e a edição de B. BADT em 1878.

CRÍTICA DA MÂNTICA PAGÃ — De todo o imenso acervo de adivinhações da época clássica, do ponto de vista da precognição a longo prazo, a única coisa que poderia entrar em questão é a dos livros sibilinos. Todo o restante da mântica na época clássica referente ao futuro, são espertezas, como a quase totalidade das adivinhações de Delfos, ou não se conserva, ou são dados excessivamente gerais para podermos fazer um juízo. Em todo caso, se trataria de precognição a prazo curto.

Nos livros sibilinos estaria contido não só o futuro de Roma, como acreditavam os pagãos, mas, segundo alguns, também o futuro do mundo inteiro até a consumação dos séculos.

Dos três livros sibilinos originais hoje conservamos (ou deveríamos conservar) 14! Faltam os livros IX e X que talvez nunca tenham existido; dos livros IV, VI, VII e XII só apareceram fragmentos.

O mais importante de todos é o livro III, que talvez date do século II antes de CRISTO, anterior portanto ao incêndio no qual pereceram os livros sibilinos originários. Contém 829 versos em dáctilos latinos. Fala da história bíblica, da torre de Babel, gloria-se das grandezas de Israel e amaldiçoa a idolatria no seu estilo “profético”.

Acreditam alguns autores que continham algum elemento messiânico e pretendem demonstrar que VIRGÍLIO tirou daí os versos da *Êgloga VI* na qual, segundo parece, anuncia o MESSIAS.

Será que há, em tudo isto, algo de precognição a longo prazo?

Esta Sibila, certamente não seria a dos livros originais do século V antes de CRISTO: todos os filólogos estão de acôrdo em que êste livro, se não é posterior a CRISTO, quando muito seria do século II antes de Cristo, concretamente, do tempo dos MACABEUS, i. é, da segunda metade

do século II antes de CRISTO. Tudo, por conseguinte, provavelmente dentro do prazo curto ou "existencial" (5).

Em segundo lugar, a opinião geral hoje é de que todos estes elementos judaicos foram uma hábil interpolação dos judeus de Alexandria para servir-se das Sibilas nas suas discussões com os pagãos (6).

Em todo caso, não se trataria de precognição a longo prazo, nem sequer precognição, porque os elementos judaizantes do terceiro livro sibilino nada acrescentam ao que já dizia a Bíblia.

Por conseguinte, em último têrmo, bastaria uma *simulcognição* das profecias bíblicas escritas ou da tradição judaica para que a Sibila pudesse "prognosticar".

Nos livros VI e VII a alusão a CRISTO é claríssima, existindo até um hino a JESUS. E, no livro VII (versos 217-430), aparece o nome "JESUSCRISTO" com tôdas as suas letras em forma de acróstico (isto é, com cada letra da palavra JESUS CRISTO iniciando outras tantas estrofes seguidas). Fala-se da Encarnação, Redenção e Ressurreição com bastante clareza. Afirma-se que, graças à intervenção da Virgem, se concediam ao mundo sete séculos. O fim do mundo, pois, supondo que a profecia fôsse original da Sibila do século V antes de CRISTO, deveria ter sido já no século segundo depois de Cristo!

Precognição a longo prazo? Hoje, com os modernos estudos e descobertas, todos os eruditos estão de acôrdo em que essas aparentes profecias cristãs são hábeis interpolações e modificações feitas pelos primeiros cristãos. Falsificando os livros sibilinos, pensaram alguns cristãos, que

(5) EWALD: "Entstehung, Inhalt und Werth der Sibyll", Bücher, Göttingen, 1960. BOUCHE-LECLERQ: "Histoire de la divination dans l'Antiquité", Paris, 1879-1882, Tomo II, págs. 133 ss.

(6) Além dos autores citados na nota anterior, Cfr.: B. BADT: "De oraculis sibyllinis...", Breslau, 1869.

poderiam vencer a enorme resistência que ofereciam os pagãos ao Cristianismo ⁽⁷⁾.

Aliás, em todo caso, os livros sibilinos em que aparecem elementos cristãos, datam de épocas muito imediatas e até contemporâneas do aparecimento do cristianismo. Por conseguinte, seriam precognições a muito curto prazo, simulcognições e até retrocognições.

PRIMEIROS SÉCULOS DO CRISTIANISMO — O cristianismo, desde o comêço, apesar do “respeito” tributado aos livros sibilinos dos pagãos, adotou clara posição contra inúmeras superstições que se introduziam entre os cristãos, e mormente contra a prática da metagnomia ⁽⁸⁾.

Talvez as mais famosas sessões de metagnomia fôsem as da heresia montanista. Era a continuação com formas aparentes de cristianismo, das pitonisas e sibilas dos pagãos.

No século III, FILÓSTRATO, na apologia que fêz de APOLÔNIO de Tiana consagrou-o como o mais admirável profeta ⁽⁹⁾. Com aquêlê panegírico, conseguiu-se que APO-

(7) Sôbre êste ponto particular das interpolações dos cristãos, cfr., além dos autores já citados: PARMENEDER no “Dicionário Enciclopédico de Teologia Católica”, de WELZER e WELTE.

(8) De agora em diante preferimos abandonar o termo “adivinhação” (= proveniente dos deuses). Êste termo estava bem empregado ao falarmos da época pagã, pois os pagãos atribuíam êste fenômeno aos deuses, geralmente. Nas épocas posteriores, porém, o prodígio foi mais geralmente atribuído a revelações de diversas entidades como demônios, almas dos mortos, *maatmas*, etc.; inclusive, foi atribuído a seres imaginários, independentes: fadas, gnomos, ondinas, elementares... Todos êstes seres foram o resíduo da divinização pagã dos astros, elementos e leis da natureza. Tais erros ainda perduram em muitos ambientes.

Adotaremos o termo “metagnomo” e “metagnoma”, isto é, conhecimento além do normal, paranormal. Ainda não se tem adotado oficialmente um termo técnico para designar o “sujeito”, o “perceptante”, a pessoa mesma que tem o conhecimento *paranormal*. Penso que o termo “metagnomo” é o mais indicado. O termo “sensitivo” reservar-se-ia para a pessoa que experimenta fenômenos *extraordinário-normais*, já que são devidos aos sentidos, principalmente.

(9) PHILÓSTRATUS: “De vita Apollonii” (Londres, 1860).

LÔNIO de Tiana fôsse colocado junto de ABRAÃO e de JESUS CRISTO!), na capela privada de Júlia MÂNEA, mãe do imperador Alexandre SEVERO ⁽¹⁰⁾.

Não há dúvida de que APOLÔNIO de Tiana foi simplesmente um filósofo e "moralizador", morto no ano 97, e que nada tinha de profeta. As profecias que lhe atribui FILÓSTRATO foram integralmente inventadas ⁽¹¹⁾.

No século IV, talvez o mais famoso astrólogo fôsse PRISCILIANO, bispo herege de Ávila, na Espanha.

Da metagnomia nos primeiros séculos do cristianismo nada podemos tirar em prol da precognição a longo prazo. Os metagnomos daqueles tempos e as pessoas que os consultavam só se interessavam, ao que parece, pela metagnomia mais prática e imediatista.

IDADE MÉDIA E RENASCIMENTO — Na Idade Média há uma verdadeira epidemia de feiticeiros, bruxas, endemoniados que enchiam o ambiente de mistério e prodígio. Entre êsses prodígios destacava-se a metagnomia.

Não diminuiu no Renascimento o interêsse pela "magia".

Alcançaram fama universal as "profecias" de MALAQUIAS e NOSTRADAMUS, indubitavelmente os mais representativos, depois dos clássicos até hoje. Seus escritos contêm muitos prognósticos a longo prazo. Por isso, e por serem os mais importantes, nos deteremos especialmente nêles.

A PROFECIA DE MALAQUIAS — A célebre profecia de MALAQUIAS se atribui ao santo bispo irlandês São MALAQUIAS, falecido aos 2 de novembro de 1148. Porém, não foi publicada até 1595. Foi um monge beneditino, Ar-

(10) REVILLE: "Le Christ païen du IIIe. siècle", Paris, 1865.

(11) CHASSANG, M.: "Le merveilleux dans l'antiquité. Apollonius de Tyane, sa vie, ses voyages, ses prodiges par Philostrate, et ses lettres", Paris, 1862. FIEPPEL: "Le roman d'Appollone de Tyane", em "Revue Contemporaine", 1860.

noldo WION, de Douai, quem a incluiu numa obra em latim ⁽¹²⁾. Não diz onde a tinha encontrado, onde ficavam os originais, que provas tinha de que fôsse, na realidade, de São MALAQUIAS... Simplesmente diz: São MALAQUIAS “passa por ter escrito alguns opúsculos, mas dêle não conhecemos mais do que uma profecia sobre os soberanos pontífices. Como é breve e não foi ainda impressa, a reproduzo aqui para satisfazer o desejo de muitos”. Isto é quanto se nos diz sobre as origens da profecia de São MALAQUIAS.

A profecia de MALAQUIAS compreende um total de 111 lemas, correspondentes a outros tantos Papas a partir de CELESTINO II, que reinou de 1143 a 1144.

WION afirma que a profecia foi escrita antes do primeiro papado designado com lema, isto é, antes de 1143. Mas é claro que foi escrita muito depois, pelo ano 1595, ano da publicação da “profecia”. É apócrifa.

O Papa HONÓRIO IV, por exemplo, tinha no escudo de armas uma rosa sustentada por dois leões. O lema em consequência diz: “Ex rosa leonina”. BONIFÁCIO VIII tinha por nome de batismo “BENEDICTO” e no seu escudo de armas havia ondas; o lema foi: “Ex undarum benedictione”. Os BÓRGIAS tinham no seu escudo um boi; o primeiro dos Papas Bórgia, CALIXTO III, foi designado com as palavras: “Bos pascens” e seu sobrinho, ALEXANDRE VI, por “Bos albanus in portu”.

E assim os demais Papas. Só se fala em nomes (de família, de batismo, ou do título cardinalício) e do escudo de armas. Ainda em Pontificados, tão ilustres como os de INOCÊNCIO III, NICOLAU V, LEÃO X, não se faz a mínima alusão a fatos do seu pontificado.

É também significativo como o farsante autor da “profecia” copia os erros a respeito dos Papas, proveniente de um historiador do seu tempo.

(12) WION, Arnaldo: “Lignum vitae, ornamentum et decor Ecclesiae”, Veneza, 1595.

Com toda evidência aparece a ingenuidade com que se fizeram os lemas para os Papas que já tinham reinado antes de 1595.

Assim, por exemplo, nos lemas do pseudo-MALAQUIAS, não aparecem mais do que dois antipapas. E isto porque o historiador PANVINIRI (ou PANVÍNIO) só nomeia dois antipapas. O mesmo historiador tinha escrito que EUGÊNIO IV pertencia à ordem dos Celestinos, o que era falso pois não foi celestino mas agostiniano. Na "profecia" aparece o erro: "Lupa celestina". PANVÍNIO tinha afirmado que JOÃO XXII era filho dum sapateiro chamado OSSA. Na realidade o pai de JOÃO XXII não era sapateiro nem se chamava OSSA: simplesmente pertencia à família DUESSE (ou D'HEISSE). Na "profecia" se diz: "de suture Osseo" (do sapateiro OSSA).

Como se vê, é evidente que o autor da "profecia" se serviu da história de PANVÍNIO, e fica bem claro que a "profecia" é apócrifa; é muito posterior à data que se lhe atribuíra, pois não podem atribuir-se a São MALAQUIAS os erros dum historiador que havia de viver quatrocentos anos depois, precisamente pela época na qual se publicou a "profecia".

Aos Papas anteriores a 1595 se dá sempre um lema composto, como vimos, do nome (nome de batismo ou da família ou cardinalício ou de ordem religiosa...) e do escudo. Dados fáceis de serem conhecidos pelo autor de 1595. A partir de 1595, porém, tudo muda: a "profecia", da época da publicação em diante, vai às tontas. Em estilo autenticamente sibilino, os lemas geralmente não têm relação nenhuma com os nomes nem com os escudos. Para interpretar êstes lemas da segunda parte, os comentaristas partidários da autenticidade da "profecia" têm que fazer enormes malabarismos de inteligência. O pseudo-MALAQUIAS nem sequer a prazo curto era metagnomo.

"Undosus vir" é o lema para LEÃO XI. Não reinou senão 21 dias. Nem no nome nem no escudo há nada que corresponda ao lema. Mas não faltaram comentaristas que lograssem explicar o lema. Esse Papa souo muito quando se dirigia a São João de Latrão num dia de muito calor. Uma corrente de ar frio passou rapidamente. Como re-

sultado do resfriado, pouco depois morria o velho pontífice. Foi precisamente a transpiração a que previu "MALAQUIAS": "Undosus vir": (varão aquoso ou com ondas!).

BENEDICTO XIV, o grande Papa do século XVIII, sábio e erudito de primeira linha, acreditado canonista, foi em tudo o oposto do lema que lhe corresponde: "Animal rurale". Mas os comentaristas até encontraram duas explicações desta vez. Assim como Santo TOMAS de Aquino foi chamado "o boi de Sicília", assim BENEDICTO XIV mereceu o lema de "Animal do campo". Outra explicação: diz a Escritura que chegará um dia em que o homem não reconhecerá seu Criador e será como os animais do campo. A isso alude "MALAQUIAS": o pontificado de BENEDICTO XIV coincidiu com o Enciclopedismo, século de incredulidade! Embora BENEDICTO XIV só vivesse 8 anos desse século...

LEÃO XII é designado como "canis et coluber". Para um comentarista o "cachorro" indica vigilância, a "serpente" a prudência: é o menos que se pode esperar de um Papa! Para outro comentarista, LEÃO XII era muito amigo de um cachorrinho muito inteligente: compreende-se que "MALAQUIAS" previsse alguma luta do cachorrinho com uma serpente...!

Enfim, poderíamos multiplicar os exemplos. Aparece claro como é fácil encontrar não uma, mas várias explicações para cada um desses lemas, que parecem dizer muita coisa e que na realidade não dizem nada.

Além do estilo sibilino uma outra consideração se impõe na análise das precognições a longo prazo: a casualidade. É um dos fatos que têm contribuído muito à duração do prestígio dos pseudoprofetis, quando não se consideram as coisas serenamente.

"MALAQUIAS", disse de PIO VI que seria "Peregrinus apostolicus", e com efeito, PIO VI realizou uma viagem desacomumada nos antigos papas: foi a Viena para entrevistar-se com o imperador JOSÉ II, que se intrometia demais nos assuntos eclesiásticos. Mais ainda, como se sabe, PIO VI foi levado prisioneiro por BERTHIER para o outro lado dos Alpes. Extenuado da viagem, aos 82 anos, chegou a Valence para morrer no dia 29 de agosto de 1799, precisamente quando o Diretório acabava de decretar que o Papa fôsse levado a Dijon: "Peregrino apostólico".

Outro acêrto assombroso se referia ao Papa seguinte.

PIO VII foi chamado na "profecia", "Aquila rapax". Com efeito NAPOLEÃO, imperador das conquistas, era uma "águia rapace" e mais rapace por ter roubado o próprio Papa levando-o prisioneiro para Grenoble. Depois, passou de nôvo os Alpes, para Savona, onde o deixou confinado anos inteiros. Por fim o levaram para Fontaineblau. NAPOLEÃO queria instalar o papado em Paris. Só com a queda do império o Papa voltou a Roma. Por êsses dados os intérpretes ficam muito satisfeitos com o lema "Aquila rapax".

Em realidade, o lema teria que ser aplicado a NAPOLEÃO e não ao Papa cativo, que de "Aquila rapax" não tinha nada.

Mais ainda. Quase por entretenimento temos trocado, ao acaso, todos os lemas dos Papas do segundo período, e até temos aplicado todos os lemas a um mesmo Papa escolhido também ao acaso. Os acertos de interpretações são igualmente freqüentes e fáceis: é a grande vantagem do estilo sibilino, quando o estilo sibilino está feito por um "mago" de categoria.

PIO XII, por exemplo, pode perfeitamente ser chamado "Varão religioso" igual ou melhor do que PIO VIII; pode ser chamado também "Fogo ardente" como PIO X pelo zêlo apostólico, ou pela guerra terrível que presenciou (pois os intérpretes dão ambas as explicações tratando de S. PIO X); como LEÃO XIII, também PIO XII pode ser chamado "Luz no céu" pelas grandes Encíclicas; "Religião devastada", melhor do que BENEDICTO XV porque no seu tempo a cristandade se digladiava com milhões de cadáveres. Se PIO XI, por fazer frente ao nazismo e ao comunismo incipiente foi chamado "Fé intrépida", como não menos intrepidez os combateu PIO XII. Também pode ser chamado, como JOÃO XXIII, pelas suas legações quando cardeal "Pastor et nau-ta", e "Peregrinus apostolicus" como PIO VI e "Aquila rapax" como PIO VII, pelas sublimes alturas da sua doutrina em tão abundantes encíclicas e alocuções, etc.

Ao contrário, o lema de PIO XII, "Pastor angelicus", acomoda-se melhor talvez a JOÃO XXIII pela sua paternidade e bondade, e a São PIO X...

Enfim, todos os lemas para cada Papa e todos os Papas para cada lema. De tôdas as formas a casualidade e um pouco de habilidade na interpretação oferecem acertos igualmente empolgantes ⁽¹³⁾.

E se isto pode dizer-se da "profecia" do pseudo-MALACHIAS, a mais concreta de tôdas as profecias a longo prazo, por referir-se sempre a personagens determinadas, que não se poderá dizer das "profecias" nas quais não se determinam as personagens, ou as datas, ou os lugares?

Em conclusão: a "profecia de Malaquias" não é autêntica metagnomia a longo prazo e nem sequer a prazo curto. É farsa.

(13) A bibliografia, pró e contra, é amplíssima. Só citamos as principais obras que temos usado.

Em defesa da profecia: GERMANO, Giovanni: "Addizione apologetico-istorica alla predizione circa i Romani Pontifici", Nápoles, 1675. GRAFF, Petrus: "Disquisitio historica de successionibus Pontificum romanorum, secundum seriem praenotationum Malachiae, hyberno adscriptam". Marburgi, 1677; G. Moller, Daniel: "Dissertatio historica de Malachia, propheta pontificio", Altorf, 1706. KRÜGER, Theodorus: "Commentatio historica secundum vaticinia Malaquiae archiepiscopi Armaghani, a dubiis Claudii Francisc Menestrierii, Carrierii aliorumque vindicata", Wittenberg, 1723.

Impugnando a "profecia": MENESTRIER, Claude François: "Refutation des prophéties faussement attribuées à S. MALACHIE sur les elections des Papes", Paris, 1869; obra muito recomendável. CARRIÈRE, Franciscus: "Historia cronologica Pontificum romanorum cum praesignatione futurorum ex S. Malachia", Lyon, 1602, 1663, 1694; Veneza, 1697.

De caráter mais geral, isto é, não diretamente polêmico, são as seguintes obras entre as mais notáveis: CUCHERAT, F.: "La prophétie de la succession des Papes depuis le XII siècle jusqu'à la fin du monde: son auteur, son authenticité et son explication", Grenoble, 1873. MAÎTRE, Jos.: "La prophétie des Papes attribuée à S. Malachie", Paris, 1902. THURSTON, S. J., Herbert: "The so called Prophecy of Saint Malachy", Londres, The War and the Prophets, 1815. NOE, De la Tour de (tradução espanhola da 20.^a ed. francesa, por Bra. Fe. Pbo.): "El fin del mundo después de los diez Papas futuros, de Ignis ardens a Petrus secundus", Toulouse, 1895. PIJOAN, Rafael: "El siglo XX y el fin del mundo, según la profecia de San Malaquias", Barcelona, 1914.

NOSTRADAMUS — O mais célebre dos metagnomos de todos os tempos foi NOSTRADAMUS. Era de ascendência judaica, tanto por via materna como por via paterna, da família de ISACAR. Em consequência do edito de LUÍS XI ameaçando confiscar os bens dos judeus da Provença se não se convertessem ao cristianismo, os antepassados de NOSTRADAMUS se fizeram batizar. Foi então quando trocaram os nomes judeus pelos de NOTRE-DAME os antepassados paternos, e SAINT REMY (do lugar onde habitavam) os antepassados maternos.

Na vila de Saint Remy nasceu Miguel NOSTRADAMUS, o grande metagnomo, no ano de 1503, numa quinta-feira, 14 de dezembro, perto do meio-dia (a exatidão dos dados se deve ao mesmo NOSTRADAMUS, pelo cuidado que pôs depois em averiguá-lo a fim de fazer seu próprio horóscopo). Era filho de Jacob NOSTRADAMUS, notário do lugar, e de Renata SAINT REMY.

Recebeu o gôsto pela astronomia de seu bisavô materno, assim como o gôsto pelas matemáticas e a medicina o herdou dos seus avós.

NOSTRADAMUS guardou algum tempo seus livros de profecias, as Centúrias, sem querer publicá-las, por medo de que o atrevimento da matéria lhe suscitasse maledicências e calúnias. Por fim, instado pelos admiradores, as deu a conhecer manuscritas em 1555, “número perfeito” que presagiava êxito ⁽¹⁴⁾.

As Centúrias, no ambiente misterioso e supersticioso da época, logo alcançaram o mais rotundo êxito, não só na

(14) Em 1555 publicou 7 Centúrias com o título “Almanache”. Em 1558 acrescentou mais 3 Centúrias. Outras frações foram acrescentadas em diversas datas. Própriamente só foram editadas em 1611: “Texte original et complet des prophéties de Michel Nostradamus, de 1600 a l'an 2000”, Amsterdam, Jean Janson, Ed., 1611: livro reeditado em 1678 e que se conserva na Biblioteca Nacional de Paris. As datas 1600 até o ano 2000 são interpretações do editor. Há muitíssimas edições posteriores, traduções e comentários.

França, mas também no estrangeiro. Foi considerado e estimado como o astrólogo mais sábio de todos os tempos. Plebeus e nobres rivalizavam em honrá-lo.

Um ano após a publicação das Centúrias, a fama de NOSTRADAMUS chegou aos ouvidos do rei HENRIQUE II, que o mandou chamar, conversou com êle longamente e o cumulou de presentes.

Quando CATARINA de Médicis conduzia uma de suas filhas à fronteira de Espanha para ser recebida lá como rainha, desviou o itinerário para passar por Salon-de-Crau e consultar NOSTRADAMUS. O jovem rei CARLOS IX, que no ano anterior (563) tinha sido declarado maior de idade, deu a NOSTRADAMUS as maiores mostras de afeto, e nomeou-o médico e conselheiro real (títulos só honoríficos). NOSTRADAMUS estava já muito envelhecido e débil.

Dois anos após a visita do rei "afligido pelo artritismo e pela gôta", prognosticava a sua morte próxima, escrevendo misteriosamente nas Efemérides de João STADIUS: "Hic prope mors est" (Está próxima a morte). Um mês mais tarde, e horas antes de morrer, teve o seu último diagnóstico do futuro ao dizer para seu amigo Jean-Aimes de CHAVIGNY, doutor em Direito e Teologia: "Não me verá com vida a saída do sol". Com efeito, pouco antes do amanhecer morria Miguel NOSTRADAMUS (15).

Ainda hoje, na Igreja de Cordeliers, em Salon-de-Crau, pode ler-se o seguinte epitáfio que traduzimos do latim: "Aqui repousam os ossos de Miguel NOSTRADAMUS, cuja pena quase divina tem sido julgada por todos digna de transmitir aos homens os acontecimentos futuros de toda a terra segundo os influxos dos astros. Faleceu em Salon-de-Crau, Provença, no ano da graça de 1566, no dia 2 de julho, aos sessenta e dois anos, seis meses e dezessete dias. Ó sucessores, não toqueis suas cinzas, zelosos do seu repouso".

Precognições a longo prazo? Como dissemos, referimo-nos especialmente a NOSTRADAMUS, como antes a MALAQUIAS por serem os mais importantes. As observações, porém, são a modo de exemplos concretos, devendo-se aplicar a todas as demais "profecias" a longo prazo. Todas as pre-

(15) CHAVIGNY, Jean Aimes: "Bref discours sur la vie du Mr. M. Notredame...", Lyon, Roussin, 1594. HAITZE: "Vie de M. Nostradamus", Aix, 1712. JAUVERT: "Vie de Nostradamus", Amsterdam, 1656. TRONG de Condoulet: "Abrégé de la vie de M. Nostradamus", s. d. BARESTE: "Nostradamus", Paris. 1842.

cognições a longo prazo têm características semelhantes, e diferentes das autênticas precognições a curto prazo. É essencial o estilo genérico, obscuro, como nos livros sibilinos.

NOSTRADAMUS escreve, por exemplo: "Pais e mães mortos, lutos infinitos, mulheres em luto, pestilência enorme. O grande já não é mais, todo o mundo termina".

Prediz o fim do mundo. Uma grande guerra? Nestes versos os intérpretes viram uma profecia da catástrofe de Courrières. Eis como se interpretam, no prodígio de engenho as palavras de NOSTRADAMUS:

"A palavra luto ("deuil") duas vezes empregada, é um jogo de palavras: quer dizer que haverá um grande luto nas margens do "Deule", rio que passa a um quilómetro de Courrières. A "pestilência enorme" indica que haverá muitos cadáveres. "O grande não é mais" se refere a LOBET que concluiu seu mandato. "Todo o mundo termina" é a Câmara (!) que terminou também seu mandato.

Ora, como se vê, êstes versos podem aplicar-se, com mais facilidade inclusive, também à guerra russo-japonesa, à guerra dos Setenta, à catástrofe de Martinica, à perda do "Lutin" ou a explosão do "Iena", para nomear só algumas das catástrofes que sucederam mais ou menos na mesma época que a de Courrières. E se quiséssemos incluir outra época? O mais consciencioso intérprete moderno, LIGEOIX de la COMBE o aplica à Terceira Guerra Mundial!

Analizamos um recente comentário das Centúrias ⁽¹⁶⁾, publicado em 1947. Segundo êste intérprete que, aliás, escolhe as estrofes que lhe parecem mais fáceis e deixa as demais, o período 1933-1955 foi especialmente interessante para NOSTRADAMUS.

Para a primeira metade do período, isto é, de 1933 até 1947, NOSTRADAMUS tinha previsto a guerra civil espanhola; previu HITLER, MUSSOLINI, o primeiro fracasso da Sociedade das Nações;

(16) XX: "Texte original das Prophéties de Michel Nostradamus", Paris, 1947.

predisser a queda da terceira República francesa, a guerra sino-japonesa, a abdicação de EDUARDO VIII; a Segunda Guerra Mundial estava também prevista com toda clareza, e o armistício de 1940 e o regime do marechal PÉTAIN. Com idêntica clareza estava prevista a resistência inglesa, a campanha da Itália, a queda de MUSSOLINI o governo de DE GAULE em Londres, os bombardeios, a morte de ROOSEVELT, o fim do governo de Vichy, a chegada de DE GAULE à França...

As pessoas que leram o livro no ano da publicação, 1947, devem ter ficado impressionadas por tantas “predições” cumpridas. Aceitariam pouco menos que como evidentes os prognósticos que se faziam para os anos seguintes até 1955. Em 1964, podemos criticar o que o comentarista, escrevendo em 1946, esperava até 1955.

Evidentemente, o comentarista põe, para esta segunda parte do período, uma série de generalidades, visto que nem ele mesmo podia interpretar “as mais claras” palavras de NOSTRADAMUS:

“Continuação da crise econômica”, “dificuldades para as subsistências, “confusão na política”...

Como se vê, generalidades infalíveis. Outras coisas não tão gerais, apesar de parecerem prováveis quando o comentarista escrevia, resultaram plenamente falhas: “o final do socialismo”, “extermínio do comunismo”, “final da república francesa”. Tudo antes de 1955! NOSTRADAMUS teria vaticinado também, com toda clareza e infalibilidade, a respeito do papado:

A PIO XII sucederia um Papa jovem (JOÃO XXIII subiu ao trono pontifício com 77 anos). Este Papa jovem fugiria de Roma e se refugiaria em Avignon. Então os revolucionários nomeariam novo Papa, mas o jovem e verdadeiro Papa voltaria a Roma, protegido pelas armas francesas.

Todo o mundo temia a Terceira Guerra Mundial... A descrição que dela faz NOSTRADAMUS é muito concreta e detalhada segundo o comentarista que escrevia em 1947.

A Rússia aliada aos muçulmanos, começaria por atacar a Itália. Depois, a França deveria ser invadida por duas vezes. A destruição de Paris seria total. Depois, viria a invasão da Espanha. Barcelona (Espanha) e Marselha (França) seriam ocupadas pelas forças muçulmanas. Surgiria, porém, um grande chefe francês que, aliando-se com as forças recrutadas pelo Papa, dos E.U.A. e da Espanha faria fugir os inimigos até o Oriente Médio...

Esta terrível guerra, mais terrível que tôdas as anteriores, deveria terminar em 1954!

A TERCEIRA GUERRA MUNDIAL — Falando da Terceira Guerra Mundial, não podemos deixar de destacar um intérprete contemporâneo, extraordinário modelo de método e tenacidade para desvendar o mistério das profecias de NOSTRADAMUS. Estamos-nos referindo ao comandante LIGEOIX de la COMBE.

Este investigador trabalhou ativamente durante 10 anos sobre as profecias de NOSTRADAMUS. O resultado do trabalho exaustivo acaba de ser publicado num elegante volume de 500 páginas.

Do livro só se fizeram 100 exemplares que foram entregues às melhores bibliotecas, sociedades parapsicológicas e alguns parapsicólogos particulares, para a conservação da obra até que a época supostamente visada por NOSTRADAMUS tenha passado. O livro não poderá ser entregue ao público. As conseqüências *poderiam* ser fatais e de influência imprevisível na vida e até nos destinos de algumas nações... (17).

Pois bem, LIGEOIX começa por provar sem contestação possível que as Centúrias de NOSTRADAMUS ou se referem só à Terceira Guerra Mundial ou não se referem a nada... Sômente quatro décadas a partir de 1960, isto

(17) Devo agradecer ao autor, em meu próprio nome e no dos meus leitores, o presente de vários exemplares do seu precioso livro e por ter-me autorizado a fazer algumas públicas referências ao conteúdo do mesmo. Esta autorização é mais de agradecer por ser a única outorgada.

é, preparativo, desenrolar e conseqüências da Terceira Guerra Mundial estariam visados por NOSTRADAMUS. Se as Centúrias de NOSTRADAMUS não se referissem à Terceira Guerra Mundial sômente, não deveriam ser tidas em conta para nada; não haveria precognição de nenhuma classe.

Mas o mesmo NOSTRADAMUS afirmava que eram profecias da história do mundo até o ano 3797, como veremos! Um êrro de interpretação do próprio NOSTRADAMUS? (O consciente do metagnomo não tem porque ser o melhor intérprete das precognições do seu inconsciente...).

O trabalho de LIGEOIX de la COMBE parece-nos da maior importância científica.

Deve-se destacar em primeiro lugar o acêrto de ter-se entregue aos investigadores o livro antes dos acontecimentos que estariam anunciados. Desta maneira se exclui a possibilidade de atribuir os acertos, se os houver, à interpretação "post factum".

Além disso, a interpretação de LIGEOIX não recorre, como tôdas as até hoje apresentadas "ante eventum", a generalidades e interpretações quase tão sibilinas como as Centúrias mesmas. Não. A interpretação de LIGEOIX é assombrosamente clara, concreta até o extremo: lugares, nomes, datas, episódios nitidamente descritos... Tudo num trabalho "exegético" perfeito, aliás permitindo perfeitamente a comprovação na leitura. O livro está disposto em duas colunas e em duas tintas, à esquerda e em vermelho as expressões de NOSTRADAMUS, à direita e em prêto a interpretação de LIGEOIX, e em letra pequena ao pé de cada quadra as razões "exegéticas" pelas quais se dá tal interpretação, sendo precisamente nestas razões apresentadas que aparece claramente o enorme trabalho e o valor científico da interpretação de LIGEOIX.

O livro de LIGEOIX é uma completa refutação científica das interpretações anteriores de todos os que quizeram ver mil acertos, aplicando as expressões das Centúrias

a qualquer acontecimento da história. Seriam resultado do estilo sibilino, disquisições dos intérpretes, sem nenhum valor objetivo.

Não é possível, naturalmente, fazer nenhuma antecipação dos acontecimentos que se prognosticariam, além de por outras razões óbvias, por razões científicas. Deve-se pretender só a investigação científica sem outras metas políticas ou de outra qualquer espécie, e para êste trabalho o melhor é esperar os acontecimentos. Está reservado aos parapsicólogos do século XXI comprovar se de fato o prognosticado foi realizado ou não. Se os prognósticos não se realizarem, então se deverá considerar como desaparecido perante a ciência o mito "NOSTRADAMUS, metagnomo a longo prazo".

Pessoalmente acreditamos num rotundo fracasso de NOSTRADAMUS. A análise das Centúrias nos dá uma impressão tão nítida de meras ou quase meras elucubrações, de fantasmagorias do inconsciente, que não esperamos nada de precognição autêntica. Maravilhoso talento do inconsciente, isto sim, verdadeiramente maravilhoso estilo sibilino, que poderíamos chamar "paranormal" no mais admirável sentido da expressão. Mas não precognições a longo prazo. Enfim, no século XXI se discutirá o assunto com conhecimento de causa ⁽¹⁸⁾.

O FIM DO MUNDO — Numa ocasião NOSTRADAMUS falou com clareza em prognósticos a longo prazo. O mesmo prognóstico, e também claro fez "MALAQUIAS". Ambos os vaticínios claros (até certo ponto), se referem ao fim do mundo.

(18) Para a crítica dos prognósticos de NOSTRADAMUS, em geral, Cfr. além das obras já citadas: ADELUNG: "Historia de la locura humana" (tradução espanhola), Leipzig, 1785. BOUYS: "Nouvelles considérations sur les Sibylles et les Prophètes et particulièrement sur Nostradamus", Paris, 1806. LEROUX: "La clef de Nostradamus", Paris, 1710.

A "profecia" do pseudo-MALAQUIAS põe após o atual pontificado de PAULO VI, "Flos Florum", os seguintes lemas: "De medietate lunae" "De labore solis", "De gloria olivae" e finalmente "Petrus romanus". Após este lema, a "profecia" se encerra com estas palavras: "... PEDRO de Roma apascentará suas ovelhas em meio de muitas tribulações; depois a cidade das sete colinas (Roma) será destruída e o terrível juiz julgará seu povo".

Por conseguinte, de PAULO VI até o juízo final só há quatro Papas; o fim do mundo, pois, não andarão muito longe do ano 2000, segundo o pseudo-MALAQUIAS.

Talvez influenciados pelo prognóstico de "MALAQUIAS" a maioria dos intérpretes de NOSTRADAMUS asseguram que nas Centúrias também se prognostica o fim do mundo para a mesma época, ou mais concretamente para o ano 1999.

O mesmo NOSTRADAMUS, porém, contesta essa interpretação. Não nas Centúrias, mas numa apresentação que delas faz, NOSTRADAMUS diz expressamente: "... tenho composto livros de profecias, cada um dos quais contém cem quadras de profecias astrológicas as quais quis empalmar um pouco escuramente e são vaticínios perpétuos que vão de agora até o ano de 3797" (19). Os intérpretes não conheciam estas palavras de NOSTRADAMUS que durante muito tempo permaneceram em manuscrito. Essas palavras evidentemente significam que segundo NOSTRADAMUS o mundo chegará pelo menos até o ano 3797.

Como vemos os dois "profetas" mais célebres de "a longo prazo", estão em franco desacordo nos prognósticos claros, e em desacordo com infinidade de outras "profecias" segundo as quais o mundo já deveria ter acabado muitas vezes.

Talvez as mais célebres datas, marcadas para o fim do mundo, tenham sido o ano 999, o dia 13 de outubro de 1736 e o ano 1881.

(19) NICOULLAUD, Charles: "Nostradamus et ses prophéties", Paris, 1914, pág. 69.

Em 999, milhares de peregrinos foram para Jerusalém onde esperavam ver o Juízo Final. Queriam que o Juiz Divino os encontrasse esperando lá o seu Advento. Muitíssimos venderam todos os seus bens antes de partir e distribuíram logo o dinheiro da venda em esmolas. Muitas casas ruíram porque estando iminente o fim de todas as coisas teria sido loucura repará-las...

Mas o mundo continuou "rodando"...

No dia 13 de outubro de 1736, uma multidão enorme abandonou Londres para poder, da campina vizinha, observar a destruição da cidade.

Recentemente aconteceu um caso parecido na Itália, caso de que falaram todos os jornais do mundo.

Durante o reinado de HENRIQUE VIII (1509-1547), época em que se dizia que viveu a Madre SHIPTON, apareceram umas profecias atribuídas a ela. A fama das profecias percorreu o mundo no século seguinte⁽²⁰⁾. As profecias corriam de boca em boca e eram recolhidos em milhares de edições diferentes com interpolações, modificações, etc.⁽²¹⁾.

A data marcada para o fim do mundo, pelas profecias da suposta Madre SHIPTON era o ano de 1881. A medida que se ia aproximando essa data, o nervosismo aumentava entre muitas pessoas supersticiosas e crédulas.

Por sorte, oito anos antes da data marcada para o cataclismo, se descobriu que muitas das edições das profecias da Madre SHIPTON tinham sido modificadas e a data do fim do mundo era uma dessas interpolações evidentes⁽²²⁾. Ainda no começo do ano "fatal" apareceu um livrinho com aguda crítica ridicularizando a profecia. Mostrava quantas outras profecias já se tinham feito marcando data para

(20) HEAD, Richard: "Histoire de la Vie et des Prophéties de Mère Shipton", Paris, 1641.

(21) Uma edição que parece mais crítica é: "Prophesies of Mother Shipton", Londres, 1662.

(22) HERING, Daniel W.: "Foibles and Fallacies of Science", 4.^a ed., New York, 1932 (1.^a ed., 1924), pág. 218.

o fim do mundo “sem que o mundo se desse por inteirado, continuando a girar pelo espaço...” (23).

Para os adivinhos, não tem importância que nem o próprio JESUS CRISTO estivesse autorizado a revelar-nos o fim do mundo:

— “Mestre, quando acontecerá isto?... JESUS respondeu:

— Vêde que não sejais enganados. Muitos virão em meu nome dizendo: Sou eu e o tempo está próximo. Não sigais após eles!” (24).

— “Dize-me quando hão de suceder estas coisas?... JESUS pôs-se então a dizer-lhes:

— Cuidado que ninguém vos engane...” (25).

— “Quanto àquele dia e àquela hora *ninguém* o sabe nem mesmo os anjos do céu, mas sômente o Pai” (26).

Alguns manuscritos trazem ainda “nem mesmo o Filho” no sentido de que *nem CRISTO* na sua qualidade de *MESSIAS* enviado por Deus estava autorizado a revelar o dia do fim do mundo. Quanto menos os “gamos” e falsos Cristos...!

Ainda aquêles “magos” que não consideram JESUS CRISTO como Deus deveriam ter mais respeito por quem consideram como o mais poderoso “mago” que já houve.

Como se vê, de tôda a Idade Média nada há que sugira a precognição a longo prazo, se prescindimos de NOSTRADAMUS em *possibilidade remota, muito remota mesmo*...!

IDADE MODERNA E CONTEMPORÂNEA — Começaremos por citar os famosíssimos profetas das Cevennes.

O edito de Nantes dera certa liberdade aos protestantes na França. A posterior revogação do edito foi acolhida pelos protestantes com grande revolta. O protesto se converteu em exaltação e a exaltação degenerou em numerosos surtos de histeria. Quando os protestantes se reuniam à noite, no campo, era comum que alguma

(23) HARRISON, William H.: “Mother Shipton Investigated”, Londres, 1881.

(24) LUCAS, XXI, 17-9.

(25) MARCOS, XIII, 4-5.

(26) MATEUS, XXIV, 36.

mulher caísse súbitamente retorcendo-se pelo chão, tremendo, e pondo-se a pregar histêricamente e a fazer "profecias". Logo, outras pessoas, principalmente mulheres, seguiam o exemplo, psiquicamente contagiadas. As reuniões terminavam numa orgia de tremores, convulsões, gritos... e "profecias". Tudo isto sucedia principalmente nas Cevennes, onde os protestantes eram mais numerosos e onde chegaram até a levantar-se em armas contra a revogação do edito.

O Mal. de VILLARS que em nome do govêrno foi às Cevennes para reprimir a revolta armada, expressa-se assim: "Vi coisas nas quais não teria acreditado, caso não tivessem passado sob meus olhos: uma cidade inteira, na qual tôdas as mulheres e tôdas as môças, sem exceção, pareciam possuídas do diabo, tendo tremores e fazendo profecias pelas ruas".

"Esses possessos acreditavam que, pelo espírito, podiam perceber à distância os seus perseguidores, lendo-lhes os pensamentos e desmascarando os traidores. O profeta mais célebre dentre eles foi uma môça de 16 para 17 anos, que recebeu o nome de PASTORA DE CLET e que se tornou objeto de romaria, até para gente vinda de muito longe. Em vez de apresentar convulsões, parecia antes adormecida. Nesse estado, era de absoluta insensibilidade, nenhuma excitação, nenhuma dor, nenhuma tortura seria capaz de fazê-la estremecer. Falava em francês muito correto e exprimia-se também em latim, proferindo, segundo diziam, orações admiráveis. Quando saía do estado sonambúlico, não se lembrava de nada do que havia dito ou feito, afirmando que havia dormido" (27).

Nem é preciso dizer que muitas dessas profecias não se confirmaram. E muitas delas não eram autênticas pre-cognições. Em todo caso se referiam a um futuro imediato, a prazo bem curto.

São freqüentes ainda os almanaques e horóscopos, que gozaram de tanto prestígio nos fins do século passado e começos do presente. Todos os anos alguém que se considera bom metagnomo publica os prognósticos para o ano seguinte. Foi famosíssima a Sra. de THÈBES. Até os cientistas se consideraram na obrigação de estudar as qualidades da grande metagnoma" (28).

(27) Citado por SILVA MELLO, o. c., pág. 437.

(28) Veja-se, por exemplo, a revista: "Écho du Merveilleux", 1904, págs. 447 ss.

Celebraram-se congressos dos profissionais das predições. O primeiro congresso de que temos notícia, celebrou-se já em maio de 1906, em Londres, no Exter Hall, e na mesma época houve um truste de tiradores de sorte, na província de Bari, em Molfetta.

No congresso de Londres, a maioria dos metagnomos decidiu que o mundo terminaria no dia 3 de maio de 1929. Os menos pessimistas, em alarmante minoria, determinaram, ao contrário, que acabaria o mundo no dia 9 de abril de 1931.

O truste de tiradores de sorte, por sua parte, terminou com a intervenção da polícia, que desvendou nesta ocasião 134 trapagens das quais tinha denúncia. Um verdadeiro museu foi feito com os objetos confiscados aos participantes do truste: cartas de baralho, limões espetados com agulhas, fitas pretas, barrilzinhos de alcatrão ou de poeira, garrafas de álcool, ervas de todo gênero, cabelos, unhas de homens e de animais. Enfim, inumeráveis objetos "misteriosos" e esquisitos (29).

Em tôdas as grandes cidades do mundo houve e há infinidade de prognosticadores do futuro, mais ou menos permitidos ou controlados pela polícia. Sômente em Paris, no ano de 1960, existiam mais de 14 000 "adivinhos" fichados pela polícia. Só os metagnomos que se declaram oculistas (prescindindo, pois, de tôdas as outras espécies: espíritas, teósofos, etc.) realizam em Paris uma média de 50 000 consultas diárias, ganhando por volta de 100 000 dólares diários. Isto apesar dos "adivinhos" estarem proibidos pela lei na França.

Tenho revisado milhares das principais precognições de metagnomos "profissionais" e outros casos espontâneos. Como já dissemos, a principal coleção é formada pelos casos (entre os quais há muitos de precognições) recolhidos e comprovados pela "Society for Psychological Research" (S. P. R.) de Londres e da "sucursal" americana. Há também co-

(29) "Annales des Sciences Psychiques", 1906, págs. 259 ss.

leções de grande riqueza de outros autores que se têm esforçado por reunir só casos de precognição.

Pois bem, não tenho encontrado nenhum caso que sugira a precognição parapsicológica a longo prazo. Todos os casos com “possível” explicação “extraordinária” de que tenho notícia são de precognições a prazo curto. Os modernos e contemporâneos têm pouquíssimas precognições a longo prazo. Interessam-se por precognições próximas e utilitárias. Aliás, as precognições a longo prazo dos contemporâneos, — ainda que não fôssem sibilinas, — como comprová-las?

CONCLUSÃO — Tendo presente tôda a história da “adivinhação” espontânea, achamos que na tese parapsicológica “PG prescinde do tempo”, se deve incluir a restrição “dentro dum prazo curto”. Só assim essa tese poderá ser corroborada pelos casos espontâneos de precognição desde a mais remota antiguidade até os nossos dias. Êste prazo curto nunca excede dos séculos, pouco mais ou menos, somando-se a retrocognição e a precognição.

NENHUMA EXPERIÊNCIA DE LABORATÓRIO — A Parapsicologia tem demonstrado que PG pode conhecer o futuro. Mas as experiências científicas não nos autorizam a formular, sem restrições, “PG prescinde do tempo”. As primeiras experiências parapsicológicas começaram em 1934; portanto, não houve tempo de experimentar a longo prazo. Ainda que os metapsíquicos tivessem experimentado a precognição (o que não fizeram), também não teria passado ainda o prazo curto: a Metapsíquica nasceu em 1882.

CONFIRMAÇÕES — Tratando da relação PG-tempo, só falamos até agora do tempo futuro. Ê porque, como já dissemos, a retrocognição (ou postcognição) não passa de uma classificação lógica e prática...

Contudo, as possíveis retrocognições confirmam a nossa tese de que PG parece prescindir do tempo só dentro dos limites que chamamos "a prazo curto".

O Dr. OSTY, com efeito, analisou milhares de casos espontâneos e experiências científicas, comprovando que as "retrocognições" só se aprofundam num passado relativamente muito próximo ⁽³⁰⁾. É uma excelente confirmação de nossa tese.

O Dr. OSTY não só analisou as "retrocognições", mas comprovou também que "o maior ou menor tempo (futuro) até a morte de uma pessoa não influi absolutamente nos dados que sobre ela pode obter um clarividente"⁽³¹⁾. Poderíamos formular a mesma verdade de outro ponto de vista: o inconsciente de uma pessoa pode conhecer tudo o que suceder a essa pessoa, desde o nascimento até a morte. Um metagnomo poderia captar nessa pessoa qualquer acontecimento dentre aquilo que ela inconscientemente conhece.

Desta maneira o prazo curto assinalado por OSTY, na realidade coincide com o prazo de cinco gerações que assinalamos: mais ou menos dois séculos. Uma pessoa poderia captar no inconsciente do avô tudo o que sucedeu com êle desde que êle nasceu e essa mesma pessoa poderia captar no inconsciente dos netos tudo o que sucederá a êles, até êles morrerem. Para tudo isto, bastaria que essa pessoa coexistisse durante algum tempo com o avô e os netos. Evidentemente, falamos em avô e netos para representar as diversas gerações ou períodos de tempo.

O Dr. MURPHY comprovou que o objeto do conhecimento paranormal jamais é algo "indiferente, mas sempre está intimamente ligado a *uma pessoa viva*" ⁽³²⁾.

(30) OSTY, Eugène: "La connaissance supra-normale", 2.^a ed., Paris, Alcan, 1925 (1.^a ed. em 1923).

(31) OSTY, Eugène, em "Revue Métapsychique", VI, 1936.

(32) MURPHY, Gardner: "Telepathy and Clairvoyance", em "The Journal of Parapsychology", X, 1946, março, págs. 35 ss.

Temos encontrado casos de conhecimento paranormal de coisas “relacionadas indiferentemente”, permita-se-nos a expressão ⁽³³⁾. As palavras de MURPHY (“*intimamente ligado a alguma pessoa*”) não devem ser estritamente interpretadas. Pode bastar uma relação nada íntima, como simplesmente ter ouvido falar do fato, tê-lo visto alguma vez inconscientemente. Deve tratar, porém, como sublinha MURPHY, de um pessoa *viva*.

As observações do Dr. MURPHY, pois, confirmam o que já antes considerávamos: suposta a coexistência durante algum tempo, com o avô e os netos (ou coetâneos deles), o prazo curto, “existencial”, alcançado por um metagnomo poderia abarcar cinco gerações, mais ou menos dois séculos ⁽³⁴⁾.

Como veremos no próximo capítulo, todo conhecimento psigâmico *parece* que nos vem através do conteúdo mental de outra pessoa, conteúdo que pode ser absolutamente inconsciente e inclusive precognitivo. Ao menos, para que PG possa chegar à realidade física, é necessário que essa realidade física esteja relacionada com uma pessoa: É necessário que uma pessoa “ilumine” o objeto físico do conhecimento paranormal. Essa tese confirma de novo o prazo curto ou existencial de mais ou menos dois séculos, cinco gerações.

Os ocultistas não possuem métodos científicos. Permita-se-nos, porém, citar o que durante séculos observaram. Um dos representantes mais destacados da escola neo-ocultista, Eliphas LEVÍ, afirma: “a alma do homem pode, de uma só

(33) Cfr. no capítulo 18 o item “precognição espontânea de acontecimentos intranscendentes”.

(34) Seria mais amplo o prazo curto em épocas antigas, quando os homens viviam mais de cem anos e até mais de novecentos, segundo expressões da Bíblia? Talvez, no entanto, essas expressões da Bíblia só querem dizer que a vida dessas pessoas foi cheia de méritos. Ou outras interpretações...

intuição no círculo de luz astral em que cada qual se movimenta, abarcar tudo o que a um homem sucedeu desde seu nascimento e tudo que lhe sucederá até o momento da morte...". Prescindindo da roupagem imaginária com que os ocultistas vestiram as suas doutrinas, vemos que também eles estão de acôrdo em afirmar que PG só prescinde do tempo, tanto nas retrocognições como nas precognições, dentro do prazo curto de mais ou menos 5 gerações. O metagnomo captaria "no círculo de luz astral" do avô "tudo o que lhe sucedera desde o nascimento", e assim também captaria no "círculo de luz astral" do neto (ou qualquer pessoa coetânea do neto) "tudo o que lhe sucederá até a morte". Cinco gerações.

Quando falávamos da distância em PG, terminávamos com estas palavras: "PG prescinde da distância ao menos dentro do nosso planêta". Esta delimitação na distância é também uma possível confirmação ao menos lógica da limitação que defendemos com respeito ao tempo. O maior ou menor "afastamento" no tempo é uma espécie de "distância".

Não nos interessa aqui o conhecimento *indireto*, isto é, através dos conhecimentos "culturais". Está claro que, por êste conhecimento indireto, se poderiam saber coisas muito afastadas no tempo, sem limites de nenhuma classe. Desde que haja alguma pessoa que saiba, por exemplo por tê-lo estudado, o que sucedeu há 3 ou 10 séculos, um metagnomo poderia captar por simulcognição na mente desta pessoa aquêle fato antiquíssimo. Igualmente de restos arqueológicos se poderia deduzir alguma coisa antiquíssima.

Tendo isto presente não deixariam de estar dentro do prazo curto os conhecimentos manifestados em certas experiências como as de CALLIGARIS, onde o sujeito, em contato com uma página, desenho, fotografia, manuscrito, de pessoas antiquíssimas (HORÁCIO, VIRGÍLIO, etc.) se teria pôsto a falar dessas pessoas ou teria "visto" seu rosto ou

“ouvido” sua voz... Tudo isto, ainda que o experimentador não saiba a que pessoas se referem os objetos “estímulo” (35). Na realidade não se conheceria diretamente o passado anti-quíssimo, mas as idéias (verdadeiras ou simples suposições) que daquela pessoa antiga tem o mesmo sujeito ou o experimentador ou alguma pessoa viva. Não é conhecimento do passado, mas do presente.

Tanto pela análise dos casos espontâneos como por comprovações e estudos de laboratório, a relação entre PG e o tempo só pode ser formulado com uma restrição final: PG prescinde do tempo, mas só dentro do prazo curto ou “existência”, isto é, pouco mais ou menos dois séculos entre retro- e precognição.

(35) CALLIGARIS, Giuseppe: “Le Catene del corpo e dello spirito. Le Meraviglie della Metafisiologia”, Brescia, Giulio Vannini. 1944, pág. 240.

3^a

PARTE

Fenômenos
Telepáticos



Telepatia e clarividência

UM DESAFIO À INVESTIGAÇÃO

O apriorismo dos cientistas antigos. — Os modernos trabalham freneticamente em vão. — Curioso modo de passar nas sabatinas, empregado por São João BOSCO. — Lê o telegrama antes de recebê-lo. — Um ataúde entre cinco mortos.

ENTRE inumeráveis casos semelhantes citamos, a modo de exemplo, um tomado ao acaso entre os recolhidos e comprovados pela "Society for Psychical Research" (S.P.R.) de Londres ⁽¹⁾:

Uma menina de dez anos vai por uma vereda lendo um livro de Geometria. De repente tudo que a rodeia se desvanece para ela e aparece claramente sua mãe que parece morta, jazendo sobre o chão de um quarto que não era usado na sua casa. A visão é nítida e detalhada: a menina percebe um lenço bordado de renda que está no pavimento, a pouca distância da mãe. Tão real era a aparição que,

(1) GURNEY, E.; MYERS, W. H., e PODMORE, F.: "Phantasms of the living", 2 volumes, Londres, Trubner, 1886-7. Tradução francesa, resumida, por MARILLIER: "Les Hallucinations Télépathiques", Paris, Alcan, 1891.

logo que desaparece, a menina, em lugar de voltar para casa, corre em procura de um médico.

A menina não pode dar muitos detalhes ao médico, porque a mãe, na realidade, estava em perfeito estado de saúde e naquele momento, deveria estar ausente de casa. Mas lhe conta a visão e o convence a ir com ela até a casa. O médico vai, mais para tranquilizar a menina do que por outra coisa.

Chegam correndo e encontram o pai na porta, muito tranqüilo. O pai estranha a chegada do médico, tão apressado, e pergunta o que se passa. "É a mamãe", responde a menina e conduz pai e médico ao quarto abandonado. Lá, exatamente como tinha visto e descrito a menina, encontra a mãe, deitada no chão, o lenço de renda perto. A pobre senhora tinha sofrido um ataque cardíaco. O médico declara que, se não tivesse chegado imediatamente, o desenlace teria sido fatal.

Supomos que o caso tenha sido bem observado. Seria autêntico conhecimento psigâmico. Foi clarividência ou telepatia?

Clarividência é o conhecimento psigâmico de coisas objetivas, físicas: no caso, a menina teria "visto", à distância, a realidade mesma do quarto abandonado, a mãe desfalecida, o lenço de renda no chão... Em contraposição à clarividência está a telepatia. A telepatia consiste em conhecer não diretamente a realidade física, mas o conteúdo de um ato *psíquico*, subjetivo: os pensamentos, imaginações, sentimentos ou desejos duma pessoa. A menina teria conhecido o pensamento (consciente ou inconsciente) que a mãe tinha do seu estado, lugar em que estava, etc. Conhecimento diretamente do ato psíquico, e só indiretamente da realidade física objeto dêste pensamento.

A clarividência é designada hoje, à proposta do Dr. RHINE, com a sigla PC (pura clarividência), e a telepatia com a sigla PT (pura telepatia). Ambas as siglas foram oficializadas no "Colóquio Internacional de Utrecht".

É muito freqüente ver confundidas a clarividência e a telepatia nos livros dos não especialistas. Outros autores, ao contrário, sempre fazem questão de distinguir.

O primeiro a usar a palavra “telepatia” foi, ao que parece, o Dr. W. H. MYERS em 1883, quando observava os casos de conhecimento de aparência paranormal recolhidos pela S.P.R. de Londres e publicados no livro citado.

Telepatia significa, a rigor, etimologicamente, “sofrimento à distância”: MYERS comprovou que era por ocasião de acontecimentos tristes que, com mais frequência sucedia o conhecimento de aparência paranormal. Mas logo a palavra “telepatia” se tomou no sentido mais geral de “sensação à distância, percepção à distância”.

Prevalecera, quase que inconscientemente, o conceito de que a telepatia era a percepção à distância do *pensamento* de outra pessoa. O Dr. MYERS a definia assim: “a transmissão de impressões de qualquer gênero entre um *cérebro* e outro, independentemente de toda a via sensorial reconhecida”.

Já alguns autores da época da Metapsíquica chegaram expressamente ao conceito de telepatia como conhecimento do pensamento; por exemplo, o Dr. Charles RICHET⁽²⁾, o mais famoso metapsíquico.

Mas claro está que a expressão de RICHET, assim como as de outros muitos autores mais ou menos especialistas, de que a telepatia fazia só referência ao pensamento não é exata. Seria reduzir demais o âmbito da telepatia. Seria telepatia qualquer conteúdo dos atos do espírito de uma pessoa, diretamente conhecido por via paranormal, como pensamentos, imagens, sofrimentos, lembranças, estado de espírito, etc. É por isso que pouco antes definíamos a telepatia como “a percepção paranormal do conteúdo de um *ato psíquico*”. A transmissão do *pensamento* ou a adivinhação do *pensamento* é só um aspecto da telepatia, não abrangendo todos os tipos de telepatia.

(2) RICHET, Charles: “Traité de Métapsychique”, 2.^a ed., Paris, Alcan, 1923, pág. 791.

A TELEPATIA E O VULGO — Em todos os tempos existiu a crença de que o homem, ou certos homens, tinham o poder de conhecer os mais profundos segredos dos seus semelhantes, de conhecer os atos internos do espírito humano. Com explicações “naturais” ou “sobrenaturais” o certo é que todos reconheciam em certos homens o fenômeno.

A TELEPATIA E A METAPSÍQUICA — A tentativa de experimentar cientificamente a chamada telepatia e fenômenos afins é, como sabemos, muito recente. As experiências de cunho científico mais antigas que se conservam datam da época do hipnotismo (mesmerismo). Certos experimentadores, já na época do mesmerismo descobriram, com efeito, que parte dos sujeitos davam respostas a perguntas ainda não formuladas mas que se pensavam formular. Logo, sem mais comprovações, atribuíram êstes fenômenos à telepatia. Na realidade poderia atribuir-se também, por exemplo, à hiperestesia indireta do pensamento.

Chegou-se mais adiante a pensar que a telepatia era um estado ou grau da hipnose.

Partindo desta hipótese, fizeram-se muitas experiências de “telepatia” com hipnotizados. São exemplo disso as realizadas pelo Dr. E. AZAM (telepatia de idéias) e, sobretudo, as realizadas pelos Drs. Pierre JANET, o eminente psiquiatra da Sorbonne e Edmond GURNEY, da Universidade de Cambridge (telepatia de sensações).

Também com hipnotizados, já recentemente, o Dr. Henry SIDGWIC e senhora fizeram uma longa série de experiências na mesma Universidade de Cambridge.

O hipnotizador olhava um número de dois algarismos, tirado ao acaso, enquanto o hipnotizado, noutro aposento, tratava de adivinhar o dito número (através do pensamento do agente).

Os acertos superaram significativamente o cálculo das probabilidades. A tôdas estas experiências e a outras muitas já nos temos referido.

RICHET parece que foi o primeiro a experimentar a “telepatia” sem concurso de hipnotismo.

Depois de RICHET, como já vimos, se fizeram numerosíssimas experiências sem se servir da hipnose. Os resultados eram também altamente significativos, segundo o cálculo de probabilidades. A maior parte dessas experiências se realizaram na Inglaterra, algumas na América, e um número considerável na Europa continental, principalmente na França; mas também Suécia, Polônia, Alemanha, Rússia enviaram relações de experiências que não duvidaram em qualificar de “telepáticas”.

O método geralmente empregado era à base de baralhos de jogo ou à base de números. O experimentador ia olhando cartas ou números e o percipiente tratava de averiguar-lhe o *pensamento*. Algumas destas experiências se realizaram estando experimentador e percipiente em quartos diferentes, para evitar todo influxo sensorial. Este método tinha a vantagem de se poder usar a matemática no cálculo de probabilidades.

Houve também experiências com métodos diferentes. Por exemplo, Oliver LODGE, professor de Física na Universidade de Liverpool, com a ajuda de vários colaboradores, realizou experiências de “telepatia” servindo-se de desenhos. Nenhum método adquiriu o monopólio.

À medida que se iam divulgando êstes problemas, crescia no grande público o interesse pela “telepatia”. Entre os sujeitos mais bem dotados, tanto aparecia um menino de 12 anos como uma velha de 70; entre os experimentadores, obtinham tanto êxito um camponês simples como um catedrático de Universidade, embora, como é de supor, o controle e por conseguinte o valor científico não fôsse o mesmo.

O APRIORISMO EM PROL DA TELEPATIA — Mas tudo isto provou realmente a telepatia, PT, conhecimento do pensamento ou conteúdo de um ato psíquico? Por incrível que pa-

reça, nunca pensaram os investigadores na possibilidade de PC (clarividência), nas experiências que faziam para provar a telepatia. No espírito dos investigadores a possibilidade de PC era uma possibilidade longínqua que podia ser negligenciada. Como vários destes investigadores, e outros muitos teóricos da questão eram mestres na ciência americana e europeia, ninguém se atreveu a pôr em dúvida a legitimidade da experimentação como telepatia pura: "Difícilmente se encontrará — diz RHINE — um exemplo melhor da influência sutil que o apriorismo pode exercer no juízo crítico. Se a preferência pela clarividência houvesse sido mais forte, o mesmo gênero de experiências teria servido, igualmente bem, para demonstrá-la" (3).

Em todas as experiências havia uma carta, um desenho, um objeto, além do agente que olhava. É verdade que se aconselhava ao percipiente que procurasse captar os *pensamentos* do agente; mas tinham argumento para afirmar com certeza que o sujeito captava o pensamento e não o objeto mesmo?

UMA FALHA NA INVESTIGAÇÃO MODERNA — Depois de 50 anos de experiências "telepáticas", era necessário começar de novo.

Façamos a análise das principais experiências de PT na nova época, começando pelas realizadas na Universidade de Duke.

Empregavam-se símbolos do baralho ZENER, mas sem se usarem as cartas: só se pensava nos símbolos. Nem havia anotação dos símbolos escolhidos mentalmente. Só quando o sujeito tinha prognosticado e escrito o seu prognóstico, o experimentador escrevia o símbolo que tinha pensado para poder aplicar depois ao conjunto o cálculo de probabilidades. O agente era antes treinado em pensar nos diver-

(3) RHINE, J. B.: "The Reach of the Mind", Londres, L. Fa-ber, 1948; citamos da tradução francesa por SUDRE, René: "La Double Puissance de l'Esprit", Paris, Payot, 1952, pág. 49. Há também tradução espanhola: "El alcance de la mente", Buenos Aires, Paidós, 1956.

sos símbolos numa ordem impossível de ser calculada normalmente: inventaram-se sistemas simples de “baralhar” mentalmente, evitando-se os hábitos pessoais, repetições características, etc.

No comêço se realizaram estas experiências estando agente e percipiente num mesmo local, mas depois se continuaram, instalando-se sucessivamente em diferentes quartos do mesmo edificio, depois em diferentes edificios e, por fim, em locais muito distantes entre si.

Visavam nessas experiências, além de evitar a hiperestesia, estudar também o influxo da distância. Os resultados foram praticamente idênticos em tôdas as experiências, superando o acaso, segundo o cálculo de probabilidades, muito significativamente ⁽⁴⁾.

RHINE acreditou que assim se provava PT.

Pode admitir-se como a explicação mais provável e verossímil; mas nunca como prova definitiva de PT. Pensou RHINE que, escrevendo o símbolo depois de ter-se “comprometido” o sujeito, PT ficava garantida; mas não podia o sujeito prognosticar por PC “precognitiva” sôbre a anotação posterior do experimentador?

Em 1946 se publicaram novas séries de experiências, engenhosíssimas, realizadas pela Dra. Elisabeth MAC MAHAN visando também a prova crucial de PT.

A fim de evitar a clarividência precognitiva, falha das experiências antes citadas da Universidade Duke, agora se compôs um código para significar as cartas. O código foi composto duma maneira completamente subjetiva. Nem se escreveu nem se falou dessa correspondência código-carta. “Ouvir” extra-sensorialmente (clariaudiência), para um tipo do que entendemos por PC. Convinha, porém, para garantir o contrôle, que outra pessoa conhecesse também o código: foi êle comunicado à Dra. Gertrud SCHMEIDLER, fazendo alusão a lembranças comuns de caráter subjetivo. Assim, segundo se pensou, no caso de que o percipiente, por conhecimento paranormal, averiguasse o símbolo do código e seu significado, o conhecimento do significado só poderia ser telepático.

(4) RHINE (SUDRE, tradutor), o. c., pág. 50.

A Srta. MAC MAHAN pensava numa carta ZENER. O percipiente fazia seu "diagnóstico" e o escrevia, para poder aplicar-se depois o cálculo de probabilidades; a Srta. MAC MAHAN, porém, não escrevia a carta que tinha pensado, mas só o símbolo do seu código.

Terminada a longa série, a Dra. SCHMEIDLER comprovava também os resultados, que não superaram o cálculo de probabilidades!!!⁽⁵⁾. Claro está que seria ilógico ver neste fato uma demonstração de que não existe PT.

E se os resultados tivessem sido significativos? Seriam-no só de PSI-GAMMA e não de PT, pois não se tinha evitado com todo rigor a clarividência: certamente, o sujeito só poderia conhecer as cartas pensadas (ou em último termo, o significado dos símbolos do código) por PT; mas fica uma dificuldade embora menos provável: a experimentadora não poderia guiar-se nos seus pensamentos por clarividência precognitiva do prognóstico do sujeito? Passaria ela a ser percipiente e o percipiente passaria a ser agente: uma inversão da direção de PSI-GAMMA. A objeção é pouco lógica, mas impede considerar o método empregado como incontestável.

EXPERIÊNCIAS EXCEPCIONAIS — As mais famosas experiências de "telepatia" (precognitiva) são as realizadas pelos Drs. S. G. SOAL e J. L. GOLDNEY⁽⁶⁾.

O sujeito, Basil SHACKLETON, identificava a carta e anotava seu prognóstico antes de que o experimentador extraísse dentre um grande número, uma ficha colorida. Segundo a cor da ficha, o experimentador deveria pensar uma ou outra carta do baralho.

Escolher a carta a pensar por meio de fichas coloridas favorece o acaso, e além disso, segundo os inventores do método, excluiria a clarividência: sendo o simbolismo de cada cor conhecido só mentalmente pelo experimentador e des-

(5) MAC MAHAN, Elisabeth: "Telepathic Experiments", em "Journal of Parapsychology", X, 1946, págs. 224 ss.

(6) SOAL, S. P. e GOLDNEY, J. L.: "Experiments in Precognitive Telepathy" em "Proceedings of Society for Psychical Research", XLVII, 1943, págs. 21-150.

conhecido pelo percipiente, ainda que êsse averiguasse por clarividência precognitiva a côr da ficha, o prognóstico da carta só poderia fazê-lo por telepatia. Com esta longa série de experiências, os Drs. SOAL e GOLDNEY acreditaram ter demonstrado PT.

Apesar de algumas contraprovas que se fizeram, como já indicamos ao falar destas experiências no capítulo dezoito, poderíamos insistir na possibilidade, menos lógica, de uma inversão do processo PSI-GAMMA: o experimentador, ao escolher a ficha, poderia guiar-se por clarividência precognitiva do prognóstico que o sujeito escreveria depois ou da própria comprovação dos resultados obtidos. Precognição, sim; telepatia talvez não.

É verdade, como já no capítulo anterior deixamos indicado, que Basil SHACKLETON era abertamente “telepático” e não “clarividente”, isto é, em experiências nas quais se excluía o agente, não obtinha resultado além do acaso.

O mesmo fato tem-se observado em outros metagnomos, como, por exemplo, na senhora Eileen J. GARRET, atual presidente da “Parapsychology Foundation” de New York, antes de perder a faculdade de manifestação de fenômenos parapsicológicos.

Mas claro está que êste fato em pleno rigor não significa que não intervenha a clarividência... Pode o fato ser explicado por outras causas como, por exemplo, que determinados metagnomos estão condicionados ao tipo de experiências de *aspecto* PT e não ao de PC, ou ainda a outros fatores, como ser a experimentação de *aspecto* PT mais emotiva, mais existencial, por razão da presença do agente, etc.

UMA DIFICULDADE INSOLÚVEL — Mas, ainda que não suponhamos inversões de processos, ainda que o percipiente (e não só o agente) escrevesse seus prognósticos num código só conhecido por êle, ainda que não se escrevesse nada; ainda, enfim, que se tomassem as precauções mais engenhosas já imaginadas, não conheço nem posso imaginar um sis-

tema de experimentação plenamente demonstrativo de PT. Sempre haverá uma dificuldade que impossibilitará, acreditamos, a exclusão da possibilidade de PC nas experiências de PSI-GAMMA: os movimentos ou sinais reflexos são essa dificuldade.

Todo pensamento humano, por íntimo, por abstrato que seja, tem sempre uma tradução fisiológica inclusive externa, suscetíveis portanto de serem captadas por PC. Será possível excluir nas experiências o conhecimento por PC desta realidade *física*? Essa realidade física, êsses sinais fisiológicos seriam captados por clarividência. Interpretados depois reflexa e inconscientemente, originariam no receptor as idéias correspondentes às do agente que motivaram tais sinais, de modo análogo e como são captados por hiperestesia indireta as idéias, imagens, pensamentos de qualquer pessoa que esteja em presença dum bom sensitivo. Se, por hiperestesia indireta (sôbre os sinais fisiológicos involuntários e inconscientes), alguns sensitivos podem captar até com *certa regularidade* inclusive os mais insignificantes pensamentos das pessoas presentes, nada poderá estranhar que *às vêzes* possa haver conhecimento PSI-GAMMA tendo por objeto-base êsses mesmos sinais reflexos.

É de suma importância que se atendam a êsses pequenos índices sensoriais, capazes de explicar (em todos os casos) por PC os conhecimentos psigâmicos de aparente PT. "A realidade dos movimentos reflexos involuntários e inconscientes correspondentes a *todos* os atos internos ou de consciência, deve ser admitida por todos, pois têm sido muito bem demonstrada pela Psicologia Experimental" (7).

E mesmo que algum experimentador de PT não quisesse admitir para determinados casos a existência dêstes movimentos e sinais, ao menos deverá admitir a *possibilidade* dêles. Só demonstrando cientificamente a ausência de tais

(7) "Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana", Madrid-Barcelona, Espasa-Calpe, artigo "Telepatia", pág. 577.

reflexos fisiológicos em determinadas ocasiões, se poderia excluir a possibilidade de PC em determinadas experiências que se apresentassem em prol de PT. E isto certamente ninguém o fez, por mais decidido partidário que seja de PT.

Esta é a razão principal (não a única) pela qual julgo muito difícil, provavelmente impossível, a demonstração plenamente satisfatória de PT.

Quando RHINE se defendia dos ataques que contra as experiências de PC lhe dirigiam vários parapsicólogos, êle mesmo atacou a possibilidade de demonstrar PT ⁽⁸⁾. Os argumentos de RHINE contra PT foram rebatidos com mais ou menos verdade pelos partidários dessa modalidade de PG: PARSONS, GOLDNEY, TYRREL, SOAL, THOULESS, CARINGTON, WEST e MURPHY foram os pioneiros da discussão ⁽⁹⁾. Mas ninguém ainda apresentou o modo de excluir a possibilidade da explicação por PC à base dos sinais inconscientes correspondentes às idéias nas experiências em que se pretendia demonstrar PT.

Os sinais inconscientes são algo físico, externo, sensível; portanto, o seu conhecimento paranormal deve ser considerado, evidentemente, clarividência, como consideramos clarividência o conhecimento de qualquer outro sinal ou objeto diferente do próprio pensamento ou ato psíquico. Ninguém consideraria telepatia o conhecimento paranormal de um amplo gesto com o qual alguém acompanhasse seu pensamento. Se do gesto diretamente conhecido, o percipiente deduz a idéia que motivou aquêle gesto, o fenômeno não deixará de ser por isso clarividência para converter-se em telepatia. O mesmo devemos, pois, dizer a respeito dos sinais inconscientes e involuntários, "gestos" mínimos com que acompanhamos as nossas idéias.

(8) RHINE, J. B.: "Telepathy and Clairvoyance reconsidered", em "Journal of Parapsychology", X, 1946, setembro.

(9) Um resumo dos argumentos dos parapsicólogos citados pode ver-se em "Journal of Parapsychology", X, 1946, março, págs. 36 ss.

É claro está que, admitida a possibilidade de conhecer uma coisa física como os sinais reflexos, aparecerá bem mais lógica a possibilidade de se conhecerem outras coisas físicas, isto é, aparecerá lógica a existência de PC em geral.

Robert AMADOU criticou RHINE quando êste pensou que PC era mais freqüente do que PT. Mais adiante, Robert AMADOU escreveu: “A telepatia está perfeitamente comprovada. A clarividência não o está”⁽¹⁰⁾. Acreditamos, pelas razões expostas, que Robert AMADOU se precipitou um pouco.

Como explicação de sua afirmação, AMADOU acrescenta: “A pessoa humana é seguramente o objeto mais comum e, talvez, o objeto único da função paranormal. Por meio dela e através dela, tal como ela os sente e os interpreta, é que o percipiente, na maioria dos casos, senão em todos, toma conhecimento dos acontecimentos objetivos”. Estou conforme com essas palavras de AMADOU no sentido de que PSI-GAMMA é nitidamente “existencial”, humana, que relaciona vivos com vivos, ou com *coisas* relacionadas com os vivos, como já frisei no capítulo anterior. Mas isto não significa que PSI-GAMMA seja necessariamente PT.

CASOS ESPONTÂNEOS DE CLARIVIDÊNCIA — PC tem seus próprios “argumentos”. Em primeiro lugar, os casos espontâneos que *sugerem* PC talvez sejam tão freqüentes quanto os que *sugerem* PT. Tomamos ao acaso alguns exemplos, sem que sejam os mais significativos.

São João BOSCO foi um metagnomo notável. Em duas ocasiões, sendo ainda menino, sonhou o ditado que o professor lhe haveria de fazer no dia seguinte. A primeira vez, ao suspeitar do que se tratava, pulou da cama e escreveu o que, sonhando, tinha lido. Como era latim e não estava certo da ortografia, levou o texto a um sacerdote para ser revisado. Assim pôde ir à aula com a “sabatina” feita de antemão.

(10) AMADOU, Robert: “La Parapsychologie”, Paris, Denöel, 1954, pág. 218. Há tradução espanhola: “La Parapsicología”, Buenos Aires, Paidós, 1957.

TELEPATIA E CLARIVIDÊNCIA

Noutra ocasião, o professor preparou o ditado queueno BOSCO, aquela noite sonhou que o lia e, acordando na véspera. O professor escreveu-o de princípio a fim com todos os detalhes. O professor, por falta de tempo ditou só a metade. Ao corrigir as composições, ficou o professor pasmado ao comprovar. No dia seguinte CO tinha escrito não só a parte ditada senão também a outra parte que pensava ditar. BOSCO lhe teria subido, que João Bosco A conduta de João, não permitia tal suspeita. Chamado o caderno, e com exatidão cações respondeu simplesmente dizendo que sonhara a dar explicações com o texto em.

A rigor, se poderia dizer que João BOSCO com o texto em, a página do caderno ou do livro, mas o que BOSCO sonhou, não nha na memória. Por pantomnêsia o trecho o professor não no inconsciente do professor. Mas esta explicação, possível evidentemente, parece mais complicada do que PC.

O Dr. THOULET, professor da Faculdade de Ciências de Nancy sendo ainda estudante estava na Itália ajudando a um engenheiro francês também. A mulher do engenheiro tinha ficado em Torino. Certa noite, o Dr. THOULET acorda de repente; vê diante de si, um telegrama imaginário que até com bastante nitidez THOULET vai ao quarto contíguo que é o do engenheiro pôde ler. O Dr. "Você acaba de ter uma filha: o telegrama diz, o telegrama; porém, depois de lidas as primeiras palavras, o Dr. se apagando até tornar impossível a leitura completa. Ainda pôde distinguir nitidamente e descrever características das palavras, vão as imaginário em que se lia. Em seguida desaparece desenhos do papel

Algum tempo depois o engenheiro recebia um telegrama com a grata notícia. As primeiras palavras eram com o telegrama com a THOULET imaginariamente, e o que é mais importante as lidas por *característicos do papel* no qual vinha o telegrama. Provavelmente, os desenhos descritos na alucinação. "Não tenho nenhuma prova eram os vistos e necer — escreve o Dr. THOULET —. Se alguma material a fornecer-me a mim mesmo de que é verdadeira" (12). obrigado a com

Como se vê, êste caso torna muito inverossímeis as explicações por PT. Poder-se-ia pensar, a rigor, que as palavras fôssem lidas sôbre o pensamento da espôsa ao ditá-las

(11) FIERRO, Rodolfo, S. D. B.: "Biografia y escritos de Juan Bosco", Madrid, B. A. C., 1954, pág. 57.

(12) "Annales des Sciences Psychiques", I, 1891, janeiro.

E claro está que, admitida a possibilidade de conhecer uma coisa física como os sinais reflexos, aparecerá bem mais lógica a possibilidade de se conhecerem outras coisas físicas, isto é, aparecerá lógica a existência de PC em geral.

Robert AMADOU criticou RHINE quando êste pensou que PC era mais freqüente do que PT. Mais adiante, Robert AMADOU escreveu: "A telepatia está perfeitamente comprovada. A clarividência não o está" ⁽¹⁰⁾. Acreditamos, pelas razões expostas, que Robert AMADOU se precipitou um pouco.

Como explicação de sua afirmação, AMADOU acrescenta: "A pessoa humana é seguramente o objeto mais comum e, talvez, o objeto único da função paranormal. Por meio dela e através dela, tal como ela os sente e os interpreta, é que o percipiente, na maioria dos casos, senão em todos, toma conhecimento dos acontecimentos objetivos". Estou conforme com essas palavras de AMADOU no sentido de que PSI-GAMMA é nitidamente "existencial", humana, que relaciona vivos com vivos, ou com coisas relacionadas com os vivos, como já frisei no capítulo anterior. Mas isto não significa que PSI-GAMMA seja necessariamente PT.

CASOS ESPONTÂNEOS DE CLARIVIDÊNCIA — PC tem seus próprios "argumentos". Em primeiro lugar, os casos espontâneos que *sugerem* PC talvez sejam tão freqüentes quanto os que *sugerem* PT. Tomamos ao acaso alguns exemplos, sem que sejam os mais significativos.

São João BOSCO foi um metagnomo notável. Em duas ocasiões, sendo ainda menino, sonhou o ditado que o professor lhe haveria de fazer no dia seguinte. A primeira vez, ao suspeitar do que se tratava, pulou da cama e escreveu o que, sonhando, tinha lido. Como era latim e não estava certo da ortografia, levou o texto a um sacerdote para ser revisado. Assim pôde ir à aula com a "sabatina" feita de antemão.

(10) AMADOU, Robert: "La Parapsychologie", Paris, Denöel, 1954, pág. 218. Há tradução espanhola: "La Parapsicología", Buenos Aires, Paidós, 1957.

Noutra ocasião, o professor preparou o ditado na véspera. O pequeno BOSCO, aquela noite sonhou que o lia e, acordando emocionado, escreveu-o de princípio a fim com todos os detalhes. No dia seguinte, o professor, por falta de tempo ditou só a metade. Ao corrigir as composições, ficou o professor pasmado ao comprovar que João BOSCO tinha escrito não só a parte ditada senão também, e com exatidão, a outra parte que pensava ditar. BOSCO lhe teria subtraído o caderno? A conduta de João, não permitia tal suspeita. Chamado a dar explicações respondeu simplesmente dizendo que sonhara com o texto (11).

A rigor, se poderia dizer que João BOSCO sonhou, não a página do caderno ou do livro, mas o que o professor retinha na memória. Por pantomnêsia o trecho estaria inteiro no inconsciente do professor. Mas esta explicação, possível evidentemente, *parece* mais complicada do que PC.

O Dr. THOULET, professor da Faculdade de Ciências de Nancy, sendo ainda estudante estava na Itália ajudando a um engenheiro, francês também. A mulher do engenheiro tinha ficado em Toulon. Certa noite, o Dr. THOULET acorda de repente; com bastante nitidez vê diante de si, um telegrama imaginário que até pôde ler. O Dr. THOULET vai ao quarto contíguo que é o do engenheiro e lhe diz: "Você acaba de ter uma filha: o telegrama diz..." e começa a ler o telegrama; porém, depois de lidas as primeiras palavras, vão elas se apagando até tornar impossível a leitura completa. Ainda pôde distinguir nitidamente e descrever *característicos desenhos do papel* imaginário em que se lia. Em seguida desaparece tudo.

Algum tempo depois o engenheiro recebia um telegrama com a grata notícia. As primeiras palavras eram com efeito as lidas por THOULET imaginariamente, e o que é mais importante, os *desenhos característicos do papel* no qual vinha o telegrama eram os vistos e descritos na alucinação. "Não tenho nenhuma prova material a fornecer — escreve o Dr. THOULET —. Se alguém me contasse esta história eu não acreditaria, não obstante me vejo obrigado a convencer-me a mim mesmo de que é verdadeira" (12).

Como se vê, êste caso torna muito inverossímeis as explicações por PT. Poder-se-ia pensar, a rigor, que as palavras fôssem lidas sobre o pensamento da espôsa ao ditá-las.

(11) FIERRO, Rodolfo, S. D. B.: "Biografía y escritos de San Juan Bosco", Madrid, B. A. C., 1954, pág. 57.

(12) "Annales des Sciences Psychiques", I, 1891, janeiro.

Mas, e os *desenhos* do telegrama? O papel, no qual se imprimiu a mensagem na Itália, não era conhecido pela esposa, na França (a não ser por precognição telepática da leitura que faria o marido! Será que foi sugestão telepática motivada pelo agente de correios? Poderia ser, mas evidentemente esta explicação é muito menos verossímil do que PC, dado que o agente de correios não parecia ter vinculação emotiva nenhuma com o Dr. THOULET nem com o engenheiro. Isto torna mais inverossímil uma relação telepática entre eles. Será, pois, mais lógica a clarividência?

Durante a guerra da Espanha, uma família sofreu, um dia, uma dessas inspeções, tão freqüentes, que realizavam os comunistas em Madrid. Levaram prêso o chefe da casa, um jovem casado. Todos tiveram o pressentimento de que o fuzilariam, porém não podiam estar seguros, porque alguns, em casos idênticos, eram levados a trabalhos forçados e não à morte. A família avisou imediatamente o pai do jovem prêso. Quando o pai chegou ao povoado em que residiam, disse, ao entrar em casa: "Já sei porque me chamastes. Sim, não dissimuleis. Mataram meu filho". Os de casa o ignoravam. O pai insistiu: "Sim, fuzilaram-no. Eu o vi em sonhos com outros cinco fuzilados. Ele era o único que tinha ataúde". Alarmada a família fez averiguações. Com efeito: tinham-no fuzilado com outros cinco; ele era o único que recebeu ataúde porque um tio da vítima, ao saber que iam matá-lo, fez levar um ataúde para seu sobrinho. O padre jesuíta que descreve o caso, estava naquela casa (13).

PT ou PC? PT parece improvável: a família não sabia de nada. O tio não sabia que havia outros cinco fuzilados. A vítima poderia saber que ia ser fuzilada, ainda que tivesse sido fuzilada, pois, entre a descarga e a morte real, há algum tempo; mas como poderia transmitir o fato de estar no ataúde e, especialmente, de que os outros fuzilados não tinham ataúde? O caso *sugerc* verdadeiramente, e com

(13) MESEGUER, S. J., Pedro: "El secreto de los sueños. Psicología, Metapsíquica, Teología", Coleção "Psicologia, Medicina, Pastoral", vol. XI, Madrid, Razón y Fé, 1956, págs. 144 ss.

fôrça, PC: o pai viu por PSI-GAMMA clarividente a realidade de seu filho fuzilado e enterrado com ataúde entre outros cinco cadáveres sem ataúde.

Poder-se-iam citar inúmeros casos semelhantes e melhores, em prol de PC.

EXPERIÊNCIAS METAPSÍQUICAS — Na hipnose, são relativamente freqüentes experiências que, embora também não de modo definitivo, *sugerem* com energia tratar-se de experiências de PC e não de PT. Já MESMER comprovou vários casos que parecem de PC. “Graças à sua sensibilidade interna, escreve, o sonâmbulo pode ver o passado e o porvir”.

MESMER conta como uma das suas doentes, em sono “mesmérico” (hipnótico) vê um cachorro que tinha perdido e pelo qual tinha muito carinho. Estando em sono hipnótico a doente chama sua doméstica e a manda buscar imediatamente o guarda que está na esquina da rua. Quando chegar lá deve a criada pedir ao guarda que a acompanhe até determinada rua, a um quarto de hora de distância. Lá encontrarão uma senhora levando um cachorro, que o guarda deverá reclamar. E o cachorro perdido. Com efeito, tudo se realizou como a sonâmbula tinha previsto.

Parece mais verossímil explicar por PC o fato de encontrar o agente, descrever a rua e a distância, o fato de que passaria uma senhora levando o cachorro perdido, etc. ⁽¹⁴⁾

Os sucessos de MESMER, apesar do nome que deram ao fenômeno, confirmam a explicação por PC ao experimentar o que chamavam “*viagens telepáticas*”, às quais já temos aludido. Realizaram experiências científicas fazendo que um sujeito hipnotizado se projetasse mentalmente em *lugares* afastados, contando o que lá sucedia, acontecimentos que depois eram comprovados.

Como os dados obtidos eram desconhecidos de todos os presentes, as experiências podem ser atribuídas à clari-

(14) Citado por RHINE: “La double...”, o. c., pág. 35.

vidência e não à telepatia. Claro que uma explicação telepática dêste fenômeno não fica plenamente excluída. Simplesmente afirmamos que “sugerem” PC e não PT.

EXPERIÊNCIAS DECISIVAS? — As experiências com máquinas são freqüentemente *sugestivas* em prol de PC. Por exemplo, as de precognição do Dr. TYRREL descritas no capítulo 18. Mas...: Estando já acesa uma lampadinha, o psiquismo da Srta. JOHNSON poderia conhecê-lo por hiperalgesia. As experiências poderiam ser, pois, de precognição do *ato psíquico*, e não precognição da *realidade física*... Precognição, sim; PC talvez não.

A rigor, PC é sumamente difícil de se demonstrar apoditicamente. Entre as experiências de PSI-GAMMA, e de precognição em particular, há muitas que *sugerem* PC. Mas uma demonstração crucial, definitiva, de PC...

Para obter uma evidência convincente de PC, seria necessário obter resultados significativos com um material de experimentação de natureza desconhecida de todos no mundo; não apenas haveria de sê-lo no momento da experiência, mas também deveria manter-se desconhecido até passar o prazo curto, no qual PG prescinde do tempo. De outra maneira não fica excluída a PT precognitiva... Ora, como fazer e comprovar semelhantes experiências? A demonstração definitiva, evidentemente, não foi possível, pelo menos até o momento.

Há, sim, séries de experiências que sugerem fortemente a existência de PC e que, com a mesma energia, fazem sumamente inverossímil, no caso, PT.

Em primeiro lugar, queremos advertir que parece pouco lógico explicar por precognição telepática qualquer fato que possa explicar-se por clarividência simulcognitiva. A manifestação de precognição parece mais difícil, mais rara do que a simulcognição. Embora não apodítica, a explicação

por simulcognição clarividente sempre será mais lógico do que a explicação por precognição telepática.

As experiências mais sugestivas em prol de PC talvez sejam as do tipo chamado “teste de emparelhamento” (“matching test”), das quais já contamos alguns exemplos em capítulos anteriores. Entre elas queremos destacar agora, por via de exemplo, as experiências realizadas por PRATT-WOODRUFF:

Um baralho ZENER era misturado. O experimentador o mantinha, sem olhar as cartas, detrás de um painel. O metagnomo, do outro lado do painel, ia apontando um dos cinco símbolos de ZENER postos diante de si, visando acertar a ordem em que estavam colocadas as cartas do baralho, que ele não via. A medida que ele dava os seus palpites, o investigador, não via o símbolo assinalado pelo metagnomo, só vendo o lugar assinalado, ia colocando as cartas do baralho sem olhá-las no lugar correspondente ao apontado pelo metagnomo (15).

Nestas condições, se o sujeito procurasse prognosticar por telepatia precognitiva, adiantando-se ao momento em que o experimentador viria consultar o baralho visado, perceberia que, nesse momento, já estava comprometido, sua resposta já estava dada e “controlada”. Experiências deste tipo se fizeram muitas, como já sugerimos no capítulo 18.

OUTROS ARGUMENTOS — O já várias vezes citado Dr. CALLIGARIS, após as suas inumeráveis experiências, afirma que todo o nosso mundo (portanto PC, ao menos em grande parte) é conhecido pelo nosso inconsciente e que alguns destes conhecimentos em determinadas circunstâncias (dotados, emotividade...) podem surgir a consciência ou projetar-se reflexamente na pele: “Tudo quanto existe na natureza pode ser visivelmente projetado sobre o corpo humano porque na sua subconsciência está representado”, “no nosso subcons-

(15) Cfr. um magnífico resumo destas experiências feito por AMADOU, Robert, o. c., pág. 171.

ciente está projetado e depositado todo o universo; disso estou convencido e sustento firmemente" (16). "A antena ultrapotente, que é o corpo do homem, reflete tudo, o que está perto e o que está longe, tudo o que se vê e o que não se vê" (17).

Sem chegar a tanto como "tudo quanto existe", parecida teoria (tudo o relacionado, "iluminado" pelo homem), sorriu sempre a muitos investigadores, tanto antigos como modernos; o nosso inconsciente possui, ao menos, um número de dados muito maior do que é possível pensar, dados que só em determinadas circunstâncias surgirão à tona.

E, já postos no plano das teorias, é defendida por muitos a teoria de que as faculdades paranormais, ou melhor, a manifestação das faculdades paranormais, é o resíduo do extraordinário poder que possuía a natureza humana quando foi criada, poder que desfrutaria no "Paraíso Terrestre". A natureza caída que hoje temos, não pode manifestar êste poder (a não ser em muito pequena escala) sem que "arrebente" o organismo; mas o poder aí estaria, no inconsciente, atuando continuamente. Ora, quantos admitam esta teoria (em outro tomo exporemos os poderosos argumentos que militam a seu favor, sendo esta a teoria hoje praticamente unânime entre os parapsicólogos que estudaram o problema com suficiente conhecimento de causa) deverão, em consequência, admitir PC, pois nada nessa teoria sugere que a faculdade de conhecimento extra-sensorial haveria de limitar-se aos atos *psíquicos* do homem.

Também a seu devido tempo devemos estudar os diversos tipos da faculdade PK, a faculdade de atuação do psiquismo sobre a matéria. Ora, admitindo a psicocinésia

(16) CALLIGARIS, Giuseppe: "Le Meraviglie della Metafisio-logia", Brescia, G. Vannini, 1944, págs. 112 ss.

(17) CALLIGARIS, Giuseppe: "L'Universo rappresentato sul corpo dell'uomo", Bréscia, G. Vannini, 1945, pág. 247. A respeito do mesmo assunto se pode ler também do mesmo autor: "Telepatia e Radio-onde cerebrali", Milano, Hoepli., 1954.

(PSI-KAPPA) dever-se-á admitir PC: evidentemente, se o psiquismo pode atingir os objetos até o ponto de movê-los, etc., mais facilmente os poderá atingir para conhecê-los.

Conseqüentemente, PC, em contraposição a PT, pode ser considerada, se não um fato científico, pois não possuímos uma demonstração inteiramente definitiva, pelo menos uma teoria verdadeiramente provável.

Em outras palavras: é um fato certamente provado que PSI-GAMMA atua às vezes como se fôsse PC, o que, para uma classificação prática do caso, nos basta. Esse aspecto prático é o que mais nos interessa.

PT E PC FRENTE À FRENTE — Vimos que PT não parece que possa ser demonstrada nunca. PC, porém, talvez sim. O Dr. Hélio R. SANTOS, do Rio de Janeiro, planejou um método de experimentação à base de máquinas automáticas, tanto para marcar os objetos-alvo, como para interpretar os “palpites” dos metagnomos e expressar a porcentagem de coincidências. O “Instituto Brasileiro de Parapsicologia” está interessado neste método, com a colaboração do Dr. Hélio R. SANTOS.

Na Universidade Duke continuamente se comparavam os resultados de aparente PC e de aparente PT. O sujeito que dava resultados sensacionais em PC era passado em nova série de experiências para PT. Em 8 dos 9 metagnomos excepcionais escolhidos pela Duke, o êxito foi o mesmo, examinando-se o conjunto de cada tipo de experiências. O sujeito número 9, uma senhora, deu sempre melhores resultados em PT do que em PC. A diferença, porém, parece ter uma explicação extrínseca: esta senhora manifestou repetidas vezes que preferia trabalhar com uma pessoa, um agente, para procurar averiguar seu pensamento, porque lhe era muito monótono tratar de averiguar frias e mortas cartas de baralho; aliás, sempre tinha experimentado íntima repugnância pelos jogos de cartas.

Prescindindo desta senhora, ainda as flutuações de dias particulares eram iguais em cada tipo de experiências: no dia em que um sujeito não “estava disposto” para PC também não o estava para PT, ou vice-versa. O efeito das drogas era o mesmo nos dois casos. Um sedativo, como o amital, fêz descer muito os resultados de PC, e se constatou mais adiante que o mesmo sucedia para PT. Pelo contrário, a cafeína teve um efeito favorável para ambos os tipos de experiências.

Os dois tipos de experiências alcançaram o recorde. Na prova de PC, apareceu um metagnomo excepcional que deu, uma vez, no meio de uma série de experiências menos notáveis, 25 acertos em 25 intentos: resultado completamente extraordinário. Pois bem, noutra ocasião, outro metagnomo notável alcançou o mesmo recorde em experiências que sugerem PT: 25 acertos em 25 intentos.

Mais ainda: as aparentes PC e PT, atuando conjuntamente, não conseguem mais do que separadamente. Os resultados, nas séries de experiências de aparente PC, são os mesmos que os de aparente PT e os mesmos da combinação de ambas as faculdades ⁽¹⁸⁾.

Já vimos como a maioria das experiências que os antigos metapsíquicos acreditavam que fôssem de PT, na realidade eram de PC e PT conjuntamente, pois se tratava de averiguar cartas reais, além de pensadas. As experiências modernas de tipo PC e PT por separado são equivalentes nos resultados a êsse combinado de PC e PT dos metapsíquicos.

Não eram, pois, necessárias novas comprovações, mas se fizeram modernamente séries de experiências comparativas entre as formas aparentemente puras e a ambígua.

Nesse sentido, talvez as mais importantes séries sejam as realizadas pela Dra. Margaret PEGRAM ⁽¹⁹⁾. Empregou

(18) RHINE, J. B.: “La double...”, o. c., págs. 50-52.

(19) Citado por RHINE, J. B.: “La double...”, o. c., pág. 52.

como metagnomos um grupo de meninos. Foi alternando os diversos tipos de experiências. Obteve uma boa quantidade de resultados significativos, que foram praticamente idênticos para os três tipos de experiências. Somando os resultados de tôdas as séries de cada tipo, a soma total é praticamente igual para os três tipos. Sendo soma de milhares, a diferença é de dezenas ou unidades. Isto é, não há diferença apreciável, segundo o cálculo de probabilidades.

Ainda que absurdamente quiséssemos dar valor a essas mínimas diferenças, paradoxalmente provariam que não há diferença de possibilidade cognoscitivas entre PC e PT. Com efeito, a soma menor é a de "clarividência", depois vem a de "conjunto" e a maior soma é a de "telepatia". Ora, êste resultado seria totalmente absurdo se PC e PT fôsem diferentes nas suas possibilidades, pois então a soma maior deveria ser o combinado, maior pelo dôbro ou ao menos por notável vantagem. A única coisa que seria provada por esta diferença é que o tipo PT resultou em alguns meninos algo mais interessante (ou menos desinteressante) do que o tipo PC, o que é bem lógico. Por esta mesma razão e, em geral, por ser mais emotiva, explicaria que pareçam mais frequentes os casos espontâneos de aparente PT.

Como acabamos de ver, a divisão de PSI-GAMMA em PC e PT é meramente relativa à classificação prática, sem que tenhamos fundamento absolutamente demonstrativo. O caso experimental ou espontâneo que pareça conhecimento direto da realidade *física*, será classificado como PC; ao contrário, classificaremos como PT o caso que à primeira vista pareça conhecimento direto da atividade *psíquica* de outra pessoa.

A divisão de PSI-GAMMA em clarividência (PC) e telepatia (PT) é uma divisão prática, para classificar os casos que apresentem um desses aspectos.

Mas a demonstração científica de que exista PT e PC como tais não está feita e talvez não se possa fazer nunca.

Com RICHEL podemos resumir dizendo “que parece mais prudente não adotar outra hipótese a não ser a de... que se pode saber o que existe, seja um pensamento ou seja um objeto” ⁽²⁰⁾.

(20) RICHEL, Charles, o. c., pág. 240.

Divisões de telepatia

CLASSIFICAÇÕES PRÁTICAS

A TELEPATIA tem várias divisões práticas. A nomenclatura empregada nestas divisões práticas não foi, ao menos por agora, oficializada. E também não há unanimidade de interpretação entre os autores que empregam a mesma nomenclatura. Adotamos a nomenclatura mais lógica ou mais freqüente entre os autores.

Chamamos a atenção sôbre as três últimas divisões práticas da telepatia, três divisões importantíssimas, tradicionalmente descuidadas ou pouco conhecidas. Empregamos para elas siglas novas.

Evidentemente, não esgotamos o tema. Pomos só as divisões que consideramos mais importantes:

a) **“Adivinhação do pensamento”**: Quando o sujeito pretende, quer, *“se esforça”* por captar o conteúdo de um ato psíquico *consciente* de outra pessoa. Esta *parece* não intervir no fenômeno.

b) **“Transmissão do pensamento”**: Quando *parece* haver atividade de ambos os participantes. O agente *“trabalha”* para transmitir seus pensamentos ou conteúdo do ato psíquico ao percipiente e êste *“se esforça”* por captar o que lhe querem transmitir. E também no âmbito do *consciente*.

c) **“Telepatia sôbre o inconsciente excitado” (TIE).** Suponhamos, por exemplo, que eu, ao estudar português, tratei de aprender simultâneamente as palavras “caneta” e “relógio”. Ambas as palavras ficaram associadas no meu inconsciente. Quando, posteriormente, queira numa experiência transmitir a um metagnomo a palavra “caneta”, é possível que o metagnomo capte “relógio”. Ao pensar a palavra “caneta”, excitei no meu inconsciente, a palavra “relógio” que, no meu inconsciente, está associada à palavra “caneta”. Não teria sido uma experiência de transmissão de pensamento, e sim uma experiência de telepatia sôbre o inconsciente excitado, neste caso, por associação de idéias no inconsciente.

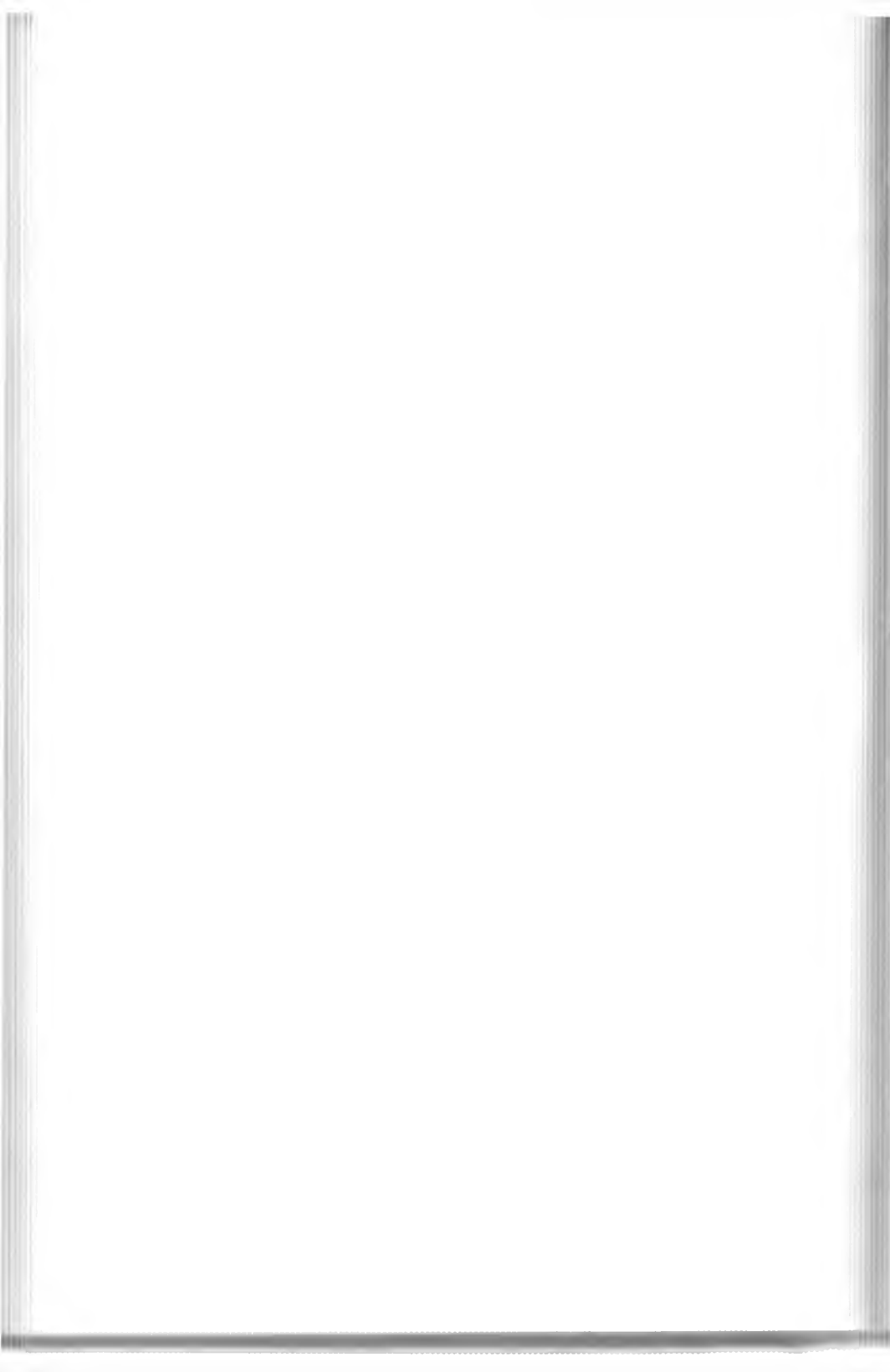
d) A **“sugestão telepática” (ST)**: sugerir paranormalmente a outra pessoa, idéias, sentimentos, etc. O percipiente capta *“espontâneamente”* a idéia ou o sentimento... Na pessoa que parece agente há um desejo consciente ou inconsciente ou inclusive interpretativo de comunicar-se com o percipiente.

e) O fenômeno PG, mais temido (sem razão), é o classificado como **“subjugação telepsíquica”** ou **HT (Hipnose Telepática)**. É um domínio, às vêzes despótico, à distância, sôbre a mente e, através dela, às vêzes também sôbre o corpo, a sensibilidade ou mesmo a vida de outra pessoa. É como uma hipnose paranormal podendo ser, como a hipnose, de diversos tipos, graus e eficiências. A subjugação telepsíquica é a mais empolgante e “misteriosa” causa (não a única) dêsse fenômeno popularmente chamado feitiço, coisa feita, mau olhado, malefício...

Pode ser negativa (para o mal), positiva (para o bem, como no curandeirismo) ou indiferente.

Da **“adivinhação do pensamento”** e da **“transmissão do pensamento”** temos visto já numerosos casos espontâneos e mormente experiências de laboratório nos capítulos anteriores. Não dedicaremos a êstes dois tipos de telepatia nenhum capítulo especial.

Também não falaremos neste volume do feitiço por ter outras várias causas que não se enquadram dentro de PG. A própria "subjugação telepsíquica" ou HT é fenômeno misto, pois, freqüentemente, é em parte, ou ao menos está intimamente relacionado, com os fenômenos de efeitos físicos (PSI-KAPPA). Neste tomo tratamos unicamente dos fenômenos de efeitos psíquicos.



TIE espontânea

PSI-GAMMA PERSCRUTA OS MAIS
OCULTOS SEGREDOS

*Perguntam sôbre o presente e averig-
uam o passado. — Crianças prodigiosas
que respondem às mais difíceis questões. —
Telepatia por procuração ou intermediá-
rio. — Uma extraordinária médium espírita,
extraordinariamente anti-espírita.*

UMA senhorita me consultava muito impressionada por-
que, numa sessão espírita à qual seu pai tinha assis-
tido, a médium lhe revelou coisas a respeito da infância dêle,
coisas de que êle já não se lembrava mais e que depois com-
provou serem verdadeiras.

Disse-lhe simplesmente que não se tratava de modo al-
gum de comunicações dos espíritos e sim de *telepatia*, facul-
dade bem natural e humana. A senhorita não podia com-
preender que fôsse telepatia e protestou: “Mas meu pai não
se lembrava daquilo!”.

Êste conceito errado de que só há telepatia sôbre o
consciente está muito estendido. Muitos sabem que a tele-
patia é uma realidade e não uma “crendice”, mas ignoram

que precisamente a “telepatia sôbre o *inconsciente* excitado” é muito mais freqüente que a adivinhação ou a transmissão do pensamento *consciente*.

Em rigor científico, eu não deveria ter dito à senhorita que se tratava de telepatia e sim de hiperestesia indireta das idéias excitadas no inconsciente do pai. Mas, agora, trataremos como se fôsem uma mesma coisa a telepatia e a hiperestesia indireta, ambas sôbre o inconsciente excitado. O efeito é o mesmo. O leitor avisado sabe já perfeitamente que se trata de telepatia sôbre o inconsciente excitado (TIE) quando há percepção extra-sensorial, e que, ao contrário, será hiperestesia sôbre o inconsciente excitado (HIE) quando a percepção é sensorial, a partir dos reflexos fisiológicos causados pela excitação no inconsciente de alguma idéia, sentimento, etc. Quando falarmos em TIE, entenderemos, de agora em diante, tanto *telepatia* como *hiperestesia indireta*, ambas sôbre o inconsciente excitado.

O mecanismo interno da telepatia sôbre o inconsciente, ou TIE seria o seguinte: o consciente da pessoa que parece agente (ou qualquer outro fator ou circunstância) reaviva, ilumina, excita uma idéia ou conteúdo psíquico do próprio inconsciente. O inconsciente de outra pessoa, o receptor, capta essa idéia.

AS LIÇÕES DOS CASOS ESPONTÂNEOS — A “TIE” parece mais fácil e freqüente do que a adivinhação do pensamento consciente. Já FLOURNOY, estudando as coleções de casos de “adivinhação”, verificou que as idéias reveladas com mais freqüência pelos “médiums” são as que estão em estado latente ou evanescente no espírito dos presentes à sessão.

Após consultar um médium ou outro “adivinho”, muitas pessoas manifestam, mais com admiração do que com decepção, que o “mago” nada lhes tinha dito sôbre o que realmente as preocupava e acêrca do que perguntaram, revelando-lhes, entretanto, outros fatos mais ou menos rela-

cionados com o tema consultado, fatos nos quais não cogitavam ⁽¹⁾.

Analizadas tôdas essas relações, vê-se que estamos diante de casos do tipo de telepatia sôbre o inconsciente excitado: as perguntas do consulente, as circunstâncias da consulta ou da sessão, etc., aparecem sumamente aptas para provocar na mente do consulente a associação inconsciente de idéias, avivando assim as vivências adormecidas e até talvez esquecidas mas conservadas por pantomnéia. Essas vivências são as que o "mago" revela.

Analisemos um caso, a modo de explicação do mecanismo do fenômeno.

O Dr. RHINE foi consultado sôbre o seguinte caso: Uma senhora tinha saído para passar o fim de semana com uns amigos que viviam no campo, a várias milhas de distância. O marido ficou em casa ligeiramente indisposto. A senhora, já ao cair da tarde, experimentou de repente um impulso incoercível de voltar para casa. Os amigos se opunham: a hora era desapropriada. A senhora, aliás, não podia dar nenhuma explicação racional de seu súbito e absurdo desejo. Só experimentava a impressão geral de que algo não ia bem com o marido. Voltou. Ao chegar encontrou a casa em chamas, devido, segundo se investigou, a uma faísca que tinha pulado da lareira. O marido dormia no andar superior totalmente alheio ao que sucedia. Tivesse demorado a senhora, e o acidente teria sido fatal ⁽²⁾.

Tudo indica que devemos classificar êste caso como TIE, telepatia sôbre o inconsciente excitado: o pequeno cheiro, barulho, etc., do incêndio que começava no andar térreo, sendo captado mais ou menos hiperesteticamente, excitou o inconsciente do homem adormecido. A idéia do espôso inconscientemente excitado pelo perigo foi captada pela espôsa, preocupada, que pôde chegar a tempo de evitar a catástrofe.

(1) FLOURNOY, Th.: "Esprits et Médiums", Genebra, Kunding, 1911.

(2) RHINE, Joseph Banks: "New World of the Mind", New York, W. Sloane, 1937. Utilizamos a tradução espanhola de Dora Joninsky de KREIMEN: "El Nuevo Mundo de la Mente", Buenos Aires, Paidós, 1958, pág. 20.

Casos semelhantes ao referido, nos quais a excitação do inconsciente foi provocada por pequenos cheiros, dará ensejo, como veremos no próximo capítulo, à experimentação do fenômeno.

A nebulosidade, a sensação indefinível experimentada pela receptora, é característica freqüente, especialmente na recepção em estado de vigília. É o inconsciente que capta a mensagem e não é fácil em pessoas normais que essa percepção inconsciente suba até o consciente. Por isso a necessidade, em muitos casos, de alguns dos sistemas de manifestação: escrita automática, pêndulo, mesa giratória... Em sonhos, porém, e em outros estados nos quais está mais "aberta a porta" do inconsciente, como no transe, hipnose, histeria, delírio, etc., pode alcançar-se uma claridade quase fotográfica na alucinação correspondente à percepção da mensagem telepática.

TIE A TRÊS — Na telepatia sôbre o inconsciente freqüentemente aparece o mecanismo "em L" ou "a três". Não se averiguam diretamente os pensamentos de uma pessoa, mas podem ser averiguados através de outra terceira pessoa intermediária: os meus pensamentos podem ser descobertos não só diretamente em mim, mas captados no inconsciente de outra pessoa, de minha família por exemplo, mesmo que êste familiar nunca tenha conhecido conscientemente êsses meus pensamentos, mas só inconscientemente. Expondo o mesmo conceito de outro modo: o percipiente capta em meu inconsciente idéias que eu captei inconscientemente em outra pessoa ou na realidade física.

Foi notabilíssimo o sensitivo sueco Emanuel SWEDENBORG. Em estado absolutamente normal, ao menos aparentemente, em vigília, enquanto jantava com um industrial, SWEDENBORG anuncia a seu anfitrião que a fábrica se estava incendiando. Comprovou-se imediatamente que o aviso era exato e oportuno (3).

(3) KANT, Emmanuel: "Kant's Werke", Ed. da Real Academia Prussiana de Ciências, Tomo II: "Vorkritische Schriften II" Berlin, Georg Reimer, 1912, págs. 355 ss.

Probabilíssimamente, foi o próprio industrial quem captou inconscientemente o sinistro: a desgraça interessava a êle, não a SWEDENBORG; os amigos do industrial que assistiam ao incêndio tinham o pensamento voltado para o industrial, não para SWEDENBORG, etc. Parece muito razoável que a percepção clarividente ou telepática fôsse realizada pelo inconsciente do industrial. Todos temos no inconsciente a faculdade PG (embora a *manifestação* seja difícil).

A faculdade psigâmica do industrial captou o fato, o aviso, mas não sendo metagnomo, a percepção psigâmica ficou no inconsciente: Foi lá que a captou SWEDENBORG que, sendo sumamente “dotado”, a passou para o consciente.

No caso, possivelmente não será exato dizer telepatia a três, devendo-se dizer hiperestesia indireta sôbre o inconsciente telepaticamente excitado. Mas como já dissemos, neste trabalho consideramos tais fenômenos conjuntamente.

Nos sensitivos ou metagnomos que podemos chamar profissionais (adivinhos, médiuns, etc.) esta explicação por telepatia (hiperestesia) a três parece bastante freqüente.

Como dizia René WARCOLIER⁽⁴⁾ “é muito provável que todos os... que tenham experimentado com sujeitos clarividentes (metagnomos, diríamos melhor) estão obrigados a reconhecer que muitos dêstes entram com extrema facilidade em relação psíquica com pessoas mais ou menos distantes, *mormente se estas são conhecidas do experimentador*”: TIE (ou HIE) “em L”.

Um dos casos mais espetaculares que se contam de TEOBALDO, um dos mal chamados endemoninhados de Ilfurt, é precisamente um exemplo simples de telepatia (ou hiperestesia) “a três” ou “em L”.

Um dia, quando várias pessoas se encontravam no aposento, TEOBALDO começou a fazer o gesto de quem puxa a corda de um sino, como tocando a defuntos.

(4) WARCOLIER, René: “Polypsychisme spontané”, em “La Métapsychique 1940-1946”, Paris, P. U. F., s. d. (1947), pág. 66.

— Por quem tocas a defuntos? — perguntaram.

— Por Gregório KUNEGEL — respondeu TEOBALDO sem hesitar.

A filha de KUNEGEL estava presente e, espavorida, gritou:

— Trapaceiro! Meu pai está passando bem e trabalha de pedreiro na construção do seminário-menor.

— Estava muito bem, mas debes saber que caiu e, se não o crês, vá comprová-lo.

A pobre môça correu ao lugar e teve que constatar que seu pai caíra de um andaime e quebrara a coluna vertebral. Ninguém ainda em Ilfurt sabia da desgraça quando TEOBALDO a anunciara (5).

Como se poderá compreender, o fenômeno não se deve ao demônio... Foi a rapariga quem captou paranormalmente a desgraça do pai. A môça e não diretamente TEOBALDO, dado que era a ela que interessava o fato, de uma forma verdadeiramente "existencial" (6). Mas, não sendo a jovem boa metagnoma, a "mensagem telepática" ficou inconsciente, sendo no inconsciente excitado da jovem onde TEOBALDO captou a mensagem por hiperestesia indireta sobre o inconsciente excitado.

Evidentemente, se o autor da mensagem tivesse sido o demônio, como querem os partidários desta interpretação sobrenatural, o demônio deveria saber que não se tratava de morte, não havia porque tocar a defuntos... Esse erro acidental seria lógico em fenômenos parapsicológicos, mas inexplicável no demônio...

TEOBALDO e os contemporâneos dêle, no ambiente de demonologia em que viviam, dramatizaram as manifestações parapsicológicas como devidas ao demônio. Vivessem na atual América Latina, especialmente no Brasil, e as teriam

(5) Utilizamos a tradução italiana: SUTTER, Pablo: "Il diavolo. Le sue parole, i suoi atti nei due indemoniati di Ilfurt (Alsazia) secondo documenti storici", Torino, 1935, págs. 60-61. Existe também tradução espanhola: "El diablo", Barcelona, 1925.

(6) O fenômeno paranormal na jovem é o classificado como "sugestão telepática", talvez o fenômeno paranormal mais freqüente. Descrevê-lo-emos amplamente nos capítulos 24, 25 e 26.

dramatizado como devidas ao espírito do morto. Mas aqui o pai não morrera...

ESPIRITISMO E TELEPATIA — A TIE (ou HIE) presta-se muito a interpretações supersticiosas.

Um dos mais famosos médiuns do Brasil é CHICO XAVIER. Certo espírita desejava homenagear D. PEDRO II, mas não comunicou a ninguém a sua idéia. No mesmo dia que tivera a singular idéia, encontra-se com CHICO XAVIER. O médium escreve uma mensagem, na qual D. PEDRO II agradece a homenagem projetada ⁽⁷⁾.

Noutra ocasião, CHICO XAVIER assina uma mensagem com o nome de Abel GOMES. Na mensagem, “o morto” nomeia três pessoas presentes à sessão, parentes dêle, e alude a coisas só dessas pessoas conhecidas, coisas que ninguém então pensava ⁽⁸⁾.

“Como seria telepatia, *se ninguém pensava naquilo?*”. Precisamente por isso o fenômeno é mais fácil. Embora naquele momento não pensassem conscientemente nem em D. PEDRO II nem no parente recentemente falecido, as circunstâncias (presença de um famoso médium, ambiente de evocação dos mortos...) logicamente excitaram no inconsciente daquelas pessoas tais idéias; CHICO XAVIER, inconscientemente, as captou por TIE e as revelou por psicografia. A psicografia facilita a manifestação do fenômeno porque tudo fica no âmbito do inconsciente. Só vendo o escrito o consciente o conhece.

UMA MÉDIUM ESPÍRITA EXTRAORDINÁRIA — Muitos médiuns chegam facilmente a um desequilíbrio psicológico pronunciado de modo que apareçam entre eles bons metagnomos. O médium espírita mais famoso em fenômenos de conhecimento, entre os observados pelos metapsíquicos, foi a norte-americana Eleonora PIPER.

(7) IMBASSAI, Carlos, em “O Reformador”, revista da Federação Espírita Brasileira (FEB), 1944, novembro.

(8) IMBASSAI, Carlos. *ibidem*.

“Entre os médiuns... do ponto de vista subjetivo (isto é, de efeitos psíquicos) com manifestação de criptestesia (=PG) intensa, podemos afirmar que o mais poderoso foi certamente a Sra. PIPER”, escreve RICHET⁽⁹⁾ e acrescenta em outro lugar: “A Sra. PIPER, superior a todos os médiuns... é, sem contestação possível, de todos os médiuns, a que tem dado as provas mais numerosas, as mais estranhas e as mais decisivas” (de conhecimento parapsicológico)⁽¹⁰⁾. Os parênteses são nossos.

A força principal dos fenômenos da Sra. PIPER está no grande número.

Sábios eminentes, embora da antiga escola metapsíquica, observaram a Sra. PIPER. Especial valor deve conceder-se ao testemunho do Dr. HODGSON⁽¹¹⁾, da “Society for Psychical Research” que, como se sabe, foi um dos que desmascararam as fraudes de BLAVATSKI, fundadora do Teosofismo. HISLOP, W. James, RICHET, etc., usaram também o controle possível naquela época. Outros muitos metapsíquicos analisaram as atas das experiências realizadas com a Sra. PIPER, ficando todos convencidos das suas qualidades parapsicológicas⁽¹²⁾.

O Sr. Vernon BRIGG, que tinha estado em Honolulu, interrogou a Sra. PIPER a respeito de KALUA, juvenzinho indígena que ele tinha trazido consigo à América. PIPER responde com estas palavras na língua original das ilhas Kawai: “Aloka” (saudações) e “Lei” (grinalda de flores). Esta xenoglossia “paucis verbis” tem o detalhe característico de revelar a notória afeição do pequeno KALUA pela confecção de grinaldas de flores. O Sr. BRIGG pergunta também em

(9) RICHET, Charles: “Traité de Métapsychique”, 2.^a ed., Paris, Alcan, 1923, pág. 166.

(10) RICHET, Charles, o. c., pág. 175.

(11) JAMES, William, e HODGSON, Richard, coleção e tradução por SUDRE, René: “Études et réflexions d'un psychiste”, Paris, Payot, 1924, pág. 43.

(12) SIDGWICK, Sra. de, resume maravilhosamente e põe excelente bibliografia sobre todas as experiências feitas com a Sra. PIPER, em “Proceedings of the Society for Psychical Research”, XXVIII, 1915, parte 71.

que ilha morou o pequeno KALUA. A Sra. PIPER responde: "Tawai"; automaticamente, porém, escreve "Kawai": os indígenas pronunciam "Tawai", mas se escreve "Kawai" (13).

Fenômeno claramente classificável como telepatia (ou hiperestesia) sobre o inconsciente excitado. Essas palavras e esses dados estavam no inconsciente de BRIGG relacionadas com KALUA, por quem perguntou.

A Sra. BLODGETT interroga a Sra. PIPER a respeito de Hannah WILD, falecida há dez anos, irmã da Sra. BLODGETT, a consulente. Ora, Hannah WILD tinha deixado entre seus papéis uma carta que ninguém tinha lido. Nada, absolutamente nada do conteúdo desta carta foi manifestado pela médium, apesar de ser interrogada a respeito. Em compensação, inúmeras lembranças da Sra. BLODGETT a respeito da irmã falecida foram ditas pela médium com notável precisão (14).

Como se vê, não conseguiu desvendar mais do que estava no inconsciente da pessoa viva. O que só a morta conhecia, permaneceu desconhecido, embora a médium em transe assegurasse que era a mesma morta quem falava. Ou mais exatamente: Como de todos é sabido, o espírito de PHINUIT, "espírito-guia", muitas vezes comunicaria servindo-se do corpo de PIPER (!?), as mensagens que outro espírito lhe comunicaria a ele. Neste caso, o "outro espírito" seria o de Hannah WILD por quem se perguntara à médium. Claro está que, por outros fenômenos paranormais (PC, precognição telepática de quando abriam o envelope, etc.), se poderia averiguar o conteúdo da carta; a Sra. PIPER, porém, estava especializada em telepatia ou hiperestesia sobre o inconsciente excitado, não em outros fenômenos. As especializações entre sensitivos e metagnomos são freqüentes.

(13) HISLOP, J. H.: "Science and a Future Life", Borton, 1905, pág. 179.

(14) SAGE, M.: "Madame Piper et la Société anglo-américaine pour les recherches psychiques", 4.^a ed., Paris Leymarie, 1902. Quem não puder consultar os relatórios originais das experiências com a Sra. PIPER, encontrará nesta obra, de fácil leitura, um bom resumo e bastante completo.

A Sra. PIPER dá geralmente dados a propósito de lembranças antigas da pessoa que a consulta. Frequentemente são necessárias longas averiguações para compreender que tais dados foram tirados do inconsciente pantomnésico do consulente:

O Dr. HISLOP, por exemplo, pede dados sobre seu pai. A Sra. PIPER diz onde seu pai tinha deixado seus óculos ao morrer, fala dum boné de ponto, dum canivete de cabo escuro com o qual o pai tinha o costume de limpar as unhas, menciona diversos bastões que ele possuía: um bastão com um anel, outro com um inseto dourado (uma figura de escaravelho), mais um outro com o cabo curvado até que quebrou. Da maior parte destes detalhes o Dr. HISLOP não se lembrava (15).

Mas, sem dúvida, que os conheceu, tendo assistido à morte do seu pai (teve por conseguinte que ver onde ele tinha deixado os óculos antes de morrer), e sendo os outros detalhes tão característicos e habituais no proceder paterno. HISLOP não se lembrava conscientemente, mas evidentemente tudo aquilo tinha que estar no inconsciente por pantomnésia.

LODGE, que também experimentou com PIPER, reconheceu (antes de que o rude golpe não superado da morte de seu filho lhe debilitasse o senso crítico e o fizesse aderir à teoria espírita) que, evidentemente, os conhecimentos extraordinários obtidos por PIPER em estado de transe, são, geralmente, do conhecimento de alguma pessoa presente à sessão, embora, não raro, já completamente esquecidos. Isto é tão certo que, às vezes foi muito difícil obter a confirmação posterior de que aqueles fatos tinham sido alguma vez conhecidos por aquela pessoa.

As experiências de LODGE foram engenhosas, *enviando* às vezes a PIPER pessoas sob falsos nomes. Essas experiências vêm mais uma vez confirmar que a Sra. PIPER, na realidade, era hiperestésica (hiperestesia indireta sobre

(15) MANGIN, Marcel: "La vie après la mort", em "Annales des Sciences Psychiques", XII, 1902, págs. 218 ss.

o inconsciente excitado), pois os conhecimentos que manifestava eram os que estavam no inconsciente das pessoas *presentes* e não das ausentes, como poderia ter acontecido se ela fôsse paranormal e não só hiperestésica. A mesma frequência, aliás, do fenômeno está a indicar que era só hiperestesia e não PSI-GAMMA.

Eis um caso dos dirigidos por LODGE, entre muitos que nos refere num de seus livros ⁽¹⁶⁾.

Um médico de Liverpool foi apresentado, sob o nome de Dr. JONES. A Sra. PIPER, sem mais dados, lhe fala duma de suas filhas, chamada DAISY. Diz que "ela é encantadora, mas está doente. Com a menina há uma mulher chamada KATE que o senhor chama de KITTY". Na realidade, DAISY não estava doente, era surda. KATE era a aia dos filhos do doutor, e este, de fato, costumava chamá-la KITTY.

Hiperestesia sôbre a contínua preocupação subconsciente dum pai que tem uma filhinha encantadora, que é surda, assistida por uma aia dedicada, à qual o doutor está muito agradecido.

ANÁLISE DE PIPER — Da Sra. PIPER deveremos falar muito amplamente em outro volume. Agora bastam algumas indicações. A mesma Sra. PIPER, vendo as experiências que com ela se faziam, refletiu e declarou: "eu não disse jamais nada, durante o meu estado hipnótico, que não pudesse estar latente na minha memória ou na memória da pessoa que se aproximava de mim com a intenção de comunicar-se com o além, ou então na memória de algum dos assistentes; enfim, na memória de alguma pessoa viva em alguma parte do mundo". E, durante a reação que estas palavras suscitaram, a Sra. PIPER insiste: "não acredito que os espíritos dos mortos falem por meu intermédio, quando estou em estado de tran-

(16) LODGE, Sir Oliver: "La Survivance humaine", Paris, Alcan, 1912.

se... A telepatia me parece mais plausível e a mais justa solução do problema” (17).

Como já indicamos, uma grande parte, a quase totalidade ou talvez todos os fenômenos de conhecimento realizados pela Sra. PIPER, devem ser classificados como de hiperestesia indireta sobre o inconsciente excitado, com exclusão de outros fenômenos parapsicológicos.

Ela mesma, como vimos, auto-analisando-se, afirma que tudo quanto percebe está na memória inconsciente de alguém. Esse alguém, salvo casos difíceis de comprovar, sempre é alguma pessoa *presente*.

Durante anos se mostra dotada para descrever fatos ou dados sobre a vida e caráter das pessoas que lhe apresentam, ainda que antes nunca tivesse visto essas pessoas. Mas, submetida a êstes que seriam PC, ou TIE (sobre pessoas *ausentes*), ou precognição, fracassa com absoluta regularidade durante todos os anos que foi controlada pelos metapsíquicos: jamais, por exemplo, soube averiguar o conteúdo de um envelope, se a pessoa que o escrevera estava ausente.

Nada paranormal em Eleonora PIPER, embora no inconsciente dos consulentes ela captasse às vezes dados que o consulente tinha captado paranormalmente, mas inconscientemente: tratar-se-ia neste caso do que chamamos percepção “a três”, sendo telepatia entre o consulente e a terceira pessoa ou coisa, e só hiperestesia entre o consulente e Eleonora PIPER.

Devemos ressaltar estas considerações porque as julgamos de importância para a reta inteligência da maioria dos metagnomos: na quase totalidade das adivinhações de médiuns, adivinhos profissionais, radiestesistas, quiromantes, enfim de todas as pessoas que se dedicam à “adivinhação”, trata-se por parte delas de simples *hiperestesia* indireta sô-

(17) Estas declarações, assim como toda classe de referências a respeito das mesmas, foram publicadas por VESME, C. de, em “Revue des Études Psychiques”, 1901, novembro, págs. 354 ss.

bre o inconsciente excitado dos consulentes, adivinhando nos consulentes o que êles inconscientemente conhecem por meios normais, extraordinários ou paranormais. O conhecimento paranormal e inconsciente nestes últimos casos dá-se só no consulente, só para êle tal conhecimento é emotivo.

Esta reta compreensão do fenômeno da telepatia (ou hiperestesia) “a três” é muito importante também para a compreensão do fator “existencial” que várias vêzes temos assinalado como importante em PG.

Desta maneira se explica também a regularidade, maior ou menor, de tais adivinhações: ordinariamente não é PG no “adivinho” e sim somente *hiperestesia* indireta sôbre o inconsciente excitado. A *atuação só inconsciente* de PG pode ser regular e constante, mas não a *manifestação*. A *manifestação* da hiperestesia é que pode ser “regular” em determinadas pessoas.

ANÁLISE INTERNA DA TIE — Incluimos na TIE tanto o fenômeno paranormal como o hiperestésico.

Por razões de método, a análise dos aspectos mais profundos, das últimas causas dos fenômenos parapsicológicos, deixamo-la para quando falemos das teorias em outro tomo. Por ora, faremos apenas algumas considerações a respeito dos aspectos mais superficiais que intervêm na classificação prática TIE, tal como se pode deduzir do estudo das causas espontâneas.

O fenômeno evidentemente está ligado, em muitíssimas ocasiões, com a pantomnéia. Os dados que se arquivam no inconsciente são excitados por diversas causas, e esta excitação possibilita que sejam captados pelo metagnomo ou sensitivo.

Uma das mais freqüentes causas de excitação do inconsciente é a associação de idéias. A maioria dos casos que citamos podem servir de exemplo para confirmá-lo. Trata-se de averiguar uma coisa e na realidade se averigua outra que

está inconscientemente associada a ela. A idéia consciente excita a idéia inconsciente à qual está associada.

Dentro da associação de idéias, no mais amplo sentido da mesma, devemos dar importância, para a excitação inconsciente, à emotividade. Isso porque devemos ter em conta, em primeiro lugar, que a associação de idéias é de muito mais alcance do que pode parecer. O nosso psiquismo, é indivisível, "uno", com uma unidade perfeita, simples, sem partes. É lógico até à evidência, portanto, que qualquer atuação do psiquismo, é de todo o psiquismo, qualquer idéia consciente, está pois indissolúvelmente unida, radicalmente, a todas as outras idéias arquivadas no inconsciente. Cada ato particular do psiquismo está unido a todo o psiquismo.

Mas ainda, cada ato particular do psiquismo está unido a todo o homem psíquico e físico pois a união entre alma e corpo não é como de compartimentos isolados, mas substancial, na expressão dos filósofos, isto é, formando uma unidade perfeita, inseparada. Estas verdades da Psicologia Racional, filosófica, têm sido recentemente confirmadas também empiricamente pela Psicologia Experimental e a Fisiologia como já vimos ao falarmos da hiperestesia no capítulo 6. Assim, por exemplo, CHAUCHARD escreve: "quando atendemos a um signo sensorial de certa natureza, quando a nossa atenção se dirige para determinado movimento, não somente o fazemos com a nossa consciência, mas também *com todo nosso inconsciente*. Além da imagem consciente do corpo está a representação cortical inconsciente de *todo o organismo*; a lembrança que se fixará no instante presente não o fará unicamente na organização cortical do campo consciente, mas em toda a crosta inconsciente, constituindo um certo equilíbrio de todo o organismo. A lembrança surgirá depois, tanto por reflexos condicionados inconscientes, como pelos reflexos conscientes. Assim, o cérebro humano dirige não somente o comportamento exterior e o psiquismo, mas também dirige o equilíbrio orgâ-

nico" (mais exato seria dizer que o cérebro é *dirigido* pelo psiquismo, ou ao menos que atuam conjuntamente o cérebro como parte secundária sendo o psiquismo a parte principal dêsse conjunto).

"E inversamente, sem que o conheça a consciência, o visceral está presente no centro do psíquico e o psíquico no centro do visceral, através de inumeráveis relações víscero-corticais e córtico-viscerais" (18). (Os grifos e o parêntese são nossos).

Pois bem, suposta esta união, podemos dizer que todo ato de consciência excita tôdas as outras idéias que a pessoa possui no inconsciente. Na seleção para a manifestação por TIE, são fatores principais a conexão e a emotividade; isto quer dizer que aquelas idéias que estão mais vinculadas, mais estreitamente associadas, ou que são mais emotivas, "vivas", serão as que nesse momento ficam mais excitadas ou como que iluminadas no inconsciente, de modo que possam ser percebidas por TIE ou HIE).

Já vimos que, segundo o Dr. CALLIGARIS (que tem a simpatia de muitos autores, em várias teorias e especialmente nesta) tudo o que acontece na nossa terra, tudo o que é humano ou tem relação com os homens, está sendo continuamente captado por nosso inconsciente e pode ser refletido na pele (e, como que por ressonância, repercutir na pele de outra pessoa presente). Em cada caso poderão manifestar-se aqueles dados que, por associação ou emotividade, sejam mais excitados.

As vêzes, a excitação se deverá simplesmente a alguma percepção emotiva recente. Quem inconscientemente acaba de inteirar-se de que, por exemplo, a centenas de quilôme-

(18) CHAUCHARD, Paul: "La Médecine psychosomatique", Coleção "Que sais-je?". Paris, Presses Universitaires de France, 1958 (1.^a ed. 1955). Nós citamos da tradução espanhola por NOVICK. Ernesto José: "La medicina psicosomática", Buenos Aires, Paidós, 1960, pág. 45.

tros de distância, está ardendo uma propriedade sua, evidentemente sofre uma excitação inconsciente, excitação que possibilita a um bom "dotado" a atuação da TIE (ou HIE) "a três".

A importância, aliás lógica, de ambos os fatores, associação e emotividade, além da maior frequência da TIE (ou HIE), já a suspeitou FREUD. No seu livro "New Introductory Lectures on Psychoanalysis" ⁽¹⁹⁾, depois de analisar todos os casos chegados a seu conhecimento, conclui que as idéias que provavelmente assumem atividade telepática na mente do agente, são, ou as idéias pré-conscientes por associação (isto é, as que, por razão da sua ligação com as idéias que nesse momento ocupam o consciente, estão "perto" do consciente), ou as idéias inconscientes afetivamente carregadas, pensamentos ou complexos reprimidos e disfarçados no inconsciente, precisamente por sua forte carga afetiva. FREUD, porém, exagera pensando que só há adivinhação sobre o inconsciente.

De que maneira passará a idéia excitada do agente ao percipiente? Como já temos afirmado, a maior parte das vezes o "consulente" está em presença do sensitivo. A excitação do inconsciente tem sua repercussão fisiológica externa, e é através desta repercussão fisiológica que o sensitivo capta, por hiperestesia indireta o pensamento inconsciente, do mesmo modo (certamente bastante "misterioso" e complexo) como explicávamos ao tratar da hiperestesia indireta do pensamento consciente (capítulos 5 e especialmente 6, 7 e 8).

Outras vezes, mais raras, a percepção de parte do metagnomo será paranormal, extra-sensorial, espiritual e pode também ter sido paranormalmente recebida pelo incons-

(19) FREUD, S.: "New Introductory Lectures on Psychoanalysis", Londres, Hogart Press. Tradução espanhola: "Nuevas aportaciones al psicoanálisis", Madrid Biblioteca Nueva, 1948.

ciente do consulente a notícia que vai ser revelada. Como se dá esta percepção extra-sensorial é assunto que deixamos, como dissemos, para quando falemos das teorias explicatórias de PG em geral.

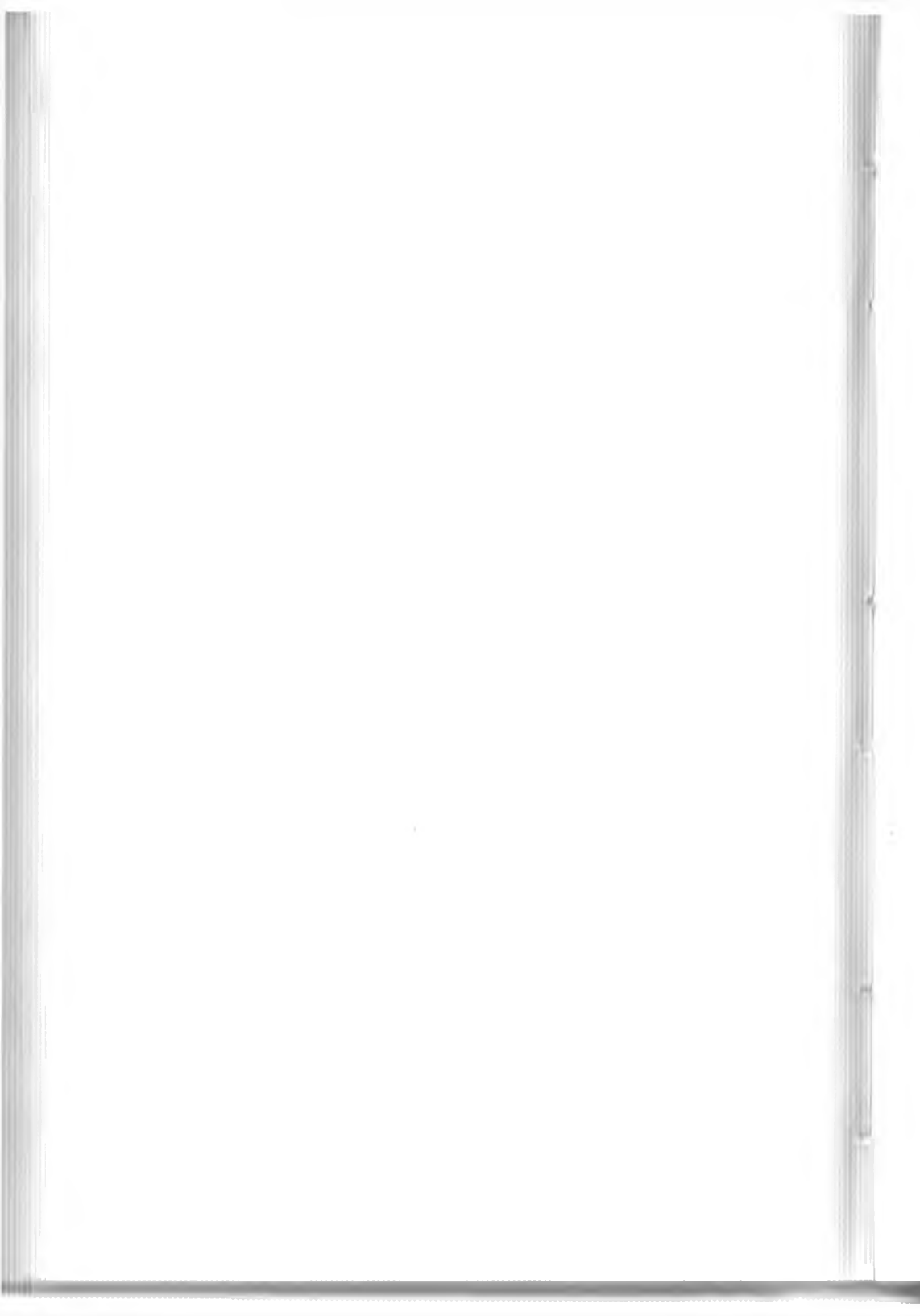
Da observação e análise dos casos espontâneos pode-se deduzir, portanto, que:

“Adivinhar” as idéias excitadas no inconsciente de outra pessoa é mais fácil e freqüente do que adivinhar as idéias conscientes.

A excitação no inconsciente pode dever-se a associação de idéias, emotividade, percepção inconsciente mesmo paranormal, etc.

A captação por parte do percipiente pode ser paranormal, embora freqüentemente seja só hiperestesia indireta do pensamento. Sendo, porém, o aspecto externo do fenômeno idêntico, ambos os tipos de captação são reunidos por nós na classificação TIE (ou HIE) “Telepatia (ou Hiperestesia) sobre o Inconsciente Excitado”.

A TIE freqüentemente é “a três” ou em “L” isto é, quando se capta numa pessoa o que esta pessoa captou em outra ou na realidade física.



TIE experimental

A PARAPSIKOLOGIA DESVENDA O MISTÉRIO

O fracasso dos metapsíquicos foi um completo êxito. — Um jesuíta revela e re-produz o “misterioso prodígio”. — As angústias de um cirurgião. — Experiências no Rio de Janeiro.

OS metapsíquicos não suspeitaram a freqüência da telepatia sôbre o *inconsciente* excitado (TIE). Dizíamos que êste tipo de telepatia parece mais fácil e freqüente do que a adivinhação ou transmissão do pensamento *consciente*. Analisando as séries de experiências de transmissão de pensamento com bons sujeitos, encontramos muitas, julgadas pelos metapsíquicos como fracassos, que, na realidade, demonstram a telepatia sôbre o *inconsciente* excitado.

No “Journal of Society for Psychical Research”, por exemplo, refere-se a seguinte experiência: O transmissor pensa no nome “Maria”, a pessoa que lhe escreveu uma carta recebida naquela manhã. O peripiente, porém, escreve “João”. A prova é considerada como fracasso. Ora, poucas linhas mais abaixo o experimentador conta, sem que saiba tirar partido do fato, que naquela manhã tinha recebido duas cartas, uma de Maria e outra de João.

A experiência, pois, não foi fracasso. O nome "Maria", uma das pessoas de quem tinha recebido a carta naquela manhã, excitou no inconsciente por associação de idéias o nome da outra pessoa de quem também tinha recebido carta naquela manhã. Não se captou o consciente, mas só o inconsciente "iluminado" por associação de idéias. É mais fácil.

O Pe. HEREDIA tratou um dia de fazer uma experiência de transmissão do pensamento (consciente). Tratava-se de transmitir o nome da marca de cigarros que naquele momento estava a fumar. Com toda intensidade consciente pensava: "Restina, Restina...". O percipiente escreve automaticamente: "La", nada mais. O padre pensou que a experiência tivesse falhado. Mas ao voltar para casa e ao tomar outro cigarro para fumar, nota com surpresa que o nome completo da marca era "*La Restina*" (1).

O percipiente não captou o consciente, "Restina", mas somente "La". O artigo o padre tinha esquecido, mas estava associado no inconsciente ao substantivo.

Da menina ILGA K. de Trapene (Lituânia), retardada mental, já vimos em outro capítulo que era uma magnífica sensitiva, averiguando hiperestêticamente muitas coisas que na sua presença pensava a mãe. Foi publicado um livro com as experiências que com ela realizaram professores de Medicina (2).

O Dr. NEUREITER tomou o lugar da mãe. Com grande concentração começou a ler *mentalmente* um trecho dum poema. A menina ILGA, porém, não descobriu nada. Mas acontece que o Dr. NEUREITER, enquanto se esforçava por transmitir as palavras do poema, observou, de passagem, uma palavra, que filologicamente o intrigou. Pois bem esta palavra, na qual o doutor reparou como entre parênteses, foi precisamente a única que a menina captou.

(1) HEREDIA, S. J., Carlos Maria: "Los Fraudes Espíritas y los Fenómenos Metapsíquicos", 5.^a ed., Montevideu, Mosca, 1945, pág. 357. Existe tradução portuguesa: "As fraudes espíritas e os fenômenos metapsíquicos", Petrópolis (RJ), Vozes, 1958.

(2) NEUREITER, Ferdinand von: "Wissen um fremdes Wissen auf unbekanntem Wege erworben", Gotha, 1935.

Fracasso na hiperestesia ou transmissão do consciente; êxito, porém, na hiperestesia sobre o inconsciente excitado, fenômeno mais fácil.

O Dr. KLEINBERGER escondeu um objeto sob uma almofada. Quando chegou a menina, tratou de transmitir-lhe o lugar preciso onde se achava o objeto. ILGA disse: "O relógio está debaixo da almofada", mas como havia várias na sala, foi levantado uma almofada após a outra até encontrar o relógio.

Não tinha, pois, captado o pensamento consciente (o lugar preciso onde estava escondido o objeto) mas captou a idéia primitiva que já se não pensava: "escondamos o relógio sob uma almofada", isto é, captou a idéia excitada no inconsciente.

TIE E TRANSMISSÃO DE PENSAMENTO.

Em 10 de outubro de 1928, WARCOLLIER e BESTERMANN experimentam com a metagnoma senhora K., que antes nunca tinham visto. Tratava-se de que ela descobrisse o nome da espôsa de René WARCOLLIER: Germaine. A metagnoma fita os olhos de WARCOLLIER e escreve primeiro C, depois K, por fim se corrige e escreve certa a primeira letra do nome da espôsa, G, mas não consegue continuar.

A senhora K. diz que WARCOLLIER não serve para transmissor de pensamento, que prefere tentar com BESTERMANN. Fazem então sair da sala a metagnoma e, então, WARCOLLIER diz muito baixinho a BESTERMANN o nome da espôsa, Germaine. Entra a metagnoma e fita os olhos de BESTERMANN. Após uns instantes escreve: "Genriette". Foi grande a surpresa dos experimentadores: A primeira letra G e talvez a segunda correspondiam ao nome Germaine da espôsa de WARCOLLIER, mas o curioso é que as outras letras, NRIETTE, correspondiam ao nome da espôsa de BESTERMANN, nome no qual ninguém pensava então (3).

Os experimentadores viram que tinha acontecido alguma coisa "rara" dentro do âmbito da telepatia. O que na realidade sucedeu foi uma mistura de TIE (ou HIE),

(3) WARCOLLIER, René: "Théorie du polypsychisme", em "La Métapsychique", Paris, "Institut Métapsychique International", número extraordinário de 1940-1946, págs. 54 ss.

experiência que não se intentava fazer mas que, sendo mais fácil, surgiu espontaneamente, com um pouquinho de transmissão do pensamento consciente, experiência que se tratava fazer e para a qual a metagnoma se esforçava. Evidentemente, BESTERMANN, ao pensar no nome da esposa de WARCOLLIER, excitou no seu inconsciente o nome da sua própria esposa: Henriette.

A VERDADEIRA EXPLICAÇÃO DUMA EXPERIÊNCIA DISCUTIDA — A *telepatia* sobre o inconsciente excitado, como todo fenómeno PG, evidentemente prescinde da distância. Assim hoje podemos explicar perfeitamente o caso, tão discutido nos começos do século, da grande metagnoma Anna BRIOU. Estavam em pleno apogeu as experiências de criptoscopia (com as quais queriam demonstrar a visão, autêntica visão, através dos corpos opacos). Os sábios andavam à procura de uma prova crucial desta qualidade, na qual acreditavam. Não diferenciavam bem os campos, e estavam sendo enganados por outros fenómenos que nada tinham a ver com a visão através dos corpos opacos.

Em 1897, o Dr. FERROUL falou ao Dr. GRASSET de Anna BRIOU, como uma metagnoma das mais dotadas. O Dr. GRASSET decidiu comprovar por si mesmo aquêles elogios.

Escreve o mesmo Dr. GRASSET: "Quando voltei de Narbonne a Montpellier não tinha dito nada de minhas intenções ao Dr. FERROUL, que ficava em Narbonne com o sujeito. Escrevi numa fôlha as seguintes palavras: *Le ciel profond reflète en étoiles nos larmes car nous pleurons ce soir de nous sentir trop vivre*. Aqui uma palavra russa, uma palavra alemã, uma palavra grega. Depois, Montpellier, 28 octobrer 1897. O papel, dobrado em dois (o escrito ficava na parte inferior), foi completamente envolto numa fôlha de papel de estanho dobrado nas bordas. O conjunto foi metido num envelope comum, de luto (tarjado), e depois de fechado o envelope, ainda passei (pela parte gomada) um alfinete que, penetrando em parte no envelope, saía de nôvo, formando assim uma fechadura. Cobri as pontas que saíam do alfinete com um amplo selo de cêra prêta sobre a qual pus,

como carimbo, o escudo da família (carimbo pessoal)... Este envelope fechado, juntamente com uma carta, foi pôsto noutro envelope maior, e enviado tudo pelo correio ao Dr. FERROUL, em Narbonne". Os parênteses são nossos.

Dois dias mais tarde o Dr. GRASSET recebe carta do Dr. FERROUL, na qual lhe comunica como tinha lido a carta a êle dirigida sem abrir o envelope prêto pequeno que se incluía para a experiência. Quando o Dr. FERROUL foi procurar o extraordinário sujeito, Anna BRIOU, para convidá-la a fazer a experiência às quatro horas, a mulher disse que não precisava estar em presença do envelope, que podia ler através dos corpos opacos a muita distância. Ora, "o domicílio dessa mulher — escreve o Dr. FERROUL — estava distante do meu trezentos metros, no mínimo... Apoiados os dois sôbre a borda da mesa passei minha mão perto dos olhos do sujeito (um tipo de pragmática) e eis que êle me disse:

— Você abriu o envelope.

— Sim, mas a carta que você tem que ler está embaixo dêsse envelope, noutro envelope fechado.

— Aquêlê de bordas prêtas?

— Sim, lê".

Até aqui tudo pode ser simplesmente, por parte de Anna, hiperestesia indireta do pensamento do Dr. FERROUL. Mas Anna Briou acrescentou:

— "Há um papel de estanho... Eis o que está escrito: Le ciel profond reflète en étoiles nos larmes car nous pleurons le (em vez de "ce") soir de nous sentir (omite "trop") vivre. Depois há letras assim... Ela me mostra a ponta do dedo, um centímetro pouco mais ou menos: D. E. K... Depois um nome que não sei, em letras menores... Depois: Montpellier, 28 octobre 1897.

Eis, querido mestre — termina o Dr. FERROUL — o relatório da experiência... Durou, quando muito, um minuto e meio. Incluo na carta seu envelope. Dr. FERROUL". Os parênteses são nossos.

O Dr. GRASSET comenta: "Compreender-se-á minha admiração. O envelope fechado volta intato... O êxito é completo. Creio que existe a leitura (ou visão) através dos corpos opacos, e inclusive à distância..." (4).

(4) GRASSET, J.: "Une expérience de lecture à travers les corps opaques", em "Semaine Medicale", Dezembro, 1891, N.º 56,

Essa experiência não fundamenta a conclusão do Dr. GRASSET entendida ao pé da letra, como se tratasse de visão autêntica, criptoscopia fisiológica; trata-se de TIE, como veremos logo mais.

Dois meses mais tarde, em dezembro de 1897, a Academia de Ciências e Letras de Montpellier nomeou uma comissão científica para estudar o caso de Anna BRIOU.

A experiência foi dupla: num envelope, colocou-se, em plena escuridão, um papel escolhido ao acaso entre vários, com diversas palavras sem conexão nenhuma. Outro papel com uma frase, escolhido também ao acaso entre vários similares, é pôsto numa caixa, juntamente com uma laca fotográfica, que delataria a fraude se a caixa fôsse aberta. Aliás, a caixa estava selada. Os experimentadores não sabiam o conteúdo nem do envelope nem da caixa. Não deveriam além disso deixá-la em nenhum momento. Eles mesmos a levariam a Narbonne.

No primeiro caso, Anna não forneceu senão indicações julgadas absolutamente erradas. No segundo caso, ela conseguiu indicar mais exatamente algo do conteúdo da caixa, embora de uma maneira incompleta. Mas a caixa foi por diversas circunstâncias abandonada pelos experimentadores sem vigilância. Quando depois da experiência foi examinada pelos membros da comissão comprovaram-se traços evidentes da fraude: selamentos rasgados e recompostos, placa fotográfica impressionada pela luz (5).

Nas polêmicas, por ocasião do caso Anna BRIOU, a comissão científica nega que a visão através dos corpos opacos tenha sido realizada alguma vez em Anna BRIOU. O Dr. DARIEX defende como provável algum tipo de telepatia na experiência dos Drs. GRASSET-FERROUL (6). O Pe. Dr. Lucien ROURE nega no sujeito tanto a criptoscopia como a telepatia. Baseia-se em que, se a telepatia ou

págs. 443 ss.; "A. S. P.", 1896, págs. 196 ss.; 1897, págs. 326 ss.; "Revue Spirite", Janeiro, 1898.

(5) Bureau de Semaine Medicale: "Rapport de la Commission de l'Académie des Sciences et Lettres de Montpellier sur la vue à travers les corps opaques", Paris, 1898.

(6) DARIEX, em "Annales des Sciences Psychiques", Janeiro, 1898.

a criptoscopia existissem em Anna BRIOU, ela não teria falhado, nem recorrido ao truque nas experiências com a comissão científica (7).

Hoje, penso que se pode esclarecer muito este discutido caso. Evidentemente, não se trata de criptoscopia, autêntica visão retiniana, através duma caixa fechada, ou de um envelope protegido com papel de estanho e apesar dos diversos obstáculos interpostos ou a 300 metros de distância. Nada provou tal visão, como já sabemos. A consequência, pois, tirada pelo Dr. GRASSET, não tem fundamento real.

Mas nenhuma crítica se fêz, nem se pode fazer diretamente, contra a experiência mesma dos Drs. GRASSET e FERROUL. Que demonstra essa experiência magnífica? quando Anna BRIOU revelou, à distância, o que estava escrito dentro do envelope do Dr. GRASSET, não leu o escrito por criptoscopia mas o inconsciente do Dr. GRASSET. "Inconsciente" porque, evidentemente, o Dr. GRASSET, ignorando o momento da experiência, estava ocupado em outras atividades: de nenhuma maneira estava ele pensando em transmitir, pois ele mesmo esperava uma experiência de criptoscopia e não de telepatia. Mas o inconsciente estaria "em vigília", esperando o resultado da prova. A telepatia sobre o inconsciente excitado prescinde da distância, podia pois muito bem realizar-se à distância de Narbonne até Montpellier.

Sendo, por outra parte, todo fenômeno PSI-GAMMA irregular, inconsciente, incontrollável, é lógico que algumas vezes tivesse êxito Anna BRIOU e outras não. Mas todo bom metagnomo é impulsionado à fraude, quando o fenômeno "não sai", fraude inconsciente ou irresponsável: naquelas condições por não poder agir a TIE, na que estava especializada, é lógico que não tendo êxito perante a Comissão

(7) ROURE, S. J., Lucien: "Le merveilleux spirite", 7.^a ed., Paris, Beauchense, 1931, pág. 173.

Científica nas provas decisivas Anna BRIOU se visse impulsionada convulsivamente ao truque. Todo metagnomo pode ser um magnífico modelo de honestidade na sua vida privada, e não obstante será com freqüência um falsário quando em "transe".

O caso Anna BRIOU, por conseguinte, tão discutido no comêço do século, é hoje abertamente uma experiência a mais em prol da telepatia sôbre o inconsciente excitado, de TIE a longa distância. A experiência dos Drs. GRASSET e FERROUL estava perfeitamente controlada. E assim outras com a mesma metagnoma.

OUTROS PSEUDO-FRACASSOS — Por exemplo, as experiências realizadas com a colaboração da Srta. Clarissa MILES, pela Dra. RAMSDEN. A mesma doutôra era a percipiente.

Concentra-se a Srta. MILES na frase a "vida futura e tôdas as coisas espirituais". A Dra. RAMSDEN capta preferentemente símbolos de espiritualidade ou coisas relacionadas de tôda ordem: "uma calêndula, um cisne, um símbolo maçônico os três triângulos entrelaçados, um par de asas de anjos uma ponte uma flor de lis...".

Não se capta a idéia que a agente tem no consciente, mas as idéias que no inconsciente estão associadas com a idéia de coisas espirituais e vida futura.

Noutra prova a Srta. MILES pensa num relógio. A Dra. RAMSDEN crê ver um medalhão. Comprovou-se que na experiência anterior, procurara-se transmitir a idéia de um medalhão.

Houve uma associação inconsciente? O intento de transmitir "relógio" como que iluminou a outra idéia a transmitir, o medalhão, idéia que repousava no inconsciente.

Trata-se de transmitir "um raio de sol sôbre o oratório". A Dra. RAMSDEN descreve: "Lá está o sol com seus raios. No meio dêles aparece uma coisa que dá voltas... como uma roda. Duas coisas que parecem fundir-se numa, vejo como um moinho de vento... sôbre uma colina onde se faz sombra e o vento sopra com fôrça. Há nuvens escuras. Agora chega a crucifixão. Vejo as três cruzes à

esquerda da colina, a cruz central está inclinada para a direita fazendo sombra. Vento e tempestade. Estou segura de que é isto... Enxergo com pouca nitidez, são idéias vagas mas a impressão que sinto é muito forte" (8).

Como se vê é lógico que fôssem excitadas no inconsciente da agente as cenas do Calvário pela idéia consciente do oratório e do crucifixo nêle existente. O raio de luz que bate no oratório é lógico que se associe no inconsciente com o sol. Mais ainda: depois da experiência se comprovou que, embora não pensasse nela, durante a experiência a agente via no horizonte uma ventoinha girando. Sol, cenas do Calvário, ventoinha girando... são evidentemente idéias vivas no inconsciente da agente ao tempo em que o consciente pensava no raio de luz batendo no oratório. A percipiente captou só o inconsciente. Uma experiência considerada como fracasso, era na realidade um êxito notável em prol da telepatia sôbre o inconsciente excitado.

Noutro dia, concretamente a 27 de outubro, das 4 até às 6 horas da tarde, a Srta. MILES procura pensar o mais continuamente possível nos óculos estranhos que leva um senhor sentado ao lado. Uma hora mais tarde, quando a Srta. MILES está tratando de transmitir outra coisa, a Dra. RAMSDEN capta então a imagem dos estranhos óculos (9).

Uma vez mais não é captada a idéia consciente, mas a idéia que uma hora antes se tratava de transmitir e que agora repousa no inconsciente excitado pela tentativa de transmitir.

Como se vê, em tôdas estas experiências como em outras muitas tidas como fracassos, há na realidade um notável êxito a respeito do fenômeno psigâmico que chamamos TIE.

(8) RAMSDEN, Hernine, em "Annales des Sciences Psychiques", 1906, págs. 272 ss.

(9) RAMSDEN, H., em "Annales des Sciences Psychiques", 1906, págs. 656 ss.

ORIGEM DA EXPERIMENTAÇÃO DIRETA — O Pe. HEREDIA instituiu uma série de experiências qualitativas muito significativas. O sábio jesuíta espanhol (residia no México), dedicou quase toda a vida ao estudo, observação, discussão e experimentação dos fenômenos de aparência paranormal. Em 1922, publicou nos E.U.A., os primeiros resultados das suas investigações⁽¹⁰⁾. “Depois, redobramos os nossos estudos — escreve ele mesmo — consultamos inúmeros autores, e tratamos a matéria (da telepatia sobre o inconsciente excitado, segundo nossa nomenclatura) com as pessoas que nos E.U.A., se têm dedicado com mais empenho ao estudo dos fenômenos metapsíquicos, completando as nossas investigações com repetidas experiências, a nosso juízo bastante satisfatórias”⁽¹¹⁾. HEREDIA descobriu e empregou um sistema de provocar experiências, concretamente do fenômeno que agora estudamos de telepatia (ou hiperestesia) sobre o inconsciente excitado. O Pe. HEREDIA deve figurar entre os pioneiros da investigação parapsicológica, especialmente no campo da TIE (ou HIE)).

O Pe. HEREDIA tinha estudado experimentalmente a influência do olfato na memória: certos odores fortes causam freqüentemente amnésia; ao contrário, outros fortalecem a memória e, o que é mais interessante para os fins visados por HEREDIA, é notabilíssima a influência dos odores para reavivar lembranças esquecidas. Os odores têm também força toda especial para provocar associação de idéias.

Com esta base o Pe. HEREDIA pensou que produzindo um cheiro muito suave, capaz de ser percebido só hipersensivelmente ou em sensação inconsciente, poderia provocar

(10) HEREDIA, S. J., C. M.: “Spiritism and Common Sense”, 1922. Tradução portuguesa: “O Espiritismo e o Bom Senso”, Petrópolis (R.J.), Vozes, 1938.

(11) HEREDIA, S. J., Carlos Maria: “Los fraudes...”, o. c., pág. 324.

a associação de idéias só no inconsciente. Assim, ficaria facilitada a experimentação do que chamamos TIE (no caso, HIE).

A primeira experiência surgiu quase por casualidade. Foi em Boston. Um amigo, interessado pela Metapsíquica, pediu ao padre que lhe permitisse assistir a uma experiência de psicografia (escrita automática) que realizava com um notável sensitivo. Antes, porém, de ir ter com o sensitivo, foram jantar num restaurante. Terminada a janta, notando que lhes tinham servido um prato temperado com alho, foram a uma farmácia lavar a boca com "listerina". Só depois foram a casa do sensitivo para as experiências. O sensitivo, de inteira confiança, depois de uns escritos automáticos em inglês começou de repente a desenhar automaticamente: enquanto conversava com os assistentes, deixava ao inconsciente a mão esquerda que segurava o lápis.

Desenhou um grupo de mulheres... O amigo do Pe. HEREDIA ficou admiradíssimo! Aquêlê desenho tinha sido visto por êle alguma vez... Pediu, então, ao Pe. HEREDIA, que lhe permitisse levar consigo aquêlê desenho.

No dia seguinte, o amigo chegou emocionadíssimo, trazendo um livro, juntamente com o desenho automático. O desenho era uma exata reprodução duma vinheta do livro. "Veja, padre, êste livro conta a história do homem sem polegares das Mil e Uma Noites... Conta-se que o espôso da favorita da sultana ZOBEIDA assistiu a um grande banquete no qual serviram, entre outros pratos, um preparado com alho. Julgando-o saboroso, o recém-casado, comeu grande quantidade dêle e, ao terminar o banquete, esqueceu de lavar as mãos e enxugar a boca... Ao ter com a espôsa, esta, em vingança da falta de educação e do pouco asseio do seu mal-cheiroso marido, mandou que lhe cortassem os polegares depois de havê-lo açoitado pessoalmente. Este açoitamento é o que a gravura do livro e o desenho automático representam".

A explicação do fenômeno nos é fornecida pelo Pe. HEREDIA com as palavras do amigo: "Não se lembra que ontem à noite jantamos um guisado com alho e fomos depois fazer mochechos? Pois isto deve ter-me excitado na memória inconsciente essa história que eu tinha lido anos atrás, e

devo ter sido eu quem, inconscientemente, a transmiti por telepatia..." (12).

Tinha-se realizado, sem pretendê-lo diretamente, uma experiência sumamente interessante de TIE. (Repetimos: tôdas estas experiências de HEREDIA que neste capítulo descreveremos são mais exatamente hiperestesia indireta sobre o inconsciente excitado). O percipiente tinha captado inconscientemente a imagem da gravura no inconsciente do observador e tinha-a manifestado pelo desenho automático. A imagem estava tão funda no inconsciente do observador que só depois de um demorado processo mental durante o sono noturno conseguiu êle, no dia seguinte, lembrar onde tinha visto aquêle desenho e porque estava êle relacionado com o cheiro do alho.

Outra experiência também não pretendida diretamente, confirmou ao Pe. HEREDIA que andava na pista da "telepatia sobre o inconsciente excitado" (nomenclatura nossa). Foi muito tempo depois.

Tratava-se também de experiências de escrita automática. Entre vários escritos em inglês, veio um em espanhol: "El Aguila de Oro, Luis G. PÉREZ CANO". O Pe. HEREDIA ao ler o que se escrevera automaticamente, ficou pasmado.

"Havia na cidade do México, minha pátria, uma famosa casa de comestíveis chamada EL AGUILA DE ORO... O dono era Luis PÉREZ CANO... Eu conhecia bem esta casa porque, quando criança, ia lá com meu pai de oito em oito dias para comprar um barrilzinho de azeitonas de Sevilha... Ora, entre os assistentes à experiência não havia nenhum que tivesse estado no México, incapazes, pois, de conhecerem aquela antiga casa de comestíveis nem o seu falecido proprietário; também não havia, quem falasse espanhol, sendo todos norte-americanos. Forçosamente fui eu o transmissor; mas que impressão terei recebido que veio causar-me um desequilíbrio no inconsciente, excitando aquelas antigas imagens, já completamente esquecidas?...

Ao terminar as experiências, a dona da casa convidou-nos a passar à sala de jantar... Mal chegara à porta da sala de jantar quando a senhora disse: tem o senhor aqui azeitonas de Sevilha... Quisemos

(12) HEREDIA, S. J. C. M.: "Los Fraudes...", o. c., 334 ss.

fazer-lhe uma surpresa e meu espôso comprou SPANISH OLIVES num armazém espanhol em Perle Street (New York)... aqui estão. E mostrava um barrilzinho, em tudo parecido com os que, no seu armazém EL AGUILA DE ORO, vendia antigamente na cidade de México o Sr. Luis G. PEREZ CANO...”.

O mesmo HEREDIA explica: “O cheiro (normalmente) imperceptível (à distância em que estavam), mas perfeitamente característico das azeitonas de Sevilha (captado hipersteticamente pelo inconsciente) havia-me excitado na memória (inconsciente) aquela antiga lembrança e, por telepatia, eu a tinha transmitido ao perceptor que a tornou consciente por meio da escrita automática”⁽¹³⁾. Os parênteses são nossos.

A EXPERIMENTAÇÃO DIRETA — HEREDIA decidiu fazer experiências diretas do fenômeno. “Como se sabe, os diversos cigarros fabricados nos E.U.A., têm gosto especial (flavour) conforme a marca, o que é devido a diversas substâncias que são misturadas ao fumo com o intuito de que o consumidor, acostumando-se com o gosto especial, não compre outras marcas diferentes. Sabendo disto, ocorreu-nos fazer a seguinte experiência”.

“Compramos cinco maços de cigarros de marcas diferentes que antes nunca tínhamos fumado, e fumamos um a um em diversas ocasiões, repetindo ao mesmo tempo o nome da marca com o fito de que o gosto e o cheiro especial de cada cigarro ficassem na nossa memória associados ao nome da marca... Guardamos depois um cigarro de cada classe envolto em papéis iguais e numerados, anotando à parte o nome da marca correspondente ao número do envoltório de cada um.

Teriam passado uns três meses e já nos tínhamos esquecido dos cigarros, quando encontramos um sensitivo notável. Quisemos então realizar a experiência. Tomamos pois o cigarro com o número três no envoltório e começamos a fumá-lo, não tendo a menor idéia do nome da marca. Passou-se um bom lapso de tempo. Restando uma pontinha (do cigarro), o sensitivo escreveu automaticamente e com

(13) HEREDIA, S. J., C. M.: “Los Fraudes...”, o. c., págs. 347 ss.

tôda clareza ROY TAN. Repetimos que não tínhamos a menor idéia do nome da marca do cigarro que estávamos fumando. Recorremos logo ao memorandum que tínhamos na carteira, e encontramos: número três, Roy Tan" (14).

Outras experiências parecidas realizou o Pe. HEREDIA com bons sensitivos, obtendo resultados positivos em mais de 70%.

Claro está que não só com odores se pode excitar o inconsciente. Eis outra experiência diferente realizada perante 500 pessoas em Nova Orleans.

"Tínhamos marcado num papel, o nome espanhol de uma erva desconhecida nos E.U.A., *Beldroega*, juntamente com a sua tradução em inglês (*Purslane*). Vários meses depois tínhamos esquecido completamente o nome inglês da rara erva". Numa conferência pública "a mais de trinta pessoas que se julgavam especialmente sensitivas, foi fornecido papel e lápis". Então, o padre pensou em espanhol na palavra "*Beldroega*", sem dizê-la.

Após algum tempo, levantou-se um jovem dizendo: "Sem saber o que escrevia, escrevi uma palavra que não conheço" e entregou-lhe o papel, no qual, com traços muito claros, vinha escrita a palavra *Purslane*. De tal modo estava esquecida no consciente do Pe. HEREDIA a tradução inglesa da palavra espanhola proposta, que teve que recorrer ao memorandum para confirmar se aquela era a verdadeira tradução (15).

O pensamento consciente da palavra espanhola excitara, por associação no inconsciente, a tradução inglesa. O pensamento inconsciente excitado foi captado por telepatia (hiperestesia).

AS EXPERIÊNCIAS DURANTE O "TRANSE".

O Pe. HEREDIA sabia que, determinado dia, devia assistir às suas experiências um certo cirurgião com mais de 50 anos de prática. HEREDIA deitou, antecipadamente, algumas gotas, muito poucas, de éter e clorofórmio no chão. Passados alguns minutos, o cheiro era,

(14) HEREDIA, S. J., C. M.: "Los Fraudes...", o. c., págs. 358 s.

(15) HEREDIA, S. J., C. M.: "Los Fraudes...", o. c., págs. 359 s.

para o consciente, totalmente imperceptível. Quando, algum tempo depois, chegou o cirurgião e começaram as experiências, o sensitivo, que tinha caído em "transe" hipnótico, começou a falar: descrevia um quarto bem estreito, tendo no centro uma mesa sobre a qual dois homens colocavam um doente que se queixava. Como a luz não fôsse suficiente, um dos assistentes, com um instrumento de cirurgia na mão, mandou que colocassem a mesa mais perto de uma janela alta e não muito grande. Um jovem bastante pálido, loiro, de bigode, pôe sobre o rosto do enfermo um pano e começa a deitar-lhe umas gotas até que o enfermo parece adormecido. Faz o cirurgião uma incisão abdominal e o enfermo dá sinais de dor. Mais clorofórmio, diz o operador. O jovem derrama mais líquido do que é devido... O doente parece asfixiar-se. O cirurgião tem que deixar a operação e tomar umas tenazes, introduzi-las na bôca do enfermo para puxar-lhe a língua... Ouvem-se gritos... chamando a Pierre. Entra um homem de idade e toma o lugar do jovem pálido que administrara o clorofórmio. Ao sair, o jovem, nervosíssimo, assegura que nunca mais administrará clorofórmio para ninguém.

Antes mesmo de voltar a si o percipiente, o velho cirurgião exclamou impressionadíssimo: "Isto é admirável. O perceptor fez a descrição exata do que me sucedeu na França, há mais de 50 anos, a primeira e última vez que ministrei clorofórmio. Daquele dia em diante nunca mais o fiz, embora tenha feito milhares de operações. Aquela impressão foi terrível para mim. Não sei como o perceptor pôde fazer uma descrição tão detalhada e tão minuciosa... Já fazia muitos anos que não me lembrava daquilo" (16).

Mais uma experiência admirável:

Em outra ocasião, prevendo a presença de um especialista em diabetes, deitaram antecipadamente no chão umas gotas de acetona. É sabido que os diabéticos em último grau emitem um hálito como de acetona resultado do envenenamento do sangue. O resultado foi admirável. O perceptor, também esta vez em "transe", escreveu automaticamente uma fórmula de remédio para os diabéticos que o especialista tinha usado muitos anos antes. A fórmula era conhecida só dêle, sendo preparação própria dêle. Tendo deixado de usá-la havia muito tempo, tinha-a esquecido completamente. Só quando a viu escrita se lembrou dela novamente (17).

(16) HEREDIA, S. J., C. M.: "Los Fraudes...", o. c., págs. 349 s.

(17) HEREDIA, S. J., C. M.: "Los Fraudes...", o. c., pág. 350.

Outras muitas experiências análogas fez o Pe. HEREDIA. Bastam porém as já descritas. Como se vê, em tôdas elas se prova a TIE (HIE). Não se captou o pensamento consciente e sim o excitado no inconsciente por associação provocadas pelos cheiros hiperestèsicamente captados.

EXPERIÊNCIAS DE TIE “EM L” — Há também experiências em que aparece muito claro o conhecimento “a três” ou “em L”. As experiências que vou descrever creio que foram mal interpretadas pelos experimentadores que as realizaram. Escolho-as como exemplo porque se fizeram no Brasil onde escrevo. Entre elas seleciono as que, por vários fatores, são mais importantes.

No dia 3 de junho de 1958, o Dr. Osmard Andrade de FARIA realizava umas experiências no Hospital Central dos Marítimos do Rio de Janeiro, dentro de um curso de hipnose médica. O caso seguinte (“o mais importante de quantos já vi” — escreve o mesmo Dr. FARIA) foi testemunhado por 23 doutôres em medicina ⁽¹⁸⁾:

O sujeito, em hipnose, foi o Dr. Milton Segala PAULETO, “dota-do”. Sugere-se ao sujeito que ele é agora o Sr. DOMINGOS, 42 anos, residente em Rezende. Imediatamente, o sujeito aperta vivamente as pálpebras, esfrega os olhos com os dedos e entra em grande agitação seguida de um pranto copioso. Foi impressionante o seu sofrimento a ponto de todo o auditório levantar-se e pedir ao hipnotizador, que retirasse a sugestão. O médico que tinha fornecido ao hipnotizador o nome do doente, confirma o diagnóstico: cegueira por atrofia do nervo óptico, informando que o doente vivia naqueles dias realmente

(18) Drs. Lia ASSIS, Camilo CASTRO, Cunha CAMPOS, Afonso LIGÓRIO, Francisco Martins KRAUSE, Luís de Souza MATTOS, José RIOS, Hécio RODRIGUES, Moacyr VENTURA, Aladir SANTOS, Luís Antônio NOVAIS, Luís Carlos Ribeiro NUNES, Shingiro NAKAHISHI, Emílio NIEMEYER, Licínio CARDOSO, J. I. Costa SANTOS, Edir GODINHO, Agenor CONRADO, Jorge DUARTE, Juércia BRANDÃO, Henrique GARROFE Jr., Roberto Rodrigues GONÇALVES e Airton Geraldo BARRETO, além do doutor que fez de sujeito e do Dr. FARIA que dirigia a experiência. A outras experiências assistiram mais alguns doutôres.

momentos de agitação e inadaptação à realidade. Mas pensa que a crise do doente não é tão forte como a apresentada pelo hipnotizado.

Tal demonstração teve lugar numa terça-feira aproximadamente às 22 horas. Pois bem, algum tempo depois, o doutor que tinha fornecido o nome do seu paciente, escrevia ao hipnotizador, Dr. Osmard Andrade de FARIA, comunicando-lhe que, precisamente no dia da experiência, ao redor das 22 horas, o Sr. DOMINGOS dava entrada na Sta. Casa de Rezende, atacado de uma forte nevralgia ocular (19).

O caso como se vê, é, com toda probabilidade, mais um exemplo de telepatia (hiperestesia) sobre o inconsciente excitado, das que chamamos "a três" ou "em L". O médico que forneceu o nome do doente que o preocupava, captava psigmicamente, mas só inconscientemente, a crise dolorosa que nesse momento o doente sofria. Evidentemente, o doente tinha seu pensamento pôsto no médico ausente cuja ciência buscava para o alívio da crise. A relação psíquica médico-doente é evidente, muito mais "existencial" do que a relação sujeito-doente. Não sendo o médico um bom metagnomo, a comunicação paranormal se manteve no inconsciente. O hipnotizado leu por TIE (HIE) o que tinha captado o doutor inconscientemente.

A experiência seguinte é ainda mais curiosa. Casos semelhantes, espontâneos, são relativamente freqüentes.

O Dr. Sílvio Roberto BARBOSA de Oliveira hipnotiza ao Dr. Ulisses MENDONÇA, regular sensitivo, no consultório do Dr. Tarcísio Martins RIBEIRO, que também assiste à experiência. Fornece-se ao hipnotizado o nome da doente Luciane Q. FARIA, 4 meses de idade, residente no Rio de Janeiro. O hipnotizado diagnostica: "Pé direito torto". Como o experimentador sabia que a doente tinha, na realidade, tortos ambos os pés, não só o direito, insiste para que o hipnotizado verifique o pé esquerdo. O hipnotizado insiste: "não, só está torto o direito; o esquerdo está normal". A experiência foi considerada como de meio fracasso. Mas no dia seguinte, com grande surpresa, ouviram do pai da menina: "ela está passando bem, felizmente. O pé esquerdo

(19) FARIA, Osmard Andrade de: "Hipnose e Letargia", Rio de Janeiro, Ateneu, 1949, págs. 232 ss.

já está completamente normal. Apenas o direito, devido a acidentes contínuos com os aparelhos gessados, continua defeituoso" (20).

Parapsicológicamente analisadas estas e semelhantes experiências devem, logicamente, ser catalogadas em classificação prática, como TIE "em L", mais exatamente como HIE: hiperestesia sobre percepção paranormal inconsciente. A comunicação inconsciente paranormal (salvo nos casos em que pode bastar o talento do inconsciente, etc.) dá-se entre médico e doente. A comunicação entre sensitivo e médico é só hiperestésica. Nessas e semelhantes experiências não se trata, como pensavam os experimentadores, de telepatia entre sujeito e doente.

A TIE (ou HIE), simples ou "a três", tem sido corroborada experimentalmente.

No tempo da Metapsíquica foram rejeitadas inúmeras experiências como nulas, sendo na realidade excelentes provas da telepatia (ou hiperestesia indireta) do inconsciente excitado, fenômeno mais "recôndito" no qual os metapsíquicos não pensavam suficientemente.

Foi HEREDIA quem desvendou abertamente e experimentou com mais nitidez este interessante fenômeno.

Inclusive modernamente, se têm realizado muitas experiências que provam a TIE (ou HIE), embora raramente os experimentadores se tenham dado conta desta realidade.

(20) FARIA, O. A., o. c., pág. 234.

ST espontânea - I

**APARIÇÕES DOS MORTOS
OU FENÔMENO PARAPSICOLÓGICO?**

*Os mortos comunicam-se com os vivos?
— Inumeráveis fantasmas de vivos e mortos.
— Durante a agonia está mais viva a Sugestão Telepática.
— A ST por procuração.
— Aparições dos “mortos” antes de morrerem.*

SEM descuidar por completo a análise de outros aspectos da sugestão telepática, neste capítulo faremos considerações especiais sobre a interpretação da “aparição dos mortos” por ST, fundamentando-nos nos casos espontâneos.

O nome sugestão telepática, ST, indica mais ou menos bem o aparente mecanismo desta função psigâmica. Trata-se da sugestão paranormal de idéias (ou sentimentos, etc.) a outra pessoa. A pessoa que parece agente tem desejo de comunicar-se com o percipiente.

Ao desejo de comunicar-se à distância o Dr. Jules BOIS chamou “telebulia”.

OBNUBILAÇÃO NO AGENTE — Estando em estado normal ambos os participantes, agente e percipiente, a ST é raríssima. Um pouco menos raros são os casos de ST se o agente está em estado “especial”, apesar do percipiente estar normal.

Durante a Primeira Guerra Mundial, um menino de três anos e meio deteve-se um dia de repente, quando brincava, como se tivesse sido sacudido por uma súbita inspiração, e exclamou:

— “Meu pai se afoga, caiu num poço e não pode ver.”

Aparição de um morto? Os parentes do menino ficaram muito espantados. As cartas que recebiam do pai não confirmavam o triste comunicado. Mas ao regressar o pai da França, ficou comprovado que, precisamente naquele dia 7 de novembro de 1918, em que o menino captou o fato, o pai tinha sido atacado com gases na trincheira e, como resultado, tinha ficado cego durante três semanas (1).

O caso parece ter todos os requisitos para ser classificado como de ST: é lógico supor que o pai da criança, no desespero de acreditar-se cego, pensasse no filhinho, a quem não poderia mais ver. Este pensamento, durante a inconsciência da asfixia na trincheira, atuaria como a telebulia necessária no fenômeno psíquico que classificamos como ST.

Fui consultado sobre o seguinte caso:

Uma jovem, em Campinas (S. Paulo), acorda de súbito e verifica no relógio de cabeceira serem 6,35 da manhã.

Ao sentar na cama vê no espelho do guarda-roupa refletida a imagem de seu noivo, que deveria estar então a 300 quilômetros.

Verificou-se que o môço sofrera um acidente de caminhão, sendo quase atropelado. Seu relógio quebrara-se no momento do acidente; marcava exatamente 6,35 da manhã.

Um caso de ST percebido durante o sono e projetado depois, quando em vigília, ou que fêz acordar a percipiente projetando-se então a percepção inconsciente sobre o espelho

(1) RHINE, Joseph Banks: “New Frontiers of the Mind”, New York, Sloanes, 1937. Citamos da tradução espanhola por KREIMAN, Dora Joninsky de: “El nuevo mundo de la mente”, Buenos Aires, Paidós, 1958, pág. 21.

(as superfícies lisas e brilhantes, água, espelhos, bolas de cristal, etc., facilitam a projeção da percepção inconsciente).

DURANTE A “AGONIA” SEM MORTE.

A Srta. MAY, lendo uma tarde no seu quarto, tem a sensação súbita de que alguém entra no aposento. Não enxerga nada, mas de repente sente um longo e terno beijo sobre a fonte. A Srta. MAY levanta a cabeça e vê detrás da cadeira seu noivo ainda inclinado para abraçá-la. Depois, tudo desaparece. Ela teve tempo de distinguir toda a figura dele, o alto porte, largura de tórax... Aquêlê mesmo dia, longe de lá, o Sr. LICHFIELD, o noivo, era vítima de um acidente de cavalo.

Aparição do morto? O Sr. LICHFIELD não morrerá. Ficou várias horas inconsciente. Durante a “agonia” disse: “minha pequena MAY, que eu não morra sem voltar a ver-te” (eis a telebulia). Como resultado do acidente, ficou durante vários dias entre a vida e a morte, mas, ao fim, se restabeleceu e depois se casou com a Srta. MAY ⁽²⁾.

Uma senhora escreve de manhã numa agenda, a 15 de março: “Noite dêste dia”; conta, a seguir, como tinha visto a cabeça e o peito de um homem destacando-se, como que dentro de uma nuvem. Ela escreve: “Era o Ca. W.”. O capitão estava então em Nova Zelândia e havia prometido (telebulia) à senhora que lhe appareceria se chegasse a morrer antes que ela. A aparição coincide exatamente com o momento de um violentíssimo acidente automobilístico, sofrido pelo capitão. Ficou longo tempo sem conhecimento, mas não morreu ⁽³⁾.

Caso semelhante, apesar do percipiente estar em vigília, não são tão raros. A ST aconteceu no que poderíamos considerar “agonia” do agente, não sendo propriamente isso unicamente porque não se chegou à morte.

COMUNICAM-SE OS MORTOS COM OS VIVOS? — Temos referido casos nos quais o “agente” não morre. São mais

(2) “Diccionario de Ciencias Ocultas”, Colección Esotérica Universal, Buenos Aires, Caymi, 1949, pág. 337.

(3) GURNEY, E.; MYERS, F. W., and PODMORE, F.: “Phantasms of the Living”, 2 volumes, Londres, Trubner, 1886-7. Tradução francesa, resumida por MARILLIER: “Les Hallucinations Télépathiques”, Paris, Alcan, 1891, pág. 184.

numerosos, como veremos, os casos em que certas pessoas chegam ao conhecimento da *morte* do ser querido. Morre o "agente". Às vezes, o conhecimento sobrevém bastante tempo depois da morte do "agente"... A ST foi antes ou depois da morte? Haveria comunicação fácil dos "desencarnados" com os vivos?

Para quem conhece filosofia esta comunicação supera as forças materiais. Faria Deus tantos milagres em prol das almas dos mortos? Seria intervenção do mesmo Deus? Mas neste tomo só consideramos o problema do ponto de vista fenomenológico. Do ponto de vista da análise dos casos espontâneos, qual é a resposta da Parapsicologia?

A primeira resposta já está dada. O mesmo fenômeno existe entre vivos, durante a inconsciência ou "agonia" sem morte. Não há necessidade de atribuí-lo a forças do "além".

NUMEROSAS APARIÇÕES DE "MORTOS".

Em 1886, sob a autoridade de Henry SIDGWICK, na Inglaterra; de William JAMES, nos E.U.A., e Leon MARILLIER, na França, Bélgica e Suíça, se difundiu pela imprensa o seguinte questionário: "De 1.º de janeiro de 1874 até hoje, ocorreu ao senhor o fato de experimentar a impressão nítida de ver um ser humano e de ser tocado por ele, sem que se possa relacionar essa impressão com nenhuma causa externa (normal)? Nessas condições escutou uma voz humana? Sòmente nos referimos a impressões experimentadas, quando o senhor estava completamente acordado" (Percepção em vigília, únicos casos de que até agora falamos, apesar de serem menos freqüentes).

Em 1 500 000 exemplares de jornais apareceu a pergunta, sòmente na Inglaterra (prescindimos das outras nações, porque para exemplo basta uma). Calculam-se em 300 000 os ingleses cientes da pergunta. Houve 5705 respostas afirmativas na Inglaterra.

O Dr. GURNEY começou por estabelecer a diferença entre alucinações por sugestão telepática e meramente subjetivas. A alucinação subjetiva é coisa de doentes, de patologia; quem as padece, experimenta-as em geral com freqüência, e são muito tenazes: muitos doentes vivem com suas personagens imaginárias. Ao contrário, nas alucinações por

sugestões telepáticas os sujeitos gozavam ao menos de relativa boa saúde (24 pessoas ligeiramente doentes sobre 409 casos investigados); o fenômeno foi excepcional e geralmente único na vida do sujeito, sendo ainda de fugaz duração: de poucos segundos a poucos minutos como máximo.

Pois bem, das respostas dignas de se ter em conta, de acôrdo com o rígido critério da "Society for Psychical Research" (relatos de primeira mão, alucinações visuais correspondentes comprovadamente à realidade de um fato imprevisível, etc.) 21 tratavam da percepção alucinatória da morte por acidente de um ser querido. Ora, tendo em conta a taxa de mortalidade na Inglaterra naquela época, segundo o cálculo de probabilidades, para cada uma dessas alucinações "verdadeiras", deveriam ter sucedido 16 590 alucinações falsas! Por conseguinte, os casos que militam em prol duma sugestão telepática com conteúdo de morte de uma pessoa querida, superam nitidamente o que se poderia esperar pelo acaso (4).

DURANTE A AGONIA DO AGENTE.

A Sra. BISHOP, viajando pelas montanhas Rochosas, travou íntima amizade com um mestiço chamado Jim MOUNTAIN. "Numa conversa me disse — escreve a mesma Sra. BISHOP — "Eu irei ver-te, quando morrer". Dez anos mais tarde, estando em Interlagos, de manhã, escrevendo no meu leito (em vigília), por volta das seis horas, vejo a MOUNTAIN diante de mim, seus olhos estavam fixos sobre mim... ele me diz em voz baixa mas muito distinta: "Eu vim, como tinha prometido". Depois ele me fez um aceno com a mão e me disse: "Adeus". A Sra. KER, que estava no mesmo quarto e eu,

(4) GURNEY, E.; MYERS, F. W., and PODMORE, F.: "Phantasms of the Living", 2 volumes, Londres, Trubner, 1886-7. Servimo-nos do resumo das conclusões tiradas por GURNEY, realizado por: CASTELLAN, Yvonne, original: "La Métapsychique", da coleção "Que sais-Je?", vol. 671, Paris, Presses Universitaires de France, 1955. Citamos da tradução espanhola de DUVAL, Carlos A.: "La Metapsíquica", "Biblioteca del Hombre Contemporáneo". Vol. 49, Buenos Aires, Paidós, 1960.

tomamos nota do acontecimento, escrevendo a data e a hora. A notícia da morte de Jim MOUNTAIN nos chegou mais tarde" (5).

No caso, há um dado muito significativo: O registro do falecimento de Jim MOUNTAIN indica que ele morreu em "Fort Collins" (Colorado) naquele mesmo dia (7 de setembro) *às três horas da tarde*, hora que corresponde *às dez horas da manhã* em Interlagos. Ora, a Sra. BISHOP diz, e tomou nota, que viu a MOUNTAIN *às seis da manhã*. Por conseguinte a mensagem foi captada quatro horas antes da morte de MOUNTAIN. A ST, que neste caso terminaria em morte, realizou-se durante a agonia, não foi comunicação do morto... Tem-se comprovado bastante vêzes esta diferença de horário.

A telebulia por outra parte aparece clara, pois o Sr. MOUNTAIN tinha prometido visitar, "depois de morto", a Sra. BISHOP. Lógico, portanto, que durante a agonia pensasse, consciente ou inconscientemente, na promessa feita. Só que a promessa se realizou por sugestão telepática antes de ele morrer...

Eis, pois, outra resposta da Parapsicologia: a maior frequência de ST com mensagem de morte deve-se a que a agonia (ou inclusive o estado que medeia entre a morte aparente e a real) é um estado "mais especial" do que qualquer outro estado de obnubilação e mesmo agonia sem morte: deixa em mais liberdade a alma (ou a faculdade PSI, etc.) para realizar o fenômeno. Mas o fenômeno é humano, existencial, dêste mundo.

OBNUBILAÇÃO TAMBÉM DO PERCIPIENTE — Se além do estado muito "especial" do agente, o estado do percipiente é também de inconsciência ou ao menos de certa obnubilação da consciência, o fenômeno fica muito facilitado, é muito mais freqüente.

(5) RICHET, Charles: "Traité de Métapsychique", 2.^a ed., Paris, Alcan, 1923, pág. 372.

A Sra. RICHARDSON, na Índia, sonha que seu marido, major-general que lutava a 150 quilômetros de lá, durante a campanha de 1848 (assédio de Moultan), cai gravemente ferido. Ouve a voz do espôso que diz: "Tire esta aliança do meu dedo para mandá-la à minha mulher". Pouco mais ou menos à mesma hora, às 21 horas, o general, gravemente ferido, rogava ao major LOYD, a quem entregava o comando: "Tire esta aliança do meu dedo e envie-a à minha mulher". Mas o gen. RICHARDSON, contra o que ele próprio esperava, sobreviveu ao ferimento (6).

É mais fácil e freqüente a ST, estando ambos os participantes em estado especial. Se, além disso, o conteúdo telepático é "morto" (mesmo que seja erro), as condições para os fenômenos são ideais. Especialmente a emotividade tem sido comprovada como de especial importância na manifestação dos fenômenos parapsicológicos. Nada tão emotivo como a morte de um ser querido.

Foi precisamente nestes casos, que os antigos metapsíquicos se basearam para defender, como irrefutável, o conhecimento paranormal. Os metapsíquicos descobriram que os casos ST de "morte", estando o percipiente "dormindo" e o agente em agonia, superavam em muito o acaso segundo o cálculo de probabilidades.

No inquérito antes aludido, realizado na Inglaterra, E.U.A., França, Bélgica e Suíça, sobre o qual se trabalhou desde 1883 até 1890 perguntava-se também: "Depois de primeiro de janeiro de 1874 *sonhou* você alguma vez com a morte duma pessoa querida? Impressionou-se com este sonho? Ficou-lhe esta impressão penosa durante uma hora, ao menos, depois de ter-se levantado?" Pois bem, as mensagens captadas em sonho referentes a mortes foram muitas. Dos 668 casos selecionados, com o rigor da "Society for Psychological Research", e descritos na obra de GURNEY antes citada, 339 eram sobre morte por acidente de um ser querido.

Ora, as estatísticas de morte por acidente na população masculina (únicos casos analisados) davam então na Ingla-

(6) GURNEY..., o. c., trad. franc., pág. 144.

terra uma proporção só de 5%. Segundo o cálculo de probabilidades, tornam-se totalmente incompreensíveis tantas coincidências entre sonho e morte por mero acaso.

Recentemente, Whately CARINGTON fez um inquérito semelhante. Pediu somente casos nos quais os sonhos (estamos falando de casos com obnubilação da consciência também no percipiente), coincidiram com um fato real imprevisível.

Escreve CARINGTON: "Se eu sonho que meu primo Jorge toma, no desjejum, um ovo com presunto e este sonho resulta comprovado, nem por isso deveremos tê-lo por telepático pois esse desjejum, pelo menos na Inglaterra, é demasiado previsível. Mas, nos casos imprevisíveis, podemos supor que a mente do agente enviou uma mensagem à mente de quem sonha. Ora, no conjunto dos sonhos, os sonhos sobre a morte estão em proporção muito pequena... O inquérito tem demonstrado que a coincidência com a morte tem sido 24 vezes mais freqüente do que se poderia esperar segundo o cálculo de probabilidades" (7).

Terminada a Segunda Guerra Mundial, uma mulher da Flórida acordou uma noite superexcitada, gritando e chorando. Tinha visto em sonhos seu filho cair dum avião incendiado. O marido não logrou convencê-la de que se tratava dum pesadelo sem fundamento, pois a guerra tinha terminado e, aliás, o filho não servia nas forças aéreas. Chamou-se o médico, que deu um calmante à senhora. No dia seguinte recebeu-se uma animadora carta do filho: manifestava satisfação pela vitória e anunciava a sua rápida volta à casa. A mãe ficou tranqüila. Mas, cinco noites depois, repetiu-se o mesmo sonho, e desta vez a visão foi tão clara, o convencimento tão profundo, que o sedativo administrado pelo médico foi ineficaz. Tão absurdo pareceu o sonho e o comportamento da mãe que foi internada num hospital de psicopatas. No dia seguinte ao segundo pesadelo, chegou a notícia oficial: o jovem tinha sido repatriado do Extremo Oriente, num avião que se incendiara e caíra na mesma noite em que a mãe tivera o primeiro sonho. Não perceberam que a carta recebida depois era de data anterior... (8).

(7) CARINGTON, Whately, tradução francesa de PLANIOL: "La Télépathie, faits, theories, implications", Paris, Payot, 1948.

(8) RHINE, o. c., trad. espanhola, págs. 102 ss.

Todos êsses casos são classificados como de sugestão telepática. No caso concreto referido, é lógico supor a telebulia: o soldado está voltando para casa, para abraçar a mãe, depois de uma prolongada ausência e tantos perigos na guerra e, de repente, o ensejado momento se frustra porque o avião se incendeia e está caindo sem esperança de salvação. Tais são as idéias que logicamente enchiam o consciente ou inconsciente da vítima.

Que a ST se realiza durante a agonia (ou mesmo durante a morte aparente) aparece claro em muitíssimos casos:

Miss JONES, enfermeira que prestava serviços de noite, dormia durante o dia. Uma tarde, quando dormia, ouviu muito distintamente que a chamavam pelo nome que tinha em família: "Margarida, Margarida!" (e não Miss JONES). A impressão foi tão nítida que acordou e saiu ao corredor, para ver quem a chamava. Não havia ninguém. Olhou o relógio. Eram cinco e meia da tarde. Poucos minutos antes ouvira a voz.

Durante o jantar perguntou quem a tinha chamado, pouco antes das 5,30 e estiveram brincando com ela por êsse motivo.

Naquela noite recebeu um telegrama que lhe anunciava que inesperadamente tinha falecido sua sobrinha, também Margarida, com a qual era unida por especial afeto. Foi à casa de seus irmãos. Ao lhe contarem a morte da menina disseram-lhe que pouco antes de morrer, ela chamava: "Margarida, Margarida!", o que motivou um comentário dos pais sobre se chamaria a sua querida tia ou se dizia seu próprio nome (9).

O Pe. FIELD, dormindo ouve que o chamam: "Harry, Harry!". Reconhece com absoluta nitidez a voz da sua mãe. Nessa mesma hora, em Londres, a mãe do Pe. FIELD repetia ao morrer: "Harry, Harry!" e não Henry como tinha por costume (10).

Que diferença essencial há entre êstes casos, nos quais o agente chega a morrer e aqueles outros, anteriormente citados, nos quais o agente sobrevive? Únicamente que é

(9) EHRENWALD, Jan: "Telepathic and Medical Psychology", Londres, 1947, págs. 85 ss.

(10) "Annales des Sciences Psychiques", 1892, pág. 175.

mais especial o estado do agente e também mais emotiva a mensagem. O fenômeno, porém, é dêste mundo.

A ST E A PRECOGNIÇÃO — A ST é um fenômeno psigâmico. Por conseguinte prescinde das leis do tempo, dentro de certos limites como já vimos.

O Sr. SAVELLI (de Costa, na Córcega) passa, com um amigo, diante duma casa da qual parecem sair gritos e lamentações. Depois, tudo passa... O Sr. SAVELLI e seu amigo percebem que não acontece nada. Mas sua admiração foi maior no dia seguinte: passando pelo mesmo enderêço, ouvem os mesmos gritos e gemidos. Mas desta vez eram reais. Um menino, prêsa de crupe, acabava de morrer, com o conseqüente desespero da mãe (11).

Este caso, analisado nos relatos originais, aparece como caso de precoguição causado pela sugestão telepática: a mãe que perde um filhinho atacado de crupe, pede auxílio, possível ou absurdo, a quem quer que seja. Esta telebulia basta para provocar, na forte emoção das circunstâncias, a sugestão telepática, captada por alguns caminhantes próximos. A percepção foi precognitiva.

No caso citado (entre outros que se poderiam citar) o agente era a mãe. Que diferença haveria se o agente tivesse sido o filho? Estes casos explicam outros semelhantes ao seguinte:

Em 1963 uma senhora, quando costurava meio adormecida, teve de repente a impressão de assistir a um acidente. Seu marido aparecia atropelado por um carro de praça em São Paulo. A senhora observou nitidamente o corpo do espôso, o sangue correndo sôbre os paralelepípedos, o carro; leu o número da placa, presenciou a conversa do policial com o motorista, ouviu o nome dêste... Logo tudo desapareceu. Fôra uma alucinação: seu espôso estava lá com ela lendo tranquilamente o jornal.

(11) FLAMMARION, C.: "La mort et son mystère", 3 vols., Paris. E. Flammarion 1920-22. V. I. pág. 114. Trad. portuguesa: "A morte e o seu mistério", Rio de Janeiro, F. E. B., s. d. (1955, os 3 vols.), V. I, págs. 94 s.

Dois meses mais tarde, porém, acontecia o acidente com todos os detalhes previstos (12).

O acidente, talvez já durante a morte aparente, tinha a telebulia evidente de comunicar o acidente à espôsa. Só que a percepção foi precognitiva. PG prescinde do tempo.

A ST E A RETROCOGNIÇÃO — Se a faculdade PSI-GAMMA do homem pode “adiantar-se” aos fatos, mais fácil será que se atrase não havendo inibição para a manifestação da retrocognição. O fenômeno, que na prática classificamos como retrocognição, é muito mais numeroso na sua manifestação do que a precognição.

A Sra. PAGET, por exemplo, às 22 horas, desce à cozinha e de repente vê seu irmão Miles que entra e se dirige a ela, sentando-se perto. Tinha o uniforme de marinheiro, e um pouco de água brilhava sobre a camisa e capacete. Ela supõe que a chuva o tivesse molhado e grita: “Miles, de onde é que você vem?”. Ele responde, com sua voz habitual, mas muito depressa e excitado: “Por amor de Deus, não digas que eu estou aqui”. E desaparece... “Cheia de pânico, escrevi a data numa folha de papel”.

Miles, naquele dia, sofreu um acidente no pôrto de Melbourne. As datas coincidem; tendo, porém, em conta a diferença de longitude, a aparição se verificou com um atraso de 10 horas sobre a hora do acidente.

Comunicação de um morto? Não houve morte. Três meses mais tarde Miles volta à casa e conta à irmã que quase se tinha afogado no pôrto de Melbourne e que tinha ficado sem conhecimento (13).

A irmã o viu inclusive ainda molhado. No acidente, Miles, ao menos inconscientemente, pensaria na única parenta, desejaria voltar para junto dela. Por associação de idéias inconscientes, acreditar-se-ia surpreendido como fugitivo do

(12) O caso me foi referido pela interessada e família em São José dos Campos. Não tendo tomado nota do fato imediatamente, talvez algum *pequeno* detalhe tenha sido modificado.

(13) GURNEY, o. c., trad. franc., pág. 317.

serviço militar: "Por favor não digas a ninguém que eu estou aqui". Os pensamentos inconscientes do "afogado" constituem a telebulia.

O caso e outros semelhantes, *sem morte*, explicam aqueles em que pareceria que a mensagem provinha do *morto*: trata-se de "retrocognições", ou manifestação retardada de uma sugestão telepática. "Retardada": no caso citado, Miles não ficou dez horas desacordado, molhado...

Pode ser interessante, com respeito à relação tempo-ST, citar as palavras de RICHET que, por sua vez, cita MYERS: "O tempo de latência entre o acontecimento mesmo e a monição (percepção) é variável. Fr. MYERS supõe que a impressão telepática é imediata (nesses casos de aparente retrocognição), mas que esta impressão fica latente no espírito do percipiente, não emerge na sua consciência senão após certo intervalo. Traçando-se a curva, segundo o tempo, da frequência das aparições depois da morte, constatar-se-á que seu número vai decrescendo, rapidamente, até resultar quase nulo, ao termo de alguns dias".

E, no que respeita às precognições, ao menos aparentes, "em quase todos êsses casos nos quais o fantasma precedeu à morte, é porque houve doença... E então a agonia com seu coma, suas convulsões, antes da parada definitiva do coração, isto é, antes da morte, pode ocasionar a comunicação telepática precedendo, em consequência (o fantasma), à morte" (14).

MYERS, porém, falha nesta explicação teórica, por não levar em conta a existência de verdadeiras retrocognições e verdadeiras precognições. Hoje está demonstrado, como vimos, que PSI-GAMMA prescinde do tempo.

(14) RICHET, o. c., págs. 330 ss. Embora RICHET não ponha a cita bibliográfica, pode-se ver: MYERS, F. W. H.: "Human personality", Londres. Longmans, 1903. Tradução espanhola por MARTÍNEZ ALINARI, Josefina: "La personalidad humana", Buenos Aires Saros, 1957, págs. 209 s.

APARIÇÕES POR PROCURAÇÃO — Muitas vezes, a alucinação de aparição pode inspirar-se não na própria pessoa que aparece, mas numa terceira pessoa. É o inconsciente do perceptor quem se encarrega de dramatizar a notícia, como se se tratasse da aparição dum “espírito desencarnado”.

A condessa TOUTSCHKOFF, espôsa de um general russo, sonha que seu pai vivo, vem até ela trazendo pela mão o neto mais velho, filho da condessa, e que lhe diz: “A tua felicidade terminou. Teu marido caiu em Borodino”. Esse sonho se repete três vezes. Ela, sem se preocupar porque seu marido está em casa, mas algo intrigada, pergunta a seu espôso onde fica Borodino. O general não conhece o nome dêste povoado que, aliás, não encontraram no mapa.

Alguns meses após, o general parte para a guerra. E, com efeito, um dia, entra o pai da condessa levando pela mão seu filho maior e lhe comunica, após alguns rodeios, a triste notícia: “A tua felicidade terminou. Teu marido caiu em Borodino” (15).

Trata-se duma precognição do momento em que o pai da condessa se aproximaria, pensando como comunicar-lhe a notícia. O fenômeno psigâmico foi evidentemente com relação ao pai da condessa e não ao morto. Em muitos outros casos, o inconsciente dramatiza a notícia indireta, apresentando-a como notícia direta provinda do “desencarnado”, sem que o jôgo” do inconsciente apareça tão claro como no caso citado.

O Pe. DONTAZ, vigário de Domdidier, na Suíça, quando ainda tinha 18 anos, sonhou duas vezes seguidas que via sua irmã à morte; isso, de fato, acontecia.

Era sugestão telepática direta provinda da moribunda? Se tudo tivesse ficado aí, pareceria que sim. Mas...:

Houve depois um sonho mais completo: apareceu-lhe o pai, vivo, e lhe disse: “Tua irmã Josefina está morrendo; mas tua mãe não sabe

(15) BOZZANO, Ernesto: “Dei fenomeni premonitori”, Roma, 1914. Tradução francesa: “Des phénomènes prémonitoires”, Paris, A. S. P., 1914, caso LXX.

disto". Na manhã seguinte, quando o jovem se dirigia ao Liceu, recebeu um telegrama do pai que lhe dizia: "Tua irmã Josefina está morrendo em Paris. Tua mãe não sabe disto" (16).

O exemplo é muito significativo. Mostra firmemente que a primeira visão da irmã morrendo não foi causada diretamente pela moribunda, mas pelo pai, ao escrever as tristes palavras do telegrama. Quando, pela terceira vez, o jovem capta a triste notícia, a percepção telepática mais nítida e completa evita o engano de tomar a notícia como proveniente da moribunda, aparecendo o verdadeiro agente, o pai. A "porta" de passagem do inconsciente ao consciente foi se abrindo aos poucos.

Muitas notícias da morte de um pessoa (ou qualquer outra mensagem), dramatizada como vinda do espírito dos mortos, na realidade provêm telepaticamente duma pessoa viva, sem que o percipiente chegue a perceber que se trata de mensagem por "procuração". Compreende-se que, sendo a notícia da morte tão emotiva, seja mais freqüente do que outras mensagens.

Os "ADORNOS" NA ST — Tanto o agente como o percipiente podem "adornar", associar à mensagem outros elementos. Neste sentido pode ser muito expressivo o seguinte caso, de cuja autenticidade é difícil duvidar:

O Dr. Mitchell S. WEIR, de Filadélfia, estava já dormindo, certa noite, quando foi acordado pela campainha da porta de entrada. Levanta-se, abre a porta e encontra uma menina desolada que lhe diz: "Minha mãe está muito doente, doutor. Rogo-lhe que venha, por favor".

Era uma noite de inverno, a neve caía a turbilhões e soprava um vento glacial. O doutor se agasalha e segue a menina. Encontra a mãe gravemente doente de pneumonia. Depois de prodigar-lhe seus cuidados, antes de despedir-se felicita a mãe pela filha tão inteligente e corajosa que tem. Responde a mulher: "Minha filha morreu, há já um mês. Suas botas e seu sobretudo estão neste armário".

(16) FLAMMARION, Camille: "La mort et son mystère". 3.º Vol. Paris, E. Flammarion, 1920-21, pág. 192. Tradução inglesa: "Death and its Mystery; Before Death", Century, 1921.

Abrindo o armário, o doutor vê as roupas que vestia a menina que o chamara. Estavam secas e à temperatura ambiente: não podiam ter estado uns minutos antes expostas à neve e ao ar gelado da noite (17).

Aparece clara a telebulia, talvez só inconsciente, da viúva que se encontra gravemente doente e sôzinha: “Se ao menos estivesse aqui a minha filhinha para ir chamar o médico...!”

De fato o médico captou esta telebulia perfeitamente dramatizada e completada.

A mensagem telepática, no caso, gozou de boas condições pela emotividade e pelo estado psicofisiológico todo especial da agente, assim como pelo sono do percipiente. Devemos levar em conta também que o inconsciente do médico teria já ficado de sobreaviso, ao se deitar, com receio de que algum doente precisasse de seus auxílios profissionais justamente numa noite tão desagradável como aquela...

O doutor comprovou na volta da casa da doente que não existiam as pegadas da menina na neve. A espôsa e empregada não ouviram a campainha (os efeitos físicos são raros, trata-se, em geral, unicamente de projeção alucinatória). O mesmo devemos dizer das roupas: nem saíram do armário, nem foram materializadas! Tudo foi dramatização inconsciente da mãe doente completada pelo inconsciente do doutor. Um pastor protestante contava-me que quando êle vivia nos E.U.A., foi protagonista de um caso quase idêntico. Cruzou-se com um policial noturno... Ao voltar de atender o doente, o pastor perguntou ao policial. O policial vira passar o pastor falando sôzinho! Só o pastor vira a “aparição”, não estava esta de fato materializada. Casos semelhantes são relativamente freqüentes.

Salvo raríssimas exceções, as aparições dos “mortos” são fenômenos naturais. No livro dedicado às teorias, estudare-

(17) CHERRIE, C. K.: “Dark Trails, Adventures of a Naturalist”, caso reproduzido em “Reader's Digest”, julho, 1938, pág. 40.

mos expressamente os argumentos e provas experimentais de que não há comunicação entre vivos e mortos, mas só entre vivos (e só entre mortos?). Seria preciso provar o contrário, positiva e evidentemente, em algum caso concreto e raríssimo, um caso entre muitos milhões. Nos dois próximos capítulos já não aludiremos mais ao êrro de interpretar sobrenaturalmente os casos de ST.

Pela sugestão telepática (ST), não raramente se realiza de modo paranormal o desejo (telebulia) de comunicação entre o agente e o percipiente, especialmente quando o consciente está "obnubilado".

A ST, mal interpretada, tem contribuído muito para a superstição espírita, pois os casos que comunicam alguma morte são especialmente freqüentes.

As comunicações de mortes não se devem na realidade aos "desencarnados", mas a outros fatores: a ST é facilitada pela maior emotividade e pela agonia ou estado entre a morte aparente e a real; a ST pode, por precognição, adiantar-se à morte e é mais freqüente a ST retrocognitiva; outras vêzes pode ser ST antiga captada inconscientemente, que só algum tempo após a morte do ser querido surge ao consciente do percipiente; a notícia pode provir, sem que o percipiente se dê conta sempre, de uma terceira pessoa; etc.

O inconsciente tanto do agente como do percipiente pode dramatizar magistralmente o conteúdo telepático.

ST espontânea - II

SUGESTÕES TELEPÁTICAS
SUBMETIDAS A ANÁLISE

Um sonho salva realmente a vida de uma jovem. — Socorro mútuo a quilômetros de distância. — O mesmo “fantasma” aparece ao mesmo tempo em diversos lugares. — “Falando do diabo...”, ditado científico.

NO capítulo anterior vimos casos de ST preferencialmente em mortes. São os casos mais numerosos. Paralelamente ao grupo anterior devemos mencionar outros que, na análise dos casos espontâneos, logo chamam a atenção.

A TELEBULIA INTERPRETATIVA — Não é necessário que a telebulia seja consciente e reflexa. Pode ser até inconsciente e interpretativa. Vê-se tal coisa claramente, em casos como o seguinte, entre outros muitos:

Um soldado de aviação está retido no hospital por uma afecção pulmonar. Uma noite, a febre causa-lhe um acesso de sonambulismo. Sem deixar de dormir, ele se levanta e caminha até o pátio, onde acorda. Ia sonhando que viajava num avião. Voando, chegava até Scleishein, onde encontra de sentinela um amigo seu. Sonhou que o amigo, ao vê-lo, começara a tremer de horror.

— Não me reconheces? — perguntou o aviador.

— Ah! És tu, José! — responde o amigo —. Que vens fazer aqui?

O aviador doente escreveu, então, ao seu amigo sentinela, cruzando-se a carta com outra que o sentinela havia escrito ao aviador. No carimbo postal havia a mesma data para ambas as cartas. O sentinela contava, na sua mensagem, como viu claramente e ouviu distintamente a voz de seu amigo que lhe perguntava: "Não me reconheces?" (1).

O sentinela tomou a alucinação telepática causada pelo doente que sonhava como se fôsse visita autêntica, até que a figura do aviador se esvaísse. Pela sua parte, o sentinela, no estado de pânico, fez sugestão telepática ao amigo doente.

Uma sugestão telepática mútua: uma conversa "telefônica" sem telefone, por ST pela simples telebulia, interpretativa, de dirigir cada um o seu pensamento, ou palavra, ao amigo distante. Não precisamos nestes casos supor efeitos físicos. Basta a projeção alucinatória do captado pelo psi-quismo.

Em 1854 o pastor protestante NEWHAM, então estudante em Oxford, sonha que está passando uns dias na casa da família da sua noiva. Sonha que, estando ele no quarto que costumavam reservar para ele, ouve os passos de sua noiva no alto da escada. Corre para ela e a abraça. Nesse momento acorda. Na manhã seguinte escreve uma carta à noiva contando-lhe o sonho. Uma carta da noiva se cruza com a dele contando-lhe como ela, naquela noite, às dez horas, no alto da escada, sentiu com toda "realidade" como era abraçada por ele (2).

A simples telebulia, "interpretativa", de pensar a noiva no jovem estudante quando se aproxima do quarto que se

(1) "Psychike Studien", número XLIV, pág. 350.

(2) HART, Horneil: "La projection de l'esp", trabalho apresentado no I Congresso Internacional de Utrecht e resumido por AMADOU, Robert: "La science et le paranormal. Le I Colloque International de Parapsychologie (Utrecht, 1953). Les entretiens de Saint-Paul-de-Vence (1954). Comptes rendus et rapports publiés et présentés par Robert Amadou", Paris, Institut Métapsychique International, 1955. Cfr., para outros detalhes inclusive levemente divergentes. GURNEY, E.; MYERS, F. W. H. and PODMORE, F.: "Phantasms of the Living", Londres, Trubner, 1886-7, Vol. I, pág. 225.

reservava para êle, provocaria por ST o início do sonho do estudante. O sonho dêste corresponde ao momento real em que ela caminha perto daquele quarto no alto da escada. O noivo, pela sua parte, acrescentaria o desejo (realizado no sonho) de abraçá-la, sonho que por ST resulta alucinação, com visos de realidade para a noiva.

Casos semelhantes são relativamente freqüentes.

ST ENTRE O ANIMAL E O HOMEM? — Parece que certos animais, à distância, perceberiam mensagens providas dos seus donos, mormente quando os donos passam por circunstâncias extremamente críticas.

Sem dúvida, todos têm ouvido falar, ou têm talvez presenciado algum dêsses numerosos casos em que os cães emitem um estranho e lúgubre uivo quando seu dono está a morrer, ainda que a morte do dono suceda num longínquo hospital. Que há de objetivo no fundo dêsses casos de observação popular?

Existem casos interessantíssimos e bastante abundantes nos quais nenhum dos presentes sabia sequer da doença do ser querido, e foi precisamente a conduta do cachorro que os levou a suspeitar da morte.

O aviador Mario GALLI, por exemplo, tinha um cão pastor, Wamar, particularmente esperto. Quando o aviador foi para a guerra da Etiópia, deixou o animal em Turim. Passou algum tempo. Um dia, de repente, o cachorro começou a se mostrar muito nervoso, farejando o ar com intensidade. Logo saiu correndo, subiu ao quarto do dono e acoorou-se ao pé da cama. Foi impossível tirá-lo dali. Não aceitou mais comida. Acudiu-se ao veterinário, em remédio para a situação, mas sem resultado. Lá morreu o cachorro de inanição e tristeza. Pouco depois chegava a notícia de que, precisamente aos 27 de junho de 1936, o dia em que o cachorro começara aquela estranha conduta, o avião do Cap. GALLI era atingido em combate, causando a morte do aviador.

O caso foi muito bem observado e investigado, com informe detalhadíssimo, pela professora Rosa CAGGERO ⁽³⁾.

(3) Citado por OMEZ, O. P., Réginald: "Peut-on communiquer avec les morts?", Paris, Fayard, 1955, págs. 94 ss.

O caso, que é apenas um entre muitos, pode ser classificado como Sugestão Telepática. Parece, com efeito, lógico supor que o Cap. GALLI, no momento da morte ou acidente, pensasse na sua família. Essa telebulia ou essa vontade, ao menos inconsciente, de comunicar a desgraça aos seres queridos foi captada paranormalmente em casa.

Foi comunicação direta GALLI-cachorro? Os casos apresentados nunca provaram definitivamente a ST entre animais e homens. É mais possível que o cachorro captasse só por *hiperestesia* sobre as pessoas da família do aviador alguma consequência da sugestão telepática entre GALLI e seus familiares captada inconscientemente por êstes.

Que farejava o cão no ar? Não precisamos supor um efeito físico. No caso basta uma simples manifestação reflexa do cão (resultado, não meio de percepção) ou, quando muito, meio de comunicação hiperestésica (não psigâmica) dos familiares para o cão.

Por enquanto, *nos inclinamos* decididamente a pensar que com os animais só haveria *hiperestesia* reservando-se o paranormal *extra-sensorial*, só para o homem. Casos como o citado, ou a orientação de certos animais, ou animais "inteligentes", etc., apresentados em prol de PG nos animais têm muitos pontos fracos.

ST SALVADORA.

Um pastor protestante, ausente de sua cidade, sonha que vê um incêndio e um de seus filhos em meio às chamas. Acordando, não pôde evitar o impulso violento de voltar. Ainda durante a viagem do pastor, declara-se o incêndio na sua casa. O pastor chega justamente a tempo de socorrer o filho, que no meio da confusão tinha sido esquecido pelos criados numa situação bem perigosa (4).

ST salvadora por precognição. Êstes casos em demanda de auxílio são relativamente frequentes.

(4) DALE OWEN, Robert: "Footfalls on the Boundary of another World", Londres, 1861, págs. 99, 109.

A telebulia nestes casos é evidente: o inconsciente não deseja mais, nessas circunstâncias, do que pedir auxílio.

ST SALVADORA E MÚTUA.

Um jovem viajava num submarino. O comandante ordena imersão de manhã, imediatamente depois do café. Tinha-se decidido ficar em imersão até às dez da noite.

A exceção de um só homem que ficava de guarda, a tripulação, depois de uma noite de trabalho, adormeceu. Um marinheiro sonhou que muitas mulheres, numa fábrica de munições, estavam enchendo cartuchos com explosivos. Em sonho, via sua irmã dormindo numa repartição, em cuja porta, através dos vidros, via-se o letreiro "Inspetor". De repente, uma grande língua de fogo pareceu lambear todo o piso, depois ouvindo-se uma explosão. O marinheiro acordou como se tivesse sido sacudido.

Sentindo-se meio desfalecido, olhou o relógio: eram dez horas, hora na qual já deveriam estar emergindo. Viu então que o homem de guarda estava dormindo. Com grande esforço, conseguiu acordar três colegas que, como ele, estavam quase asfixiados pelas emanções de petróleo e falta de oxigênio. Os quatro conseguiram fazer subir o submarino à superfície. Ao subirem, viram que já era dia. Eram 10 da manhã, não da noite. Tinham passado mais de 24 horas submersos. O comandante admite que os quatro marinheiros tinham salvo a vida de todos.

De retôrno à base, o marinheiro recebe uma carta da sua irmã (a inspetora do sonho) que lhe anuncia que uma terrível explosão no departamento de enchimento de cartuchos tinha matado 36 mulheres. O acidente tinha-se produzido às dez horas, quando a môça deveria estar no local fazendo a ronda de inspetora; tendo ela, no entanto adormecido na sua repartição, salvara-se. Constava mais, que o vira em sonhos, a êle e a todos os seus colegas do submarino, mortos. Mas um sentimento inexplicável, durante o sonho, lhe dizia que ainda se poderiam salvar, e foi então que ela tentou acordá-lo, sacudindo-o. Neste momento, foi acordada pela explosão (5).

O inconsciente do marinheiro, percebendo o perigo, desejava auxílio... A irmã, ligada a êle pelos laços do afeto, casualmente em estado especial que facilitava a recepção

(5) SCATT, Ivan, em "Blackwood Magazine", caso reproduzido em "Reader's Digest", janeiro, 1940.

(adormecida) captaria o SOS inconsciente do irmão. Isto suposto, inverter-se-ia o processo psigâmico, passando agora a irmã a sugerir telepaticamente ao irmão, o próprio desejo dramático de acordá-lo, assim como o conhecimento que nesses mesmos momentos adquiria sobre o fogo e a explosão. Estes casos são, como dizíamos, uma espécie de conversa telefônica (mútua) na qual o papel de telefone é desempenhado pela faculdade psigâmica.

A ST DE APROXIMAÇÃO — Seriam significativos, precisamente por terem um conteúdo insignificante e serem percebidos e “emitidos” em plena vigília, certos casos que têm chegado a formar um grupo típico: “ST de aproximação”, aqueles que anunciam a chegada duma pessoa, preferentemente de uma pessoa querida.

O Cel. BIGGE vê um dos seus colegas, vestido à maneira dos pescadores, com utensílios de pesca. Distingue perfeitamente tudo, inclusive certos apetrechos de pesca que ele assegura desconhecer absolutamente. Nunca, aliás, tinha visto seu colega com aquela roupa. Dez minutos depois, esperando dar uma surpresa ao coronel, chegava o colega exatamente como fôra visto na alucinação (6).

Estes casos de “aproximação”, podem ser classificados como sugestões telepáticas, pois é lógico supor que o agente é a pessoa mesma que se aproxima com a leve telebulia de pensar no amigo ou parente a cujo encontro caminha e a quem espera dar uma agradável surpresa.

Nestes casos, são mais freqüentes as alucinações visuais, como as descritas, do que as auditivas. As alucinações auditivas, são, na ST de aproximação (e em geral em PG), de uma porcentagem mínima. Contudo, sendo a ST provavelmente o fenômeno psigâmico mais freqüente, pode-se reunir um respeitável número de casos com alucinação auditiva.

(6) GURNEY, E.; MYERS, F. W. H. and PODMORE, F.: “Phantasms of the Living”, 2 vols., Londres, Trubner, 1886-7, vol. II, pág. 94.

Um ancião de 84 anos, Sr. SAUNDERS, era muito surdo. No dia 8 de janeiro, às 7,30 horas da tarde, não obstante a enorme surdez, ouviu nitidamente (por ação da percepção interna, alucinação sem fundamento externo normal) uma voz que lhe dizia: "Tom chega hoje". Tom estava durante a guerra, como soldado, na França. Na véspera da alucinação o velho tinha recebido uma carta de Tom na qual anunciava voltar a escrever em seguida. Não era, pois, lógico esperar a chegada de Tom em pessoa. Poucas horas depois de ter percebido o velho a sugestão telepática auditiva, chegava Tom (7).

As condições para a ST nestes casos não são boas (mensagem não muito emotiva, estado de vigília...). Por isso dizemos, a porcentagem de alucinação visual, e mormente auditiva, é mínima na ST de aproximação.

Mas sem nitidez ou sem alucinação, a ST de aproximação é fenômeno freqüente. Parece excessivamente freqüente para que possamos pensar que só se trata de mera casualidade. Os provérbios de todos os países fazem alusão ao fenômeno: "falando do diabo, já aponta o rabo", "hablando del rey de Roma, por la puerta asoma", "si murmuras de la comadreja, le verás la oreja"; "quand on parle du loup, on en voit la queue", "speak of the devil, and he will appear", "quando si parla del sole, il sole spunta", etc...

Este fenômeno não só tem chamado a atenção do povo que o classificou nos provérbios, mas interessou também vivamente a alguns metapsíquicos que discutiram amplamente o assunto; assim, por exemplo: RICHET (8), MYERS (9), G. C. FERRARI (10), defendem a explicação paranormal; o

(7) "Journal of S. P. R.", tomo XIX, págs. 30 ss.

(8) RICHET, o. c., págs. 734 ss.

(9) MYERS, Frederic W. H.: "Human personality and its survival of bodily death", 2 vols., Londres, Longmans, 1902-3. Tradução francesa de JANKELEVITCH: "La personnalité humaine. La survivance, les manifestations supra-normales", Paris, Alcan, 1919, pág. 229. Tradução espanhola: "La personalidad humana", Buenos Aires, Saros, 1958; Paris-México, Vda. Ch. Borret, 1906.

(10) FERRARI, G. C.: "Prévision ou prémonition à rappel", em "A. S. P.", tomo XV, págs. 585 ss.

Dr. ROCH ⁽¹¹⁾, o Dr. GRASSET ⁽¹²⁾ e outros, mantêm-se indecisos.

Não pretendo, ao menos por enquanto, definir o assunto, que precisaria ser analisado e experimentado com uma série de precauções não fáceis de se tomar.

De fato, é evidente que muitíssimos dêstes fatos são simplesmente normais ou dos que chamamos "extraordinário-normais" em expressão um tanto antinômica. Contudo, parece muito difícil excluir completamente dêsses casos a explicação por sugestão telepática: o agente seria a pessoa que está vindo, pensando nas pessoas que vai visitar (telebulia). Devido, porém, às péssimas condições de conteúdo e estado psicofisiológico do agente e percipiente, a ST só seria captada inconscientemente, provocando nos percipientes o fato de começarem a pensar e inclusive a falar do agente.

A PERCEPÇÃO COLETIVA — Um primeiro tipo de percepção coletiva: quando duas ou mais pessoas, em diferentes lugares, captam um mesmo fato.

Durante a guerra napoleônica, um inglês, Sr. SWITHINBANK, estava na guarnição em Douvres com dois filhos. Os outros membros da família encontravam-se em Bradford, no Yorkshire. Cada um dos três soldados estava alojado em barracas diferentes espalhadas pelo acampamento. Uma manhã, após a parada militar, o pai disse a um dos filhos: "Tive hoje à noite um sonho esquisito", ao que respondeu um dos filhos: "Eu também". Então, o segundo filho assombrou-os dizendo: "Eu tive hoje um terrível pesadelo: sonhei que mamãe tinha morrido". Os três tiveram o mesmo sonho na mesma noite em que morria a Sra. SWITHINBANK ⁽¹³⁾.

(11) ROCH: "Note sur les prévisions de rencontre", em "Archives de Psychologie", tomo V, pág. 149.

(12) GRASSET, J.: "L'Occultisme hier et aujourd'hui; Le Merveilleux préscientifique", 2.^a ed., Montpellier, Coulet, 1908, págs. 336 ss.

(13) GURNEY, E.; MYERS, F. W. H., e PODMORE, F.: "Phantasms of the living", 2 volumes, Trubner, 1886-7, volume 2.^o, pág. 382. Tradução francesa resumida por MARILLIER: "Les hallucinations Télépathiques", Paris, Alcan, 1891.

Mas como percepção coletiva da ST entende-se comumente aquêlê fenômeno em que os percipientes estão reunidos e todos captam a mesma mensagem, prescindindo de certas diferenças acidentais devidas, ao menos em grande parte, a interferência do próprio inconsciente, de acôrdo com as diversas personalidades.

Um caso de percepção coletiva de ST circunstancialmente descrito, comprovado e estudado, é o do Dr. ISNARD.

Quando o Dr. ISNARD, professor no Val-de-Grace, era ainda estudante, teve uma visão que ao mesmo tempo foi captada por sua irmã e um amigo. Os três fizeram um completo testemunho.

A mãe do Dr. ISNARD estava gravemente doente em Paris, rua Jacob. Havia já quatro meses que estava na cama, e repousava no quarto vizinho à sala de jantar, no qual estavam os três jovens. De repente, êstes viram a porta escancarar-se. Apesar de estarem tôdas as janelas fechadas, sentiram uma corrente de vento. Entre os umbrais havia uma sombra, um fantasma de mulher, pequena, arqueada, a cabeça inclinada, os braços cruzados sôbre o peito. Um véu grisáceo como poeira parecia cobri-la. Avançou lentamente pela sala; deslizando sôbre o assoalho “passa perto de nós, contorna a porta aberta e desaparece...”.

A descrição e as palavras transcritas são do Dr. ISNARD. Também sua irmã e seu amigo, Sr. Menou CORNEUT, testemunharam ter visto idêntica aparição. A senhora ISNARD, mãe do doutor, ainda demoraria alguns dias para morrer... (14)

Não vou deter-me neste tomo na explicação sôbre os fenômenos da porta que se abre, o vento misterioso, etc. No fundo de tudo há uma sugestão telepática: a doente, do leito no quarto vizinho, estava ouvindo a alegre conversa dos filhos e do amigo. O inconsciente e benévolo desejo de levantar-se, abrir a porta e assistir à conversa, ou a irritação “subterrânea” pela alegria da família em meio à própria dor, e conseqüente desejo de entrar e repreendê-los, constituem a telebulia que provocou a sugestão telepática.

(14) “Annales des Sciences Psychiques”, tomo I, págs. 193-202.

O TEMPO NA ST — Como é natural e já indicamos no capítulo anterior, a ST prescinde das leis do tempo dentro do prazo “existencial”.

O Sr. NAPOLEAO, sargento aposentado, passava um dia com um amigo diante de duas casas isoladas. Era noite. De repente se ouvem golpes surdos, como se estivessem batendo com um martelo. Mas nada sucedia. Dois dias depois, no mesmo enderêço, êles ouvem os mesmos golpes, agora reais. O marceneiro do povoado fazia apressadamente um caixão para um pastor, falecido na véspera (15).

ST precognitiva, coletiva e com alucinação auditiva(!), apesar de não haver ligação afetiva nenhuma entre agente e percipiente. Único elemento favorecedor da ST era a emotividade do marceneiro, impressionado pela morte repentina do pastor e receoso de que os golpes pudessem incomodar alguém (eis a telebulia interpretativa).

Os casos espontâneos demonstram que o fenómeno classificado como ST é o mais frequente entre os fenómenos psicânicos.

A ST admite muitas subdivisões: salvadora, mútua, de aproximação, de percepção coletiva...

A ST prescinde das leis da distância e do tempo como todo fenómeno psicânico.

(15) FLAMMARION, Camille: “La mort et son mystère”, 3 volumes, Paris, E. Flammarion, 1920-1, pág. 114. Trad. portuguesa: “A morte e o seu mistério”, Rio de Janeiro, F. E. B., s. d. (1955, os 3 vols.), v. I, pág. 95.

ST experimental

**DO LABORATÓRIO TENTA-SE DIRIGIR
OS PLANOS ALHEIOS**

Ida e volta de Paris a Buenos Aires numa noite. — Como influir, à distância, nos planos do chefe. — À distância, um cientista dirige o sonho de uma criança. — Dois cientistas conseguem, repetidas vezes, comunicar-se telepaticamente.

NÃO se podem criar situações autêntica e fortemente emotivas. Os participantes na experiência, aliás, deveriam estar “inconscientes”... A experimentação deve ser abordada em más condições para a realização do fenômeno. Isto porém, oferece um possível lado vantajoso: se há algum êxito em más condições, é lógico esperar que o fenômeno fôsse mais freqüente em melhores condições, confirmando o observado nos casos espontâneos.

Escreve RHINE: “Há outro tema que espera consideração dos investigadores e que pode ter grande importância. É o de saber se é possível a sugestão telepática e sob que condições. Em caso afirmativo, qual é o efeito, se há, da comunidade de experiências, de conhecimento, de amizade, de

amor, de barreiras lingüísticas, de dúvida e muitos outros fatores? Trata-se de um fenômeno que tem considerável importância em muitos aspectos, principalmente no da saúde mental, e cujo estudo os parapsicólogos ainda não se decidiram a abordar. Mas o problema não pode ser preterido indefinidamente... Muitos psiquiatras têm sugerido que existem possibilidades construtivas e saudáveis que devem ser exploradas em interesse da psicoterapia e da higiene mental" (1).

A possibilidade da ST, condições, fatores, qualidades, etc., a que alude RHINE, são justamente os temas dêste e dos dois capítulos anteriores. Das pragmáticas ou possíveis técnicas de provocar e controlar o fenômeno, falaremos em outro tomo, assim como da Subjugação Telepsíquica que RHINE inclui na Sugestão Telepática.

EXPERIÊNCIAS FORA DO LABORATÓRIO — A ST não foi abordada em experiências quantitativas, no estilo da escola de RHINE. Há, porém, experiências qualitativas. O caso seguinte é experimental por ser resultado de tentativas, mas não é de laboratório.

"Certa senhora entregara-se, havia muito tempo, ao estudo e prática dos fenômenos espiritualistas... Quis tentar uma experiência própria... Encontrava-se, naquela época, em Paris, e havia deixado alguns bons amigos numa grande cidade da América do Sul. Resolveu, pois, aparecer a alguns deles, e para isto concentrou firmemente a sua vontade durante alguns dias, neste desejo" (telebulia). No próprio dia em que pensava realizar a experiência "ela se entregou a trabalho muito fatigante, indo ao ponto de colher batatas num campo, durante várias horas, a fim de quebrar, pelo cansaço, toda a resistência do corpo físico, deixando por conseguinte, em maior liberdade o corpo astral ou perispírito..." (Segundo as expressões inexatas dos ocultistas, espíritas, etc., que estudaremos em outro tomo).

(1) RHINE, Joseph Banks: "New frontiers of the mind", New York, Sloaner, 1937. Citamos da tradução espanhola por KREIMAN, Dora Joninsky de: "El nuevo mundo de la mente", Buenos Aires, Paidós, 1958, pág. 101 s.

Pelas 9 horas da noite, foi deitar-se, depois de ter, mais uma vez, concentrado toda a sua vontade sobre a própria aparição que queria provocar à distância. Dormiu profundamente.

No dia seguinte, ao acordar, não guardava a menor lembrança do que pudesse ter acontecido. Ignorava por completo se a experiência tinha ou não sido coroada pelo êxito.

Só depois de passado um mês é que recebeu uma carta da pessoa sobre a qual ela tinha querido atuar: "Ontem fui ao baile do Sr. E... De repente, houve um instante no qual, encontrando-me rodeado de senhoras numa pequena sala, ouvi a sua voz muito conhecida e agradável que me dizia: "Eu também estou...". Virei-me com presteza palpitando meu coração e vi você, minha amiga, recostada no para-peito de uma janela, sorrindo com doçura e picardia. Vestia um traje branco (camisola de dormir?) Oh! Vi você, acredite, não é conto, posso afirmá-lo, e minha surpresa foi tão grande que uma senhora me perguntou: "Aconteceu-lhe alguma coisa? Encontra-se mal?" A visão foi rápida, fugiu com rapidez dos meus olhos... Se para crer nessa visão precisa você minha palavra de honra, dou-lha".

Além do estado de inconsciência no agente, havia, ainda, laços de profunda amizade entre a agente e o percipiente.

Em idênticas circunstâncias, procurou a mesma senhora realizar outras sugestões telepáticas. Assim se expressa ela mesma, em carta ao ocultista PAPUS:

"Passo às vossas mãos a cópia duma arte da carta de que vos falei. O amigo que a escreveu não desconfiava que eu quisesse aparcer-lhe Tenho o original da carta, que está a seu dispor. Quanto à outra carta do mesmo gênero, não tornei a encontrá-la. Fôra enviada por minha mãe (de novo, pois, o percipiente é um ser querido), que achando-se em Leningrado e encontrando-se eu em Buenos Aires conta ter visto minha pessoa no quarto dela, uma noite; tão assustada ficou que me pedia encarecidamente para não repetir tal experiência com ela. Das 10 experiências que fiz até hoje, só estas duas foram bem sucedidas" (2).

(2) PAPUS (pseudônimo de Gérard Anacleto Vincent ENCAUSSE): "Le Traité élémentaire de magie pratique". Usamos a tradução portuguesa: "Tratado Elementar de Magia Prática", 3.^a ed., São Paulo, O Pensamento, 1949, págs. 482 ss.

Poder-se-iam aduzir mais casos...

Estando em vigília o agente e só o percipiente em inconsciência, é mais fácil fazer e controlar a experimentação embora as condições para o fenômeno sejam piores. Possuímos experiências bastante mais numerosas, tanto de amadores como de laboratório. Das experiências de amadores, não de laboratório, por serem menos importantes só citarei dois exemplos, um antigo e outro contemporâneo.

O agente era um destacado metagnomo, que tinha dado mostras surpreendentes de precognição espontânea, convicto conhecedor do ocultismo. Teve, em certa ocasião, de sustentar uma luta ingente para levar adiante negócios de alta importância para ele. Mas tôdas as probabilidades lhe pressagiavam um fracasso completo.

Decidiu servir-se de um fenômeno "oculto" para convencer a pessoa de que dependia o bom êxito no negócio. O ocultista sabia que aquela pessoa costumava deitar-se cedo. Durante as duas primeiras horas do sono daquele senhor, o ocultista concentrou o pensamento e a vontade: pensava com força no adormecido e advogava, pouco a pouco, com suavidade de expressão mas com força de concentração mental sua própria causa e defendia seu ponto de vista. Poucas idéias, uma só intensamente pensada com intenção de que fôsse aceita pelo outro senhor (telebulia). Assim tôdas as noites.

O ocultista notou que ia conseguindo que o citado senhor não se mostrasse tão terrivelmente decidido contra seu ponto de vista. Não passou muito tempo, quando aquela pessoa "espontaneamente" determinou a execução de uma medida abertamente em oposição à sua primitiva e irredutível maneira de ver as coisas, mas altamente favorável ao ocultista e de acôrdo com os planos dêste. Ninguém podia esperar semelhante resultado; todos, exceto o ocultista, ficaram surpreendidos com tal determinação.

Êste caso antigo é referido por PAPUS na obra citada. Entre os casos contemporâneos, cito um do meu repertório.

"Em dezembro de 1961, meu irmão Jorge adoeceu em Piracicaba (onde cursava o último ano de Agronomia). Um amigo, Ivan, que se dedicava ao estudo das forças do pensamento, perguntou a meu irmão se queria mandar um recado para a mãe, que ele tentaria. Meu irmão zombou: "Larga de bobagem, Ivan, eu não acredito nisso". Ivan insistiu. Meu irmão, ao fim, deu o seguinte recado: "Estive

doente, mas já estou bem e irei para casa sábado". Ivan perguntou a que horas costumava deitar minha mãe.

Naquela noite eu e meus irmãos estávamos estudando na sala. Mamãe já estava deitada fazia bastante tempo. Lá pelas 23 horas, ela veio queixando-se de forte dor de cabeça. Tivera um "sonho" esquisito: vira um rapaz (baixo, gordo...) num canto do quarto que lhe dizia: "Eu sou Ivan, colega de Jorge. Ele me pediu que viesse avisá-la de que esteve doente, mas já está bom e virá para casa sábado". Depois ele desapareceu.

Ficamos surpresos com a chegada do meu irmão justamente no sábado. Meu irmão fez questão de que minha mãe fôsse a Piracicaba para ver se era Ivan o jovem que ela vira em sonho. Era o mesmo".

Este caso, entre outros vários de conhecimento paranormal experimentados pela sua mãe, foram-me contados por uma senhorita universitária de Lins (São Paulo). Fiz questão de que algumas pessoas conhecidas me corroborassem os fatos e pedi que me escrevessem todos os detalhes que eu aqui resumi.

Destas experiências fora do laboratório temos bastantes, como disse. Em certos ambientes se intentam experiências semelhantes e quase de contínuo. Claro que os êxitos são relativamente poucos, por falta de bons percipientes e circunstâncias aptas, além de escasso conhecimento científico do fenômeno e excasso de superstição. Aliás, o paranormal não é fácil de se submeter ao controle da vontade.

OS COMEÇOS DA EXPERIMENTAÇÃO CIENTÍFICA — Nos primeiros anos do século, realizou-se uma série de experiências de laboratório com excelentes resultados. O investigador, porém, desanimou... As experiências nem sequer foram publicadas. Faltou-lhe coragem para afrontar a crítica materialista que tanto estava impedindo as investigações dos metapsíquicos. Conhecemos as experiências por uma carta que o investigador chefe, Dr. HEYMANS, da Universidade de Gorníngem (Holanda) escreveu ao Dr. RICHET ⁽³⁾.

(3) RICHET, Charles: "Traité de Métapsychique", 2.^a ed., Paris, Alcan, 1923, págs. 211 ss.

O Dr. HEYMANS, professor de Filosofia, segundo RICHET, de Psicologia (Racional) segundo concretiza RHINE, escreveu: "Nossas experiências de telepatia foram executadas em duas salas superpostas, do meu laboratório. Na sala inferior, que está iluminada, se encontra o sujeito (um estudante da Universidade que tinha dado mostras de ser excelente para o caso), com os olhos vendados, e colocado dentro duma espécie de armário fechado, que tem na parede da frente uma abertura pela qual o sujeito passa a mão. Esta mão pode-se mover por cima duma tábua horizontal dividida (como um tabuleiro de xadrez) em $6 \times 8 = 48$ compartimentos quadrangulares. No teto da sala (construída de cimento armado) há uma janela de vidro. Por essa janela, um de nós (concretamente, o Dr. H. J. W. BRUGMANS), que se estende no chão da sala superior, enxerga o tabuleiro e a mão do sujeito através duma janelinha de vidro grosso e trata de dirigir, mentalmente, esta mão ao compartimento determinado de antemão pela sorte. Como o aposento superior está, durante as experiências, em escuridão, o sujeito não poderia ver nada do que ali se passa ainda que estivesse com os olhos desvendados e não estivesse dentro do armário" (os parênteses são nossos). O som também não poderia passar: ainda gritando era impossível fazer-se ouvir, como se comprovou.

Determina-se por sorte o compartimento a sugerir. Se não se fizesse por sorte, poder-se-ia supor, numa longa série de experiências, que ao menos o inconsciente do sujeito terminaria por dar-se conta do mecanismo psicológico do experimentador na eleição dos compartimentos.

Havia dois sacos contendo fichas ou pedras de jogo. As de um saco marcadas de A até H, as do outro saco numeradas de 1 até 6, acomodando-se à numeração do tabuleiro. Eram misturados continuamente. O Dr. BRUGMANS tirava uma pedra de cada saquinho para determinar a casinha do tabuleiro que se deveria sugerir ao sujeito para ser assinalada com o dedo.

Continua HEYMANS: "A casinha em questão (probabilidade de $1/48$) foi indicada 32 vezes em 80 experiências.

RHINE, Joseph Banks: "The reach of the mind", New York, Sloanes, 1948 e Londres, L. Faber, 1948. Tradução espanhola: "El alcance de la mente", Buenos Aires, Paidós, 1956. Nós utilizamos de preferência a tradução francesa por SUDRE, René: "La double puissance de l'esprit", Paris, Payot, 1952, págs. 29 ss. Neste livro RHINE acrescenta detalhes que não estão no livro de RICHET.

A possibilidade, segundo o cálculo de probabilidades, de obter êstes 32 acertos está expressa por uma fração absolutamente astronômica: $1/10^{21}$.

As experiências se repetiram noutra ocasião. Obtiveram-se 60 acertos sôbre um total de 187 tentativas, sendo que, segundo as leis do acaso só se deveriam ter obtido 4 acertos.

Estas experiências, à primeira vista, poderiam ser classificadas como "Transmissão do Pensamento", supondo "esfôrço" mútuo do agente para sugerir e do percipiente para captar. Classificamo-las, porém, como de ST, porque o percipiente adotava uma atitude meramente passiva. De fato, o fracasso foi completo quando o sujeito se esforçou por averiguar. Os investigadores concluíram que a vontade, por parte do sujeito, de obter êxito, extinguiu por completo a faculdade de que tinha dado provas quando atuava com uma espécie de convencimento de que o estavam submetendo a experiências absurdas. Há outro detalhe em prol da ST e contra a transmissão do pensamento: quando o sujeito estava num estado de menos consciência, por exemplo, por ter ingerido alguma quantidade de álcool, o êxito era superior.

Ê famosa uma série de experiências de sugestão telepática, realizadas também estando ambos os participantes em estado normal. Ou melhor, o estado do percipiente podemos considerá-lo até certo ponto de "crepuscular". Com efeito, o Dr. Emilio DESBEAUX, o percipiente, se instalava o mais comodamente possível, de plena inatividade, diríamos uma inconsciência artificial, esperando que algum sonho lhe aparecesse como vindo de fora, espontâneo, não provocado de maneira alguma por sua própria imaginação e vontade. Ê êsse estado de plena inatividade no percipiente que nos autoriza a catalogar as experiências como ST e não TP (Transmissão do Pensamento).

Escreve o mesmo Dr. DESBEAUX: "Meu amigo, o Dr. Léon HENRIQUE (o agente) achava-se em Ribemont (Ais-me) e eu (percipiente) estava em Paris, isto é, a uma distância de 71 kms. Era meia-noite e trinta".

Imediatamente após cada experiência, agente e percipiente fariam o relatório e o mandariam ao correio. As cartas, pois, se cruzavam.

Na primeira experiência, escreveu o agente: "enquanto esperava a hora da comunicação, adormeci. A meia-noite e quarenta acordei bruscamente. Decidi que você veria a minha lâmpada... Queria que ela lhe aparecesse em casa, para onde guiei meu pensamento. A lâmpada tinha um abajur japonês, no qual se achavam desenhados, de um lado um martim pescador sobre um gravêto, de outro lado um buquê de flores. A lâmpada estava apagada, mas perto dela uma lamparina fazia transparecer as flores. Concentrei minha vontade durante perto de seis minutos..."

Antes de receber a carta do agente, o percipiente comunicava: "o relógio marca meia-noite e cinquenta e cinco minutos e aí vai o que acabo de ver. A meia-noite e trinta me instalei na poltrona... ao cabo de certo tempo vejo um "V" brilhante e grande, depois umas nuvens muito tênues, semelhantes a uma fosforescência cintilante que aparecem, desaparecem, tornam a aparecer, sem forma apreciável. Segue-se uma interrupção. De repente vejo brilhante, muito visível, durante dois segundos apenas, um buquê, uma braçada de flores. Espero na mesma posição ainda bastante tempo. Nada mais, porém, me aparece..."

Tinha captado um "V" grande e brilhante, que parecia corresponder ao abajur iluminado pela luz da lâmpada. Percebeu também, nitidamente o desenho brilhante do buquê de flores.

Uma semana mais tarde, no dia 18 de junho, faziam a segunda experiência:

"Na hora combinada pego uma lâmpada e coloco-a sobre a minha mesa, em plena luz, sob o abajur. Meu pensamento vai até sua sala... Começo a querer que minha lâmpada seja vista por você. Durante dez minutos persisto nesta idéia..."

O percipiente escreveu: "sentado numa poltrona vi logo uma pequena ampola de vidro desenhar-se nitidamente; depois vi aparecer algumas nuvens tênues procurando tomar forma; por fim uma última

nuvem fosforescente condensou-se formando uma bola, uma esfera cheia e luminosa. Decorrido certo tempo, que calculei de seis a dez minutos, nada mais vi”.

De nôvo, êxito significativo: prescindindo das nuvens, que parecem ser um mecanismo de captação (aliás não raro noutras experiências e casos espontâneos), o percipiente viu uma bola, uma esfera cheia de luz, durante mais ou menos o tempo todo em que o agente concentrou seu pensamento tratando de sugerir a lâmpada iluminada.

Passaram-se quase três semanas e no dia 6 de julho realizavam a terceira experiência.

“Incluo aqui a palavra que procurei fazer com que você visse...” Incluí um papel no qual estava escrito em grandes caracteres a palavra “DEUS”.

O percipiente escreveu: “Parece-me distinguir o resultado de cada um dos seus esforços: são nuvens fosforescentes que se sucedem com muita rapidez, parecendo que querem tomar forma cada vez mais precisa: de repente nada mais se vê, dir-se-ia que seu esforço está esgotado... Nas primeiras nuvens, apenas esboçada, uma forma, um círculo como de cobre do qual escapam raios metálicos; depois a figura se torna mais brilhante conservando a forma estrelada; dir-se-ia que o espaço entre os raios está guarnecido de diamantes. Tenho então a impressão confusa de uma jóia, de um broche de mulher ornado de pedrarias. Nunca experimentei, porém, tão viva sensação e tão apreciável de uma idéia (“éidolon”) a me penetrar na mente”.

Os experimentadores consideram a experiência como completo fracasso. Está certo. Mas não deixa de chamar a atenção o fato de que é só agora que se sente a sensação forte de uma idéia. Só agora, a única vez que se transmite um ser espiritual, e não um objeto material...

Um mês mais tarde, 2 de setembro, realizaram a última experiência da série.

“Tratava-se de saber se as imagens telepáticas se apresentariam contra a minha vontade. Procurei isolar a sua pessoa, isto é, desembaraçá-la das preocupações ambientais. Quis que você estivesse só, inteiramente só mentalmente”.

Eis o fragmento da carta que se cruzou com a que acabamos de ler: "Durante meia hora meus olhos esperaram a mensagem telepática e não vi coisa alguma! Nada a não ser a escuridão! Não estarei suficientemente treinado? Dar-se-á o caso de que você se tenha esquecido do assunto? Espero suas notícias" (4).

Que eu saiba, êstes autores não publicaram novas séries de experiências que possam catalogar-se de ST. Fêz, sim, o Dr. DESBEAUX experiências que êle e outros acreditavam de sugestão telepática com os conhecimentos da época, mas que hoje não cabem dentro da ST. O experimentador não excluía o influxo da hiperestesia, cujas enormes possibilidades ao parecer, nem suspeitava.

Possuímos várias outras experiências isoladas de ST em *vigília*, realizadas por diversos investigadores. Os êxitos nunca são muito numerosos, dadas as péssimas condições em que tentaram o fenômeno.

São sintomáticas as palavras do experimentador Cel. Albert de ROCHAS a respeito dum sujeito, aliás bastante bom: "Obtive uma vez, uma só, à distância de vários quilômetros, sôbre esta senhora, *acordada*, uma comunicação de pensamento muito característico" (ST). O característico do pensamento comunicado mostra que houve de fato ST; mas que o fenômeno nestas condições é muito difícil, bem o indica a insistência de ROCHAS de que foi "uma vez, uma só" (5).

UM PASSO À FRENTE NA EXPERIMENTAÇÃO — Em tôdas as experiências que até agora temos contado, apesar de não serem favoráveis as condições para a ST, houve alguns êxitos notáveis. Isto garante que, se se pudessem empregar na experimentação as condições ideais que reclamam os casos espontâneos para esta classe de fenômeno, o êxito

(4) "Annales des Sciences Psychiques", 1893, págs. 115 ss.

(5) ROCHAS, Albert de: "Les états profonds de l'hypnose", artigo-resumo dum livro com o mesmo título em "L'Initiation", Paris, 1904.

seria, evidentemente, muito mais freqüente e empolgante. Esta consideração é o grande valor probatório que têm as experiências em condições deficientes. As melhores condições ainda não se conseguiram na experimentação e parece difícil que se possam conseguir, por razões óbvias.

EXPERIÊNCIAS DURANTE O SONO DO PERCIPIENTE — Parece que o sono fisiológico é até melhor estado do que a hipnose, para a percepção da ST.

Entre 1892 e 1893 organizou o italiano Dr. G. B. ERMACORA uma série de experiências de alto valor científico. As precauções tomadas são dignas da moderna Parapsicologia.

Tanto a sala do percipiente como a do agente estavam fechadas com chave, seladas e carimbadas, e a distância considerável uma da outra, a fim de se evitar qualquer hiperestesia ou truque inconsciente ou irresponsável.

Fechado com o percipiente estava um controlador, para ver se de fato o percipiente estava dormindo, etc., mas este controlador não sabia que sonho se sugeria ao adormecido. O percipiente, aliás, deveria ignorar inclusive que era objeto de experiências; assim conseguia, entre outras coisas, diferenciar em classificação prática estas experiências de ST, das de transmissão do pensamento (intenção telepática consciente do agente e do percipiente) e das de adivinhação do pensamento (intenção telepática só do percipiente). Para que este não estranhasse que se lhe pedisse com tanta freqüência o relato de seus sonhos, vindo assim a suspeitar que era objeto de experiências, era preciso experimentar com uma criança. A pessoa que controlava o menino deveria perguntar-lhe o sonho, e deveria anotá-lo num papel, antes de sair da sala.

Com o agente, em outra sala distante, havia também um controlador, que não diria ao agente nem escolheria ele mesmo o sonho a transmitir, senão quando a porta já estivesse fechada e selada.

Foi escolhida para percipiente, entre muitos, Angélica CAVAZZONI, de 5 anos, exatamente 4 anos e três meses no comêço das experiências que duraram 7 meses. Angélica, já antes das experiências, tinha-se destacado como excelente metagnoma.

Fêz o papel de agente o mesmo Dr. ERMACORA, numa longa série de experiências. Os resultados foram absolutamente nulos.

Não se podendo duvidar das excelentes qualidades parapsicológicas da menina, alhures demonstradas, o Dr. ERMACORA deu-se conta de que talvez o fracasso se devesse ao agente. De fato, o estado especial no agente é também importante. Lamentavelmente, não se podia conseguir um estado de plena inconsciência no agente, pois nesse caso seria difficilimo dirigir as experiências. Por outra parte, o conteúdo a sugerir telepaticamente não podia ser forte e autenticamente emotivo.

Foi escolhida para agente Maria MARZINI, uma pessoa de forte vida inconsciente com frequentes crises de sonambulismo espontâneo, grande facilidade para a escrita automática e, além disso, doente e prostrada na cama. Desta vez o êxito foi notável: das cem provas que se fizeram, 54 foram completamente concludentes: 21, ainda, de êxito parcial; só 25 provas de resultado nulo. Deve ter-se em conta ainda que dessas 25 provas nulas, 21 fizeram-se em momentos nos quais o agente estava em notável melhora na sua doença e do seu automatismo, além de outras condições desfavoráveis para a produção do fenômeno ⁽⁶⁾.

Eis, como exemplo, uma experiência escolhida entre as de êxito parcial. Dever-se-ia sugerir o seguinte sonho, bastante complicado por razões óbvias de análise qualitativa: a menina deveria sonhar que era pastora, que estava cuidando de cabras num monte. Perceberia que faltavam três cabras do rebanho. Iria procurá-las e, ao voltar sem tê-las encontrado, lhe apareceria uma senhora, vestida de azul, com uma sombrinha na mão, que lhe diria que as três cabras tinham caído no rio.

Quando a menina acordou, foi interrogada pela controladora, Sra. AUNETTA, que, repetimos, não sabia nunca qual era o sonho suge-

(6) ERMACORA, G. B., em "Annales des Sciences Psychiques", 1895, págs. 332 ss, e 1896, págs. 154 ss.

rido. A menina contou que tinha sonhado estar num lugar alto com um pau na mão, cuidando de "muitos cachorros com chifres".

— "Cachorros com chifres? — perguntou o confidente —, seriam as orelhas."

— "Não — respondeu a menina — eram chifres de verdade."

O detalhe de julgar que eram cachorros com chifres deve-se considerar como especialmente demonstrativo, pois a menina conhecia os chifres das vacas, conhecia também os cachorros, mas nunca tinha visto cabras ⁽⁷⁾. Os telepatas receptivos traduzem com frequência à sua pessoal linguagem imaginal a mensagem que recebem.

Recentemente, o Dr. Wilfried DAIM, entre outros, renovou semelhantes experiências em sonhos, com igual êxito. Caprichou impecavelmente nas condições de tempo, distância, agente, receptor, objeto da sugestão, protocolização dos resultados, etc. Sendo experiências semelhantes às do Dr. ERMACORA, bastará a citação. Únicamente, para reforçar o que já está afirmado, deve-se notar que o Dr. DAIM, nas suas impecáveis análises, comprovou como o percipiente, quando é surpreendido pela mensagem telepática em meio ao sonho próprio, incorpora frequentemente o nôvo elemento ao seu próprio sonho, sentindo, porém, uma indefinível estranheza ante o nôvo elemento intruso ⁽⁸⁾.

O EFEITO DE REFÔRÇO DOS AGENTES — Multiplicando-se os agentes, parece que o fenômeno pode surgir com maior facilidade, mesmo quando as demais condições são péssimas.

Uma experiência muito interessante me foi contada pelo próprio experimentador-chefe. Por razões evidentes, não me

(7) Além das relações citadas na nota anterior, pode-se ver um bom resumo das experiências de ERMACORA em SIEGMUND, Georg: "Der Traum", Fulda, 1949, págs. 88 ss. O exemplo concreto que acabamos de citar no texto está descrito nas págs. 67 ss.

(8) DAIM Wilfried: "Ueber experimentale Traum telepathic", em "Neue Wissenschaft" (Zürich), II, caderno 14-15, novembro-dezembro, 1953, págs 430-443.

julgo autorizado a dar nomes. O experimentador foi um jesuíta argentino, um padre destacado naquele país, mormemente no campo do ensino universitário.

Certo professor protestante fazia uma campanha "duvidosa" entre os universitários. O professor era de absoluta boa fé, mas igualmente inegável era a sua aversão à Igreja Católica. Com um grupo de universitários, começou então o padre, a título de experiências, a seguinte manobra: todos os dias, à hora em que sabia que o professor se recolhia a descansar, um grupo de vinte congregados marianos, cada um da sua casa, pensava, com "intenção telepatizante", no professor em questão, tratando de sugerir-lhe que reconsiderasse sua posição perante o catolicismo.

Pois bem, poucos dias depois, o professor entrava em tal crise religiosa que o padre teve que mandar suspender imediatamente a experiência, pois havia perigo de que o professor ficasse abalado dos nervos. Suspendida a experiência, o professor conseguiu reequilibrar seu sistema nervoso.

Seria interessante repetir em série, experiências parecidas, embora menos comprometedoras.

Devem citar-se, porém, as experiências do Dr. Gilber MURRAY, distinto humanista da Universidade de Oxford e Presidente da S.P.R. de 1915 até 1917. Os agentes eram diversos grupos de membros da S.P.R. de Londres, entre eles a famosa metapsíquica Dra. SIDGWICK.

Era lamentável, mas inevitável, que os agentes estivessem em estado normal. Concentravam-se os agentes, com a intenção de sugerir um sucesso histórico ou uma cena clássica. Impossível conseguir conteúdos telepáticos profundamente emotivos. Mas os acontecimentos históricos e cenas clássicas eram um pouco mais "emotivos" que cartas de baralho ou números. Em contrapartida era difícil a comprovação dos resultados e a aplicação do cálculo de probabilidades aos resultados obtidos.

O percipiente era o mesmo Dr. MURRAY, que estava também em estado normal.

O êxito, quando entrava em algum dos grupos a filha do Dr. MURRAY, “foi tão evidente que compensava sobejamente a falta de avaliação matemática”, segundo a expressão do Dr. RHINE ⁽⁹⁾.

O Dr. MURRAY adotava a atitude mais passiva possível. É êste um fator importante para a classificação das experiências como ST.

Deve-se notar que o resultado era menor quando a mãe não fazia parte do grupo, e era nulo quando só atuava a filha do agente. Isto quer dizer que, se a intervenção da filha estabelecesse um contato emocional muito conveniente, também o reforço que trazia o grupo era um fator imprescindível para ela, pois sôzinha não tinha “fôrça telepática” suficiente. Poderíamos repetir com OSTY, quando estuda o poder paranormal do grupo: “há um produtor predominante, embora com seu poder dependendo... do seu grupo: transplantado... perde sua capacidade” ⁽¹⁰⁾.

Poderíamos citar, em confirmação do efeito de reforço, a tese fundamental do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento (embora os métodos do Círculo geralmente não sejam científicos). Segundo o Círculo, o pensamento, como tal, pode ser emitido e existe fora da nossa mente como fôrça real, que pode ser dirigida pela intenção do emitente. Esta fôrça pode aumentar conjugando-se com a fôrça mental de outra pessoa, de forma que tanto maior será a fôrça mental resultante quanto maior fôr o círculo de pessoas que emitem ao mesmo tempo e numa mesma direção seus pensamentos. Prescindimos dos ressaibos panteístas com que é formulada esta tese, do materialismo subreptício de considerar a fôrça *psíquica* como sendo na realidade *física*, da pretensão de ser controlável esta fôrça, etc. O conteúdo fundamental desta tese é exato: o maior número de agentes reforça a mani-

(9) RHINE, tradução francesa: “La double...”, o. c., pág. 26.

(10) OSTY, E.: “Pouvoirs psychiques paranormaux de groupes et do couples”, em “Revue Métapsychique”, 1934, janeiro, págs. 15 ss. A citação que fazemos está tomada das páginas 16-17.

festação das faculdades parapsicológicas em geral e, concretamente, da ST.

POSIÇÃO PLENAMENTE CIENTÍFICA — Concluimos o tema da Sugestão Telepática com considerações semelhantes às que poderíamos fazer ao terminar o tema de qualquer fenômeno de conhecimento parapsicológico: em pleno rigor científico não sabemos ainda até onde chega o papel do que chamamos agente e do que chamamos percipiente: sou eu quem transmito a minha idéia ou é o inconsciente dêle que vem procurar em mim? Ou as duas coisas? Até onde vai o papel de cada um?

Segundo a nomenclatura, pareceria que a totalidade ou, ao menos, o principal do fenômeno ST se deve ao agente, ao que *sugere* a mensagem. Na realidade parece ser o contrário. O papel primordial, talvez, inclusive, único na atividade, é o do percipiente. A causa do fenômeno é o percipiente. O agente não passaria, ao que parece, de mera condição extrínseca, mero “objeto” da atividade paranormal do percipiente.

A faculdade de sugestão telepática, como de qualquer outro fenômeno parapsicológico de conhecimento, equivaleria, no âmbito do paranormal, às outras faculdades ou sentidos no âmbito do normal, como visão, por exemplo. Quem não tem a vista em bom estado, ou não tem todo o resto dos requisitos psicofísicos da visão suficientemente desenvolvidos e em bom estado, é cego ou mais ou menos deficiente na visão. Da mesma maneira, que não fôsse metagnomo, seria cego para captar, ou ao menos para manifestar, o conteúdo do que chamamos sugestão telepática. O agente faria unicamente o papel de objeto externo, em si mesmo extrínseco à atividade paranormal.

O objeto externo em ordem à visão, porém, deve encontrar-se em adequadas circunstâncias de luz, proximidade, etc. Da mesma maneira no âmbito paranormal, o “objeto” deve estar dotado de algumas qualidades e fatores suscetíveis de

serem apreendidos pela faculdade paranormal do percipiente: telebulia, emotividade, estado preferentemente de inconsciência e até, ao que parece, excitação da própria força paranormal do agente que precisaria, inclusive, de reforço em certos casos. O papel do agente é "iluminar" o objeto a ser apreendido pelo percipiente.

O nome, pois, de ST, provavelmente não corresponde bem à realidade, mas sim ao aspecto externo do fenômeno. Trata-se, de fato, duma classificação prática, consideração à primeira vista... ⁽¹¹⁾.

Os numerosíssimos casos espontâneos de ST foram confirmados experimentalmente, não só em experiências de fora de laboratórios, mas também em experiências com o máximo controle científico.

Parece que o papel preponderante, talvez exclusivo na realização da sugestão telepática, como em todo fenômeno parapsicológico de conhecimento é do percipiente, sendo o agente mera condição ou "iluminador" da realidade (física ou psíquica), a ser apreendida pelo percipiente. O agente, e portanto o "objeto" telepático, pode ser mais ou menos apto seguindo a emotividade, estado psicofisiológico, etc., podendo também ser "reforçado" por outros agentes.

(11) Terá notado o leitor que na exposição da ST, especialmente da ST experimental, somos bastante reticentes, aprofundando pouco, explicando pouco, precisamente no fenômeno que repetidas vezes temos qualificado como o mais freqüente e o mais fácil (ou menos difícil). É que seria uma grande irresponsabilidade de nossa parte ser mais claro neste tema, antes de expormos os grandes perigos, especialmente de insanidade mental, a que se expõem as pessoas que fomentam a ST. Em outros tomos falaremos dos perigos, assim como das técnicas mais ou menos viáveis de controlar estas forças do inconsciente. Então poderemos ser mais explícitos no tema da ST.

Terminamos glossando o primeiro parágrafo do prólogo. Temos exposto só os *fenômenos* parapsicológicos de *conhecimento*. Ficam muitos temas relacionados com os fenômenos estudados. E ficam outros muitos fenômenos e outros muitos temas. Isto é, ao leitor médio, ficam-lhe muitas dúvidas. Temos o plano, de acôrdo com as "Edições Loyola" e grandes especialistas, de ir publicando uma Coleção de Parapsicologia na qual se tratarão, de maneira sistemática, os principais fenômenos da Parapsicologia e os temas com eles relacionados.

Índice

16.	PSEUDO-PRECOGNIÇÕES — I	
	Causas “normais” das precognições aparentes ..	257
17.	PSEUDO-PRECOGNIÇÕES — II	
	Causas parapsicológicas das precognições aparentes	269
18.	PRECOGNIÇÃO	
	Conhecimento direto do futuro	287
19.	O PRAZO EXISTENCIAL	
	Limites temporais do conhecimento extra-sensorial	321

TERCEIRA PARTE

FENÔMENOS TELEPÁTICOS

20.	TELEPATIA E CLARIVIDÊNCIA	
	Um desafio à investigação	357
21.	DIVISÕES DE TELEPATIA	
	Classificações práticas	379
22.	TIE ESPONTÂNEA	
	Psi-Gamma perscruta os mais ocultos segredos	383
23.	TIE EXPERIMENTAL	
	A Parapsicologia desvenda o mistério	401
24.	ST ESPONTÂNEA — I	
	Aparições dos mortos ou fenômeno parapsicológico?	419
25.	ST ESPONTÂNEA — II	
	Sugestões telepáticas submetidas à análise	435
26.	ST EXPERIMENTAL	
	Do Laboratório tenta-se dirigir os planos alheios	445